UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

Nathalia Reis Fernandes

Expressão coletiva e gênero textual nos cadernos de Juca
Teles do Sertão das Cotias:
por um estatuto do gênero diário

versão corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Doutora em Filologia e
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Módolo

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F363e Fernandes, Nathalia Reis
Expressão coletiva e gênero textual nos cadernos
de Juca Teles do Sertão das Cotias: por um estatuto
do gênero diário / Nathalia Reis Fernandes ;
orientador Marcelo Módolo. - São Paulo, 2017.
204 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área
de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. gêneros textuais. 2. diários. 3. edição de
manuscritos. 4. São Luiz do Paraitinga. I. Módolo,
Marcelo, orient. II. Título.

FERNANDES, N. R. **Expressão coletiva e gênero textual nos cadernos de Juca Teles do Sertão das Cotias: por um estatuto do gênero diário.** Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Filologia e Língua Portuguesa.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para AGUINALDO,
que, assim como eu e Juca, por ser escrevinhador,
tem seu destino pautado no branco da folha.

AGRADECIMENTOS

Uma tese de doutorado é uma empreitada complexa, que se desdobra em fases e que exige mais da criatividade do que imagina aquele que nunca passou por essa experiência. Em meio a esse processo criativo, foi altamente enriquecedor observar o trabalho de artista desenvolvido por meu companheiro Aguinaldo Gabarrão, dramaturgo e ator; notei que o pesquisador também tem seus momentos de criador, e experienciei um ganho notável no desenvolvimento do fio condutor desta tese ao confiar na minha própria intuição e no não-racional, tal qual o faz o artista.

A Aguinaldo agradeço também a companhia na viagem que fiz a São Luiz do Paraitinga, em abril de 2014, e o apoio para a gravação da entrevista com o sr. Benito Campos.

Novamente, o apoio de meu orientador, Marcelo Módolo, foi crucial, tal como o foi na elaboração da dissertação de mestrado. A passagem do tempo me ofereceu oportunidades diferentes de trabalho e de expressão, e foi preciso muita confiança na minha capacidade para aceitar a condução desta tese – e, evidentemente, só tenho a agradecer por isso.

Os apontamentos e sugestões feitos pelas bancas de qualificação e defesa foram da maior importância para o delineamento definitivo do trabalho, e por conta disso não posso deixar de expressar minha imensa gratidão aos professores que se dispuseram à análise da tese: Vanessa Monte (FFLCH-USP), Helena Nagamine Brandão (FFLCH-USP), Luciano Vidon (UFES), Vera Saldanha (Alubrat e Faculdade Vicentina), João Rafael Coelho Cursino dos Santos e Helena de Oliveira Belleza Negro (ambos doutores pela FFLCH-USP).

Agradeço ainda à Prof. Sandra Lima (UNIFESP), que contribuiu enormemente por meio de seu artigo explicitando as semelhanças entre as teorias de Freud e Bakhtin, e ao Prof. Silvio Toledo de Almeida Neto (FFLCH-USP), pelo apoio à leitura codicológica inicial que fiz da documentação aqui analisada, nas aulas de Crítica Textual a que assisti para obtenção de créditos.

Também pude contar, mais uma vez, com o acesso ao acervo bibliográfico dos professores Nelson Nery Junior (PUC-SP e Unesp) e Rosa Maria de Andrade Nery (PUC-SP). Foi a Professora Rosa quem me apresentou aos cadernos de Juca Teles e à história de São Luiz do Paraitinga, com o sentimento próprio de quem viveu na cidade e tem verdadeira ânsia pela preservação da sua história.

Agradeço também ao Sr. Benito Campos, mantenedor do bloco Juca Teles, que, em rica e interessante entrevista, forneceu detalhes saborosos da vida dessa personagem que justificam plenamente o interesse pelos cadernos.

E, por fim, agradeço à minha família e amigos, pelo apoio costumeiro e pela paciência em razão da minha já proverbial falta de tempo e disponibilidade.

RESUMO

FERNANDES, N. R. **Expressão coletiva e gênero textual nos cadernos de Juca Teles do Sertão das Cotias: por um estatuto do gênero diário.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.

Esta tese explora o conteúdo dos chamados “diários” de Juca Teles, figura folclórica da cidade de São Luiz do Paraitinga (SP), possuidores de características que refogem ao que tradicionalmente se espera do gênero literário diário pessoal. Esses “diários” consistem num misto de agenda de trabalho, relatos de fatos da cidade e caderno de poesia, que, unidos, parecem conduzir a uma espécie de caleidoscópio de pessoas e circunstâncias, que se sucedem de forma aparentemente caótica e sem lógica. Dizemos “aparentemente”, porque os cadernos são bem cuidados, a letra é de bom traçado e praticamente não há borrões ou rasuras. Focado em apenas um dos diversos cadernos existentes, o estudo pretendeu, em primeiro lugar, avaliar se o caleidoscópio de que falamos consistiria em uma unidade, apesar da aparente fragmentação; em seguida, procurou-se avaliar se ele seria uma espécie de *obra coletiva*, evocativa da memória de toda a cidade, uma vez que há poucas referências pessoais ao autor e muita ênfase no cotidiano e na enumeração das pessoas; e, ao final, procurou-se confirmar se realmente se está diante de um “diário” ou se o material estaria enquadrado em gênero textual distinto. Concluído que se trata de um diário, traçou-se um estatuto mínimo do gênero diário, pouco estudado em termos constitutivos. Tal estudo foi desenvolvido com recursos da teoria do texto de linha bakhtiniana, da psicologia moderna, mais especialmente da abordagem integrativa transpessoal (o que, como se procurará demonstrar, não tem contradição com a adoção da linha de pensamento de Bakhtin), e da teoria existente sobre o gênero diário. Procedeu-se também à edição do caderno escolhido, de forma que se pudesse verificar o estilo do autor e ter contato mais próximo com as personagens e fatos que compõem o conteúdo do *corpus*.

Palavras-chave: gêneros textuais; diários; edição de manuscritos; São Luiz do Paraitinga.

ABSTRACT

FERNANDES, N. R. **Collective expression and textual gender at Juca Teles' notebooks: the standard of the "diary" genre.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.

This thesis explores the content of the so-called Juca Teles' "diaries". Juca Teles was a folkloric character from São Luiz do Paraitinga (São Paulo State, Brazil), and his notebooks have specific details that don't follow the expected lines in a personal diary. The "diaries" contain work notes, a description of some city events and poetry together, as a kaleidoscope of people and facts, apparently chaotic and without logic. We say "apparently", because the notebooks are in good state, the handwriting is clear and there is almost not a single erasure in them. The study focuses in only one of the various notebooks, intending to analyse if this kaleidoscope could be a single unite, nonetheless its apparent fragmentation. It will also aim to prove this *corpus* consists in a *collective writing*, containing the city's memoir, as there are little personal references to Juca Teles and too much emphasis on day-to-day life and lists of people. Also, it will try to prove if this *corpus* is a real diary. If we can prove that this *corpus* is really a diary, we will define this gender, due to the lack of studies regarding the subject. We will develop this study with resources from Bakhtin's theory, modern psychology (which can be combined with Bakhtinian theory, as it will be proven later) and pre-existent theory on diaries. Also, we will edit the notebook's content, to verify the author's style and to have a closer contact with characters and facts that are inside the "diary".

Keywords: text genres; diaries; manuscript edition; São Luiz do Paraitinga (Brazil).

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: o caderno utilizado neste trabalho e a etiqueta	18
Fig. 2: mancha padrão	19
Fig. 3: exemplo de alternância da mancha nos poemas	20
Fig. 4: exemplo de anotações em estilo agenda de trabalho	21
Fig. 5: exemplo de anotações em estilo narrativa e poesia	22
Figs. 6, 7, 8 e 9: exemplos de palavras escritas à margem da página	23
Figs. 10, 11, 12 e 13: exemplos de palavras escritas na pauta	23
Fig. 14: exemplo de anotação em estilo registro histórico	24
Fig. 15: exemplo de texto inconcluso seguido de espaço em branco	25

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 POR QUE OS CADERNOS DE JUCA TELES SÃO TÃO INTERESSANTES?	12
1.2 HIPÓTESES NORTEADORAS	14
1.3 OBJETIVOS	14
2. OS CADERNOS DE JUCA TELES	16
2.1 ANÁLISE CODICOLÓGICA	16
2.1.1 COTA	16
2.1.2 DATAÇÃO	16
2.1.3 LUGAR DE ORIGEM	17
2.1.4 FOLHA DE ROSTO	17
2.1.5 COLOFÃO	18
2.1.6 SUPORTE MATERIAL	18
2.1.7 COMPOSIÇÃO	19
2.1.8 ORGANIZAÇÃO DA PÁGINA	19
2.1.9 PARTICULARIDADES	20
2.1.10 ENCADERNAÇÃO	26
2.1.11 CONTEÚDO	26
2.2 EXEMPLOS DE TEXTO	27
3. CARACTERIZAÇÃO ESPACIAL E DE AUTORIA	29
3.1 SÃO LUIZ DO PARAÍTINGA	29
3.2 JUCA TELES (BENEDICTO DE SOUZA PINTO)	36

4. A UNIDADE NA FRAGMENTAÇÃO	43
4.1 GÊNEROS DO DISCURSO SEGUNDO BAKHTIN	44
4.2 <i>CORPUS</i> MULTIGÊNERO VS. UM ÚNICO GÊNERO POLIFÔNICO	48
4.2.1 A POESIA	50
4.2.2 AS ANOTAÇÕES DE TRABALHO	55
4.2.3 AS NARRATIVAS	57
4.2.4 CONEXÃO ENTRE AS TRÊS VOZES E UNIDADE DO MATERIAL: PROJETO DISCURSIVO E OBJETO DO SENTIDO	59
4.2.5 CONEXÃO ENTRE AS TRÊS VOZES E UNIDADE DO MATERIAL (2): OS CADERNOS COMO EXPRESSÃO POLIFÔNICA	62
5. OS CADERNOS COMO EXPRESSÃO DA COLETIVIDADE	66
5.1 BAKHTIN, IDEOLOGIA E SUJEITO	69
5.2 A IDEOLOGIA DO COTIDIANO EM SÃO LUIZ DO PARAITINGA	71
5.3 AS CAMADAS DA IDEOLOGIA DO COTIDIANO NOS CADERNOS DE JUCA TELES	73
5.4 O SUJEITO INDIVIDUAL INSERIDO NO COLETIVO. A FALA DA COLETIVIDADE	78
5.4.1 BAKHTIN X FREUD. MAIS SEMELHANÇAS DO QUE DIFERENÇAS	82
5.4.2 NOVAS CONSTRUÇÕES PSICOLÓGICAS. INCONSCIENTE COLETIVO E SUBLIMINARIDADE	85
5.5 NÍVEIS DE CONSCIÊNCIA	88
5.6 QUAL VISÃO PSICOLÓGICA MELHOR REPRESENTA O CONTEÚDO DOS CADERNOS?	92

5.7 CONCLUSÃO: BENEDICTO DE SOUZA PINTO COMO CANAL DO INCONSCIENTE TRANSINDIVIDUAL	94
6. MAS, ENFIM, QUAL O GÊNERO?	99
6.1 O GÊNERO DIÁRIO EM TEORIA	100
6.1.1 <i>DIÁRIO DE UMA VIAGEM AO BRASIL</i> , MARIA GRAHAM (1821-1823)	104
6.1.2 <i>O TURISTA APRENDIZ</i> , MÁRIO DE ANDRADE (1927-1929)	109
6.1.3 <i>O BRILHO DO BRONZE</i> , BORIS FAUSTO (2010-2014)	113
6.2 PONTOS EM COMUM ENTRE OS TRÊS MATERIAIS. CARACTERIZAÇÃO INICIAL DO GÊNERO DIÁRIO	116
6.3 CARACTERIZAÇÃO FINAL DO DIÁRIO POR MEIO DOS CADERNOS DE JUCA TELES	118
7. CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS	128
APÊNDICE 1: TRANSCRIÇÕES EXTRAÍDAS DO CADERNO	133
1. NORMAS UTILIZADAS PARA A TRANSCRIÇÃO	134
2. A TRANSCRIÇÃO	138
APÊNDICE 2: CD-ROM COM OS FÓLIOS EDITADOS	

1

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tomando por base trechos dos cadernos de anotações de Juca Teles, personagem folclórico de São Luiz do Paraitinga (SP), procurar-se-á analisar em que medida o trânsito do autor por diversos estilos permite a classificação do material como uma unidade, bem como qual seria o gênero literário em que ele estaria encaixado.

Em primeiro momento, nossa proposta é de que estamos diante de um exemplar do gênero diário, dado o caráter de relato de muitas das suas partes constituintes.

Mas, enquanto a ideia comum que se tem do diário é a de um material intimista e talvez mesmo confessional, os cadernos de Juca Teles – ou, como indica o registro civil, Benedicto de Souza Pinto –, são um misto de lista de tarefas, rol de poemas e relatos de acontecimentos da cidade, sem praticamente nenhuma referência em primeira pessoa ao autor dos textos, separados em uma lógica que não parece muito clara, embora a sequência dos acontecimentos relatados dê a impressão de que existe uma lógica temporal na aposição dos dados.

Dividimos este trabalho da forma que segue.

No próximo capítulo, falamos sobre a documentação analisada, em breve exame codicológico e de suas particularidades, que podem colaborar para preencher eventuais lacunas no desenvolvimento de nossa hipótese.

Após, em novo capítulo, falamos de Benedicto de Souza Pinto – afinal, ele é o autor dos cadernos e sua vida pode fornecer pistas em prol do que procuramos provar – e de São Luiz do Paraitinga, sua história e suas características, o que permitirá caracterizar o material e seu conteúdo.

Por fim, passamos ao desenvolvimento da análise do chamado “diário”, de forma a verificar se (i) o material pode ser considerado uma unidade, apesar de sua visível fragmentação, (ii) embora Benedicto de Souza Pinto tenha sido o autor material do texto, a coletividade de São Luiz do Paraitinga não teria uma influência maior do que se supunha

na composição do material e, (iii) mais além, ser considerado realmente um diário, com a determinação de um estatuto mínimo desse gênero.

Ao final, acrescentamos apêndice com a edição de textos do caderno que serviram para o desenvolvimento da teoria, em forma semidiplomática e acompanhada dos fac-símiles de cada fôlio, trabalho esse de utilidade para que se possa ter um contato mais próximo com a documentação ora analisada e que se possa ter ideia da unidade que se pretenderá defender para o conteúdo dos cadernos.

1.1 Por que os cadernos de Juca Teles são tão interessantes?

O material objeto deste estudo nos chamou imensamente a atenção, de início, pelo puro e simples interesse que possuem para a história de São Luiz do Paraitinga. Como veremos adiante, após a morte de Benedicto de Souza Pinto não se procurou resguardar o material que ele guardava com zelo em sua casa, provavelmente em razão do fato de que se tratava de figura controvertida da cidade.

Só por esse fato já se poderia indicar a extrema importância do *corpus*, em razão da preservação da memória desse personagem tão peculiar e que marcou as festas populares de São Luiz, a ponto de merecer a lembrança carinhosa de vários habitantes que puderam conhecê-lo pessoalmente e de ter um bloco de Carnaval com seu nome.

A preservação do caderno permite que, na medida do possível, se possa compreender essa figura e aquilatar a sua relevância no contexto daquela cidade, o que, talvez, não seja possível fazer apenas no âmbito deste estudo e possa exigir análises de outra natureza que não a da teoria do texto e da filologia.

Além disso, as descrições e expressões culturais que constam do *corpus* são um interessantíssimo registro de um tempo específico, no final dos anos 40 - não só de fatos e ocorrências em geral, mas também das pessoas que viviam na cidade à época e de seu envolvimento com a justiça (o que pode favorecer estudos históricos, genealógicos, sociológicos etc.), bem como de todo um aporte cultural entremeado nessas pessoas e situações.

Não bastasse tudo isso, se direcionarmos nosso olhar com o foco da teoria do texto e da filologia, não se pode deixar de notar que há certo tom impessoal nos cadernos, que

poderia, a princípio, qualificá-los como material de autoria dissertativa ou memorialista, o que parece um tanto quanto distante da intimidade que um diário exige. E, evidentemente, não há como ignorar a presença de três gêneros muito distintos entre si, misturados ao longo do mesmo material. A curiosidade que o *corpus* inspira ao estudioso do texto, em razão de sua grande originalidade, é mais do que justificada, portanto.

É natural que a diversidade de gêneros constante dos cadernos, sem distinção física entre eles, bem como o certo grau de impessoalidade que possuem, leve o leitor a indagar-se qual a razão que conduziria Juca Teles a escrever algo que não foi dado à publicação sem que tivesse reservas para tanto – apenas a preservação da memória, talvez? Essa é uma pergunta que pode ficar sem resposta. Mas, considerando-se que o povo de São Luiz do Paraitinga é extremamente cioso de suas tradições e da sua memória, essa pode ser uma pista da motivação do nosso escrevinhador, e que procuraremos também investigar.

Seja como for, a interessante e aparentemente ilógica mistura de gêneros constante dos cadernos também instiga a análise profunda, visto que, de início, não há ligação coerente entre cada trecho. Mas o simples fato de a gente luizense ser a protagonista principal de todas as diferentes expressões textuais do caderno pode indicar que existe um elo de ligação entre todos esses trechos.

É possível que essa diversidade, em gênero e conteúdo, tenha trazido à tona um *registro da coletividade* constante dos cadernos, ainda que não intencional – um *texto coletivo* que serve de expressão íntima das tradições e história de São Luiz do Paraitinga.

Por outro lado, também nos chamou a atenção o fato de que não há um estatuto do gênero diário, formulado com atenção aos fundamentos da teoria do texto. Encontramos apenas um estudo literário a respeito, de Alain Girard, que tomamos como ponto de partida desse trabalho; esse fato também nos instigou a analisar diferentes diários para a confirmação do enquadramento do material nesse gênero literário, de forma a confirmar ou não as premissas de Girard e verificar se há ou não algo a acrescentar ao estatuto desse gênero – bem como, evidentemente, verificar se nossas conclusões a esse respeito se aplicam aos cadernos de Juca Teles.

1.2 Hipóteses norteadoras

Com base no que foi exposto no item anterior, a primeira hipótese que procuraremos comprovar neste trabalho é a da *unidade dos cadernos*: os três gêneros que aparecem misturados nos cadernos são, na verdade, expressão de uma única vontade e direção, e compõem um todo homogêneo com mensagem específica e própria. Para tanto, nos serviremos de elementos de teoria do texto, mais precisamente das ideias de Bakhtin a respeito dos gêneros literários.

Comprovada a primeira hipótese, passamos à segunda, que é a da *autoria coletiva do material*: uma vez que o texto tem caráter não intimista e não individualista, verificaremos se seria possível haver uma autoria que transcendesse àquela autoria física, não fixada no autor que escreve, mas em algo mais amplo do que a consciência dele próprio. Neste ponto, faremos uso da teoria psicológica mais atual, que leva em consideração não apenas a dimensão estritamente individual de cada pessoa, mas também fatores coletivos que interferem em suas manifestações e ações.

Por fim, nossa terceira hipótese é a da efetiva *caracterização do diário*: nesta fase, com base no que normalmente se considera diário – tomando por ponto de partida, como já expusemos anteriormente, a monografia de Alain Girard, também com apoio da teoria bakhtiniana e com a análise de exemplos de diários. As conclusões aqui geradas, se confirmarem essa hipótese, servirão também para a elaboração do *estatuto mínimo do gênero diário*.

1.3 Objetivos

Como *objetivo geral*, analisaremos trechos específicos do caderno n. 31 de Juca Teles, não só do ponto de vista da teoria do texto, visando à comprovação de que os cadernos contêm um gênero literário único, mas também da crítica textual, por meio da descrição e análise física dos documentos estudados, uma vez que isso também pode fornecer elementos importantes para a comprovação das hipóteses acima expostas.

Como *primeiro objetivo específico*, visamos à elaboração do *estatuto mínimo do gênero diário*, que, a nosso ver, é muito mais complexo do que a noção comum que se

tem dele. Nosso *segundo objetivo específico* é verificar a possibilidade de que um diário possa ter, eventualmente, um viés coletivo.

2

OS CADERNOS DE JUCA TELES**2.1 Análise codicológica**

A análise codicológica a seguir levará em conta os elementos mínimos de análise definidos por Cambraia (2005, p. 28). Entendemos que essa análise é importante, na medida em que poderá fornecer elementos ricos para a caracterização do *corpus*.

2.1.1 Cota

Não se sabe ao certo quantos cadernos foram utilizados por Benedicto de Souza Pinto ao efetuar seus registros. O que se sabe é que havia cerca de três desses cadernos no Arquivo do Estado de São Paulo e um em posse de Benito Campos, mantenedor do bloco Juca Teles, que se apresenta no carnaval tradicional de São Luiz do Paraitinga.

Com relação aos cadernos que se encontram no Arquivo do Estado de São Paulo, a notícia que se tem é de que, após a morte de Benedicto, foram encaminhados para o Museu Oswaldo Cruz, o museu do município de São Luiz do Paraitinga. Segundo nos informou Benito Campos, em entrevista datada de abril de 2014, após a enchente que devastou a cidade em 2010, iniciou-se um movimento de preservação da documentação histórica existente no museu, ainda que contra a vontade de certa parcela da cidade, mediante o envio de tais documentos para o Arquivo do Estado.

2.1.2 Datação

Neste trabalho, será utilizado o volume 31 da coleção de cadernos, o único dentre os que se sabe ainda existentes a que tivemos acesso, o qual contém textos datados de 1948 a 1950. Há datas indicadas ao longo dos textos, que situam temporalmente os fatos descritos nas modalidades narrativa e anotações do oficial de justiça (a diferença entre cada modalidade será esclarecida ao longo do trabalho).

A datação é inferida, em parte, uma vez que nem todas as entradas são datadas. Uma boa parte delas é datada apenas com dia e mês, mas em sequência temporal, com

apenas uma exceção a essa regra identificada, em que Benedicto insere uma entrada com data posterior à da seguinte (v. nota 49, na p. 190).

Nos casos em que a data está incompleta, o ano é inferido a partir das entradas anteriores que o identificam, uma vez que a preservação da sequência temporal dá segurança para essa inferência.

As conclusões acima a respeito da datação dão a entender que o autor escreveu relacionando o conteúdo com a data dos fatos narrados ou da feitura do texto poético; isso é corroborado pelo fato de que ele deixa muitos espaços em branco para serem preenchidos posteriormente com dados que não tem à mão.

É de se destacar que há um texto em que o autor registra fato ocorrido em 1912. Na falta de uma indicação mais explícita a respeito da data em que se realizou o processo de escrita, preferimos, contudo, manter a inferência sobre o período 1948-1950, uma vez que há certa consistência de registros datados desse período.

Note-se que referida entrada é intitulada “Recordação do passado” (pp. 207 e 208). Logo, se as demais entradas datadas não têm referência semelhante, no sentido de serem recordações, e estão inseridas no período entre 1948 e 1950, conclui-se que existe grande probabilidade de que os escritos sejam efetivamente originários desse período.

2.1.3 Lugar de origem

O caderno provém da cidade de São Luiz do Paraitinga (SP). Justificamos essa afirmação com o próprio conteúdo do caderno e as informações obtidas junto a Benito Campos, segundo o qual o material realmente teria sido escrito por Benedicto de Souza Pinto e, após sua morte, enviado para o Museu Oswaldo Cruz. O caderno, portanto, não só é originário de São Luiz como também não teria saído da cidade até a remessa para o Arquivo do Estado de São Paulo.

2.1.4 Folha de rosto

Não há folha de rosto explicitamente preparada pelo autor para o fim de identificar o caderno, uma vez que não parecia haver a intenção de levar o material a publicação e/ou

expor a outras pessoas que não fossem o próprio autor (que, talvez por conhecer o conteúdo e ter a intenção apenas de manter a recordação, não se preocupou em organizá-lo). Foi aposta uma etiqueta que identifica o material, junto à capa, que acreditamos ter sido elaborada pelo Museu Oswaldo Cruz.

Na etiqueta, pode-se observar os dizeres:

“Caderno n.º 31. Caderno de Major Pinto, ou Juca Teles do Sertão, personagem folclórica de São Luiz. Veja fotografias 14, 15, 16, 17, e revista n.º 27 página 53”.

Fig. 1: O caderno utilizado neste trabalho e a etiqueta.

2.1.5 Colofão

Não há, uma vez que o autor não faz qualquer indicação nesse sentido e não se trata de material dado à publicação, ao que tudo indica.

2.1.6 Suporte material

Suporte *cartáceo*, em papel pautado, próprio de cadernos de anotações.

Fig. 3: exemplo de alternância da mancha nos poemas.

A mancha é organizada em apenas uma coluna, mesmo nos poemas, com exceções pontuais quando há necessidade de arrolar dados. Por vezes o autor faz anotações marginais que denotam certa pressa, e sempre se referem ao trabalho de oficial de justiça.

O caderno é pautado, mas as páginas não são numeradas ou paginadas. Não há sinais característicos apostos às páginas.

2.1.9 Particularidades

A escrita é majoritariamente feita com caneta esferográfica azul, com alguns trechos em lápis e outros em caneta-tinteiro, talvez de modelos *Parker*,¹ em razão da tonalidade azul muito característica. O autor não traz qualquer marcação especial ou filigrana na escrita, mesmo quando há variação de um tipo de texto para o outro.

A partir do manuscrito notamos que se trata de mão hábil, com escrita legível e clara, com poucas dúvidas quanto à regularidade de traçado dos caracteres. Assumimos

¹ Segundo o website da Parker, essa indústria de canetas teria sido estabelecida em 1888, com o modelo clássico similar ao bico de pena (o modelo esferográfica dessa marca só surgiu em 1954 – posteriormente, portanto, à produção dos documentos ora analisados). <<http://www.parkerpen.com/en-US/stories/parker-history>>. Acesso em 17.12.2013.

que se trata do punho de Benedicto, uma vez que o caderno é identificado na capa como pertencendo a ele, e partindo da afirmação dada por Benito Campos no sentido de que o caderno foi encontrado na residência do mesmo Benedicto.

Em alguns fólios (v. exemplo mais adiante, neste item), anotações laterais, rápidas e apressadas, que parecem ligadas ao mister de oficial de justiça, são “assinadas” com a rubrica “Pinto” ou “BPinto”; tais anotações são feitas pelo mesmo punho que preenche a parte “principal” da mancha, o que, a rigor, não exigiria uma assinatura – mas nos ajudam a corroborar a afirmação de que, de fato, o punho pertence a Benedicto.

Nele se pode verificar um misto de agenda de trabalho, anotações de poesia e relatos de fatos da cidade. As anotações estão todas misturadas, sem regra clara para a inserção de um tipo de registro ou de outro. Além disso, não é possível saber se a ordem cronológica foi rigorosamente obedecida, uma vez que muitos dos trechos não estão datados, não obstante separados claramente uns dos outros pelo autor. No entanto, misturar temas não significa, neste caso, confusão: o início e o fim dos textos são separados com clareza dos textos anteriores e posteriores por linhas horizontais.

Fig. 4: Exemplo de anotações em estilo agenda de trabalho.

A figura acima, exemplo do texto que é utilizado como agenda de trabalho, demonstra a organização do autor do manuscrito, que relaciona o valor envolvido nos processos nos quais irá realizar citações, intimações e penhoras.

Mesmo assim, é possível notar que há anotações marginais, em caligrafia apressada. Essa não é característica exclusiva dos fólhos que compõem a figura 4, mas de diversas outras páginas do caderno. No caso específico da fig. 4, as anotações são idênticas.²

O próximo exemplo é de poesia – que, no caso a ser apresentado, vem em seguida da narração de um fato da vida do autor.³

Fig. 5: Exemplo de anotações em estilo narrativa e poesia.

² “Recebi. BPinto”. Tudo leva a crer que a rubrica em questão é uma abreviatura de “Benedicto Pinto”, versão reduzida do nome do autor.

³ Nem sempre a poesia é vinculada a um fato exposto em forma de narrativa pelo autor. Há páginas e mais páginas de poesia ao longo do caderno, como se o autor tivesse tido o cuidado de registrar o que era mais importante para si.

Aqui é possível notar que Benedicto faz o relato de um evento e descreve os versos que declamou naquela oportunidade. Nesta imagem, também é possível ver com mais nitidez e clareza as anotações marginais, e é possível que Benedicto não tenha escolhido a página em que pretendia tomar essas notas, talvez em razão de pressa.

E, não obstante os caracteres estejam projetados para a frente, escritos de forma apressada, pode-se notar que é utilizado o mesmo padrão de escrita, de forma que se pode afirmar que o punho que faz as anotações é o mesmo que faz as anotações marginais.⁴

Como exemplo, verifique-se a comparação entre algumas palavras constantes do texto que obedece à pauta e do texto marginal:

Figs. 6, 7, 8 e 9: exemplos de palavras escritas à margem da página.

Figs. 10, 11, 12 e 13: exemplos de palavras escritas na pauta.

Nota-se que os caracteres maiúsculos estão todos grafados da mesma forma, à exceção do A. Já os caracteres minúsculos são muitíssimo semelhantes entre si; as duas variações minúsculas do R aparecem nos dois casos. Na fig. 13, nota-se a mesma tendência de comprimir os últimos caracteres das palavras que aparece nos trechos marginais com mais frequência (figs. 8 e 9).

Não há, portanto, qualquer evidência consistente de que haja mais de um punho atuando nos textos constantes do caderno.⁵

Neste caso, a poesia faz parte do conjunto da narração, mas isso configura exceção: via de regra a poesia vem em blocos próprios, alguns de grande extensão. O autor chega ao ponto de inserir poemas na contracapa do caderno.

⁴ As anotações marginais desta imagem são também muito similares às que constavam da fig. 4, o que reforça a hipótese de tratar-se de um único e mesmo punho.

⁵ Da mesma forma que não há nenhuma prova no sentido de que a letra não pertença a ele, assumimos que se trata da caligrafia de Benedicto em razão da indicação constante da capa e de esparsas referências em primeira pessoa constantes dos poemas.

O terceiro tipo de texto que aparece no caderno é a narrativa de fatos da cidade, que traz fatos envolvendo o próprio Juca Teles ou então a cidade de São Luiz do Paraitinga como um todo. O exemplo que trazemos narra o estado da cidade após uma enchente, em 1948, que é subitamente seguida da narração de uma cerimônia de primeira comunhão.

Fig. 14: Exemplo de anotação em estilo registro histórico.

Aqui há apenas texto corrido, sem inclusões marginais – o que se deve, muito provavelmente, ao fato de o autor aproveitar muito bem o espaço disponível nas páginas. A leitura do texto mostra que se trata de uma narração, semelhante àquela constante da fig. 5, mas agora tratando de uma situação envolvendo a cidade como um todo.

Além disso, este é o único exemplo no qual é possível verificar o que parece ser uma rasura. A rasura é raríssima neste caderno, o que faz supor, a princípio, que estamos diante de um texto passado a limpo (o que pode ser corroborado pela organização cuidadosa do texto, não obstante a não separação dos textos por temas).⁶

⁶ Veremos adiante, na caracterização do gênero diário, que havia um certo hábito de se passar a limpo os diários, muito provavelmente em função do interesse na consulta posterior do material.

E, mesmo assim, não nos parece que estejamos diante de uma rasura, propriamente dita. Parece-nos que estamos diante de uma correção levada a efeito pelo próprio autor, com uma caneta provavelmente diferente daquela que originalmente escreveu o texto.

Em outros pontos do texto, contudo, notamos que o autor deixa espaços em branco para a inclusão posterior de texto, mesmo que a frase fique inconclusa.

Fig. 15: exemplo de texto inconcluso seguido de espaço em branco.

Este detalhe parece indicar que o autor escreveu inicialmente a caneta, mas, para evitar as rasuras, por não ter à mão os dados necessários, deixou o espaço em aberto, para posterior preenchimento.

Este fato singular deixa dúvidas sobre haver ou não um rascunho que preceda a documentação que ora é analisada, o que permitiria a confirmação cabal de que efetivamente o documento foi redigido por Benedicto, bem como possibilitaria analisar o processo que culminou no resultado final, com elementos de crítica genética.

Além disso, aqui se tem um exemplo de como o autor dispõe informações. Muito embora haja um senso de organização que permite a compreensão da separação de um trecho e de outro, isso não é feito de forma cerimoniosa, mas informal, o que dá o tom de anotação pessoal que permeia o texto. O final da narração da enchente é separado do início da narração da primeira comunhão por dois pequenos traços, e apenas o contexto permite que o leitor conclua que se trata de duas situações distintas.

Ressalte-se, todavia, que as três “fases” dos escritos não estão separadas umas das outras por marcas evidentes, ou organizadas por conteúdo; uma sequência de anotações

de trabalho é seguida, sem maiores problemas, de uma anotação de cotidiano, ou de poesias. A impressão geral que se tem é de que se está diante de um quebra-cabeça, de uma apresentação desigual de quadros que não parecem ter conexão entre si.

2.1.10 Encadernação

A encadernação parece ser original, uma vez que a capa está ligada aos fólios de forma complexa, não simplesmente colada. A capa dura é composta de papelão, com revestimento de tecido amarronzado que se encontra descamado, deixando o papelão à mostra, e traz afixada a etiqueta mencionada anteriormente, que faz as vezes de identificador do material.

A lombada, da mesma cor e material da capa, está em estado crítico, o que exigiu muito cuidado no manuseio do volume. Apesar disso, o interior do caderno está muito bem conservado.

2.1.11 Conteúdo

Optamos, neste trabalho, por não transcrever a íntegra do caderno. Para os fins do trabalho, pareceu-nos mais interessante selecionar os trechos que trazem particularidades que possam subsidiar o estudo a ser realizado a seguir.

Os fólios selecionados compõem o anexo a este trabalho, acompanhados das respectivas transcrições, em edição semidiplomática. Justifica-se a escolha desta forma de edição pelo fato de que o texto é bastante aproximado ao que se encontra vigente nos dias de hoje, à exceção, por óbvio, da reforma ortográfica do início do século XXI, não havendo dificuldade de leitura para o leitor médio dos dias atuais.

Ainda, a edição semidiplomática permite a decifração de eventuais sinais específicos utilizados na rotina da profissão do autor, oficial de justiça, afeito à linguagem da prática jurídica.

2.2 Exemplos de texto

Verificamos no item anterior que o autor dos diários faz anotações de trabalho, narrações de fatos da cidade e escreve poesias num mesmo caderno. A confusão é, porém, apenas aparente, pois o início e o fim dos textos são separados com clareza dos textos anteriores e posteriores por linhas horizontais.

As anotações de trabalho são típicas do seu mister como oficial de justiça. São listadas audiências, citações e intimações por fazer, dívidas a executar:

(01) <1948>

Novembro 20 – Intimação Sebastião Brites da Silva “ tutor dos menores filhos de Maria Simões Maia “ Bairro do Rio Negro – Alto da Serra – 85,00

Novembro 22 – Intimação Brazílio Feliciano Barboza – no bairro dos “ Fortes – Ponto do leite em presença de pessoas “ da Jardineira_Romã_dei a contrafé_80,00

Novembro 22 – Intimação Sebastião Moreira da Silva - Pamonã – Executivos Cr\$ 4.896,00 - Diferença de Sisa

Novembro 22 – José Lino Pereira Coelho – 2.º ofício - Executivo de 1947 – Cr\$ 1.528,70 – Coletoria 44. Cr\$ 481,30 - Coletoria 1948 Cr\$ 2.970,00 – total Cr\$ 4.980,00

Novembro 22 – Testemunha de defesa de: - Miguel Nimes dos Santos

Os textos narrativos são totalmente ligados a fatos da cidade de São Luiz do Paraitinga. Há casos nos quais pode-se entrever a vida pessoal do autor, mas na sua quase totalidade dessas ocorrências ele se refere a si em terceira pessoa. Eventos públicos, como missas e desastres naturais, são narrados pelo olhar de Benedicto com simplicidade e, por vezes, ironia.

(02) <- 1948 ->

Aspecto da cidade em 26-12-

A rua 31 de Março se achava com a agua suja desde o bar e café “Toledo” até o bar e Padaria Costa passando pela frente do “Café Pilão de Ouro”, cuja casa devido o pessimo estado se acha “Interditada pelo Centro de Saude local” _ Em frente ao bélo sobrado de estilo colonial, construído em 1860 em cuja porta de frente tem uma bandeira de ferro de [gosto] e as iniciais L.L.F e a data 1860, de propriedade de Benedicto Lopes Figueira, Vereador da Camara Municipal, debaixo de cujo predio se acha o maior sortimento de

mercadoria e caprichosamente colocadas,⁷ se vê “Dois grandes montões de terras cacos que poderiam ser retirados por quem de direito_Me lembro do adágio seguinte: Por fóra bela viola-Por dentro pão bolorento_Ao envez: Por dentro que beleza_Por fóra que tristeza – A verdade é essa - Praça: Antiga Cadeia Vélha – mais tarde: Coronel Virgílio – Hoje: depósito de lixo – Não há vassoura?

Já os poemas são muito assemelhados àqueles costumeiramente encontrados na tradição oral popular do Brasil, com versos e estrofes curtos e rimas fáceis.

Mas apenas nos poemas é que podemos ver detalhes da vida pessoal de Benedicto de forma mais intimista. Mesmo assim, a condição rurícola fica evidenciada, sendo possível tomar o autor como exemplo do habitante comum da cidade naquela época.

(03) IX

Larguei a véia na róça

Só pra festá na cidade

Festando bem como tô

Déla não tenho sódade

X

A véia da Nhá Fabiana

Siumenta e muito feia

Judiava [sempre] de mim

Puchando minha oreia

⁷ cremos que este termo se trata de erro do próprio escriba, que passou despercebido.

3

CARACTERIZAÇÃO ESPACIAL E DE AUTORIA**3.1 São Luiz do Paraitinga**

Caracterizado o material que compõe nosso interesse de estudo, faz-se necessário traçar um perfil da cidade em que foi encontrado e que constitui o cenário no qual se desenvolve a ação e a criação expressas no caderno.

A pequena cidade, às margens do rio Paraitinga, se situa na região do Vale do Paraíba - ou, mais especificamente, do Médio Vale do Paraíba, juntamente com as cidades de Caçapava, Jacareí, Jambeiro, Lagoinha, Monteiro Lobato, Natividade da Serra, Paraibuna, Pindamonhangaba, Redenção da Serra, Santa Branca, São José dos Campos, Taubaté e Tremembé (Botelho, 1993, p. 15). Conta com população atual de 10.397 habitantes, segundo o Censo de 2010 (Silva e Vieira, 2012, p. 13). É berço de brasileiros ilustres, como o sanitarista Oswaldo Cruz, o geógrafo Aziz Nacib Ab'Saber e o músico Elpídio dos Santos.

São Luiz foi assim descrita por Mário Aguiar, que exerceu a função de Juiz de Direito na cidade – em descrição que, embora antiga, é razoavelmente parecida, ao menos em termos arquitetônicos, com o que o visitante encontra hoje:

"Atravessando o rio, velha ponte de madeira leva o viajante a uma grande praça ajardinada, que termina ao pé da escadaria da Matriz, templo tradicional e amplo, há pouco reconstruído. É a sala de visitas da cidade. Todas as festas, quer religiosas, quer profanas, têm seu começo e seu fim nesse grande e bem cuidado quadrilátero, limitado por construções de tipos vários, todas com seus abrigadores beirais, entremeados de casas de sobrado, quase todas em estilo colonial. Ao fundo, o busto de Oswaldo Cruz, homenagem de seus conterrâneos.

A impressão foi magnífica; as ruas que cercam o jardim são todas cobertas de terra branca, uma espécie de argila, comum nos arredores. E, de mistura com ela, grande quantidade de malacacheta,

de todos os tamanhos, de todas as espessuras, brilhando, tremeluzindo, refletindo a cor crepuscular.

É bizarro o aspecto do casario. Portas e janelas de cores fortes, berrantes, contrastando com a caiçã quase sempre clara – rosa, amarela, cinza – das paredes.

Poucas ruas tem a cidade. São, em geral, mais largas e regulares que as das mais vilas de seu tempo. Duas ainda têm trechos pavimentados por lajes brutas e assimétricas. As outras estão privadas desse calçamento, pois suas pedras foram aproveitadas na feitura dos passeios e sarjetas. Alinham-se nessas vias umas quatrocentas casas, em sua maioria achatadas, mal divididas, sem luz direta para os cômodos interiores, todas feitas de taipa, terra batida e pau-a-pique.

Dois apenas são os edifícios públicos com que conta a cidade, além do prédio em que se acha instalada a prefeitura municipal: a cadeia e o grupo escolar. Aquela construída de tijolos, há cerca de quarenta anos, recentemente remodelada, oferecendo bom aspecto; este, acomodado a um velho casarão quase centenário, com péssima instalação, quer pedagógica, quer higiênica, está a reclamar a atenção dos governos, que se sucedem, para a precariedade de seu atual estado, ameaça constante à saúde e à integridade física de umas seiscentas crianças que o frequentam.

No alto de um dos morros que dominam a cidade há uma grande cruz, contraditória, aliás, em quase todas as nossas cidades, ora à entrada, ora numa praça pública ou, afinal, numa elevação de terreno que a torne bem visível. Chamam-lhe Cruzeiro.

O velho madeiro desta cidade foi substituído recentemente por uma armação de concreto, com instalação elétrica para as lâmpadas que lhe colocaram no corpo e nos braços, a fim de ressaltar, à noite e ao longe, o seu imponente perfil.

O local onde se acha essa cruz era, outrora, o início da estrada oficial para Ubatuba, conhecida por 'alto de S. Sebastião', denominação essa que o povo mudou para 'alto do Cruzeiro', desde que ali foi

erigida a primeira cruz; e isto se deu em 1881, por ocasião das missões pregadas nessa cidade pelos jesuítas frei Bartolomeu e frei José" (Aguilar, 2001, pp. 10-12).

Embora a *Villa de S. Luiz do Paraitinga* tenha sido fundada em 8.5.1769, pode-se traçar suas origens até 5.3.1686, quando o Capitão Matheus Vieira da Cunha obtém do Capitão-mor de Itanhaém, Felipe Carneiro Alcaçouva e Souza, provisão régia para adentrar o "sertão do Paraitinga", que já era conhecido por esse nome na época (Nery, 2014, pp. 21 e 23). Essa fora uma primeira tentativa de povoamento da região, que acabou por não se concretizar devidamente (Silva e Vieira, 2012, p. 16).

Tendo São Paulo sido erigida à condição de capitania independente da do Rio de Janeiro, em 1765, por determinação de D. Luís António de Sousa Botelho Mourão, o *Morgado de Mateus*, não passou de imediato à condição de riqueza – vivia-se da lavoura e da pecuária, e boa parte dos descendentes das antigas linhagens paulistas foram aproveitados como soldados, voluntários ou recrutas, nas guerras de fixação dos limites meridionais do Brasil (cf. Simonsen, 1937, t. I, p. 350).

É nesse contexto que a *Villa* foi criada e serviu, de início, como ponto de parada de comerciantes e tropeiros, dada sua localização geográfica especial – no topo da Serra do Mar, entroncamento de pessoas e mercadorias dos distritos das vilas mais antigas do Vale do Paraíba, e nas imediações do percurso do caminho *muito velho* para as minas, que, ao que consta, existiu entre Parati e Taubaté; o povoamento da região ocorreu em momento no qual a Capitania de São Paulo sofreu muitos reveses, por conta da corrida do "ouro das minas", que fazia a agricultura perder sua força (Nery, 2014, p. 23 e 25).

Em vista dessa localização especial e da possibilidade e facilidade de tráfego fluvial, o que se pode afirmar é que a cidade não foi instalada à toa naquele local, visando justamente aquele objetivo de aproveitar as conexões tão particulares que ali se estabeleciam entre as mais diversas rotas comerciais; a Coroa portuguesa tinha, em vista disso, necessidade de controlar o território brasileiro, controle esse que já era naturalmente difícil em razão da extensão do território, mas essa dificuldade, no caso de São Luiz, era agravada em função da instabilidade política luizense (cf. Cursino dos Santos, 2008, pp. 43-44 e 57).

O estabelecimento de *caminhos* no interior da Capitania de São Paulo – abrindo-se caminhos novos ou alargando-se os caminhos dos índios — tinha em vista concluir a integração do território e o desenvolvimento do comércio (e parece confirmar a necessidade de controle que a Coroa portuguesa necessitava). A transposição da Serra do Mar, em especial, visando o litoral e o escoamento da produção, era feita por meio de vários caminhos: de Parati a Guaratinguetá, de Ubatuba a São Luiz do Paraitinga, de Santos a São Paulo, de Paranaguá a Curitiba e de Laguna a Lajes (Marcílio, 2000, pp. 149-150, em estudo que contempla o intervalo entre os anos de 1700 e 1836). Portanto, São Luiz era ponto de grande relevância para a consecução não só de um projeto de controle do território, mas também de controle econômico.

Uma descrição, ainda que genérica, de São Luiz em 1780 é dada por Manoel Cardoso de Abreu (citado por Simonsen, 1937, t. I, p. 351):

"Desta cidade [São Paulo] manam todas as estradas que vão para as capitanias diferentes, por cujas estradas está situada a maior força das povoações, como são, por exemplo: pela estrada que vae da dita cidade para o Rio de Janeiro e Minas Geraes se acham estabelecidas as vilas de Mogy das Cruzes, Jacarehy, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, villa nova de São Luiz do Paraitinga, as freguezias de Conceição e Facão e as aldêas de S. Miguel, Escada e Nazareth, mas todas muito pobre [*sic*] e a maior parte miseráveis porque os seus effeitos, que são os mantimentos, apenas dão para vestirem e comerem o sal, vendendo uns na mesma cidade e outros para o Rio de Janeiro, e tambem aos passageiros, e por esta fórma nada podem alar aquelles moradores".⁸

A maior parte dos primeiros povoadores era formada por trabalhadores rurais, oriunda de Taubaté, Guaratinguetá e Pindamonhangaba, que recebem sítios para mantimento. Lucram, ao longo do século XIX, aqueles que investem na venda de carne de porco para o Rio de Janeiro e na pecuária (Nery, 2014, p. 102). Porém, não houve

⁸ Simonsen faz observação neste trecho para fazer constar que São Luiz, Paraibuna e Nazaré não estavam na estrada do Rio de Janeiro (1937, t. I, pp. 351-352). O erro do cronista, contudo, não permite concluir que São Luiz destoasse dessa definição.

grande e intenso crescimento econômico até o advento do café, em virtude do surgimento de novas rotas para o escoamento do ouro (cf. Cursino dos Santos, 2008, p. 49).

De modo geral, contudo, o final do século XVIII e o primeiro quartel do século XIX foi de crescimento econômico para as vilas da Capitania de São Paulo (Nery, 2014, p. 105); no Vale do Paraíba, a entrada do café, no início do século XIX, pelas cidades de São José do Barreiro, Areias e Bananal, foi apenas o começo da transformação de uma região habitualmente pobre em área diretora da economia e da política paulista e, posteriormente, do Império (Bertolli Filho, 1993, pp. 26-27). Fazia parte da política colonial a ampliação da produção de plantas já cultivadas e introdução de novas espécies (Marcílio, 2000, p. 181).

A descrição feita por Zaluar, em 1860, das cidades de Lorena, Guaratinguetá e Pindamonhangaba (citado por Taunay, 1939, v. V, t. III, pp. 363 e ss.) traz alguns detalhes interessantes sobre o crescimento das cidades da região: (i) em Lorena, o comércio era florescente e a população estava animada com o plantio do café; (ii) Guaratinguetá tinha no café seu principal cultivo, com um comércio de desenvolvimento regular; (iii) Pindamonhangaba progredira muito e impressionou o viajante, em comparação com o que Spix & Martius e Saint-Hilaire encontraram no começo do século XIX.⁹

São Luiz não ficou fora dessa expansão e experimentou grande crescimento nessa época, assim como toda a região. O futuro da produção do café, sobretudo com o grande interesse dos Estados Unidos pelo grão, somado à maior facilidade de produção em comparação com o açúcar, primeiro grande foco agricultor nacional (cf. Taunay, 1939, v. IV, t. II, p. 134), era realmente auspicioso.

Tal crescimento ensejou a sua promoção a cidade, em 30.4.1857 - mais uma vez, em função da procura de controle da Coroa sobre o território brasileiro (v. Cursino dos Santos, 2008, p. 52 e ss). Contudo, São Luiz não chegou a alcançar as marcas de produção de café de outras cidades da região. Veja-se a tabela abaixo, extraída de Taunay (1939, v.

⁹ Esta descrição nos parece mais indicativa do crescimento da região do que a que foi dada pelo mesmo Zaluar de Taubaté, que já era uma cidade melhor vista no início do século XIX (v. Taunay, 1939, v. V, pp. 386-390), ou de Jacareí, que causara boa impressão a Saint-Hilaire e era o município mais rico da região em 1836 (*idem*, v. V, p. 399). Pindamonhangaba e Jacareí também são mencionadas como duas das principais cidades da Província de São Paulo no século XIX (Godoy, 1978, p. 23).

V, p. 399), que parece ser citação de Daniel Pedro Müller, e que posiciona a cidade em meio ao restante do norte da Província de São Paulo, em 1836, em termos da "valia da produção" (em mil-réis):

Jacarehy	301:185\$600
Bananal	259:426\$000
Pindamonhangaba ...	220:090\$000
Lorena	196:638\$240
Taubaté	138:007\$000
Guaratinguetá	100:017\$000
Areias	85:772\$000
Mogy das Cruzes	79:787\$000
Parahybuna	60:610\$000
São Luiz	52:970\$000
Cunha	35:557\$000
São José	30:069\$000

Mas a importância da cidade não era menor, não só por conta de sua localização geográfica privilegiada, mas também pelo fato de a produção de itens de subsistência ter feito com que procedesse ao abastecimento das pessoas e animais em trânsito (Silva e Vieira, 2012, p. 17). Portanto, a cidade também enriqueceu e se beneficiou do impulso econômico da cultura do café, ainda que não de forma direta, com a produção de café propriamente dita.

Essa época de força econômica e crescimento é visível até hoje na cidade, sob a forma dos casarões históricos das famílias ricas:¹⁰

"Quem a vê [a cidade] assim, calada e calma, como que vivendo da recordação dos seus longínquos dias de esplendor e de opulência; quem a vê ostentando, ainda agora, fortes traços dos tempos da Colônia, tem a impressão de haver voltado a um passado de mais de um século" (Aguiar, 2011, pp. 10-11).

¹⁰ São Luiz do Paraitinga é a cidade paulista com a maior quantidade de imóveis tombados. Depois da enchente de 2010, que destruiu uma série de imóveis históricos – entre eles, a Igreja Matriz –, a proteção a esses imóveis, que era conferida inicialmente apenas pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Turístico e Artístico do Estado de São Paulo (Condephaat), agora também o é pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) (Silva e Vieira, 2012, p. 14).

Foi na época da pujança cafeeicultura que também surgiu a elite dos senhores do café, que, de modo geral, era constituída de antigos desbravadores de terras e negociantes (Scantimburgo, 1983, p. 249), e que procurava se impor não apenas politicamente, mas também culturalmente. Em São Luiz, a força da expressão cultural se manifestou por meio do chamado "Movimento Literário" do final do século XIX, que tomou toda a Província de São Paulo mas que, na cidade que ora estudamos, se expressou pela criação do Instituto Literário Luizense (Silva e Vieira, 2012, p. 17). O benefício econômico para a cidade em decorrência do café era mais favorável, contudo, a essa elite e não tanto para a população em geral, que continuava a sofrer com a escassez de recursos (Cursino dos Santos, 2008, p. 60).

Porém, com a queda do café no Vale do Paraíba, caiu também a relevância da cidade em termos econômicos. A região como um todo já convivia com a decadência econômica desde o final do século XIX – essa decadência poderia ter sido mesmo prevista em função da baixa produtividade dos cafezais da região, que tendia a diminuir ainda mais em virtude do envelhecimento e erosão do solo (Evangelista, 1978, p. 95).

Os barões do café, visualizando essa perda, migraram para o Oeste paulista; com a crise econômica, a importância do Vale do Paraíba em termos políticos foi minguando (Bertolli Filho, 1993, p. 28). São Luiz do Paraitinga acabou por acompanhar a sorte da região nesse sentido.

São Luiz está muito próxima a São José dos Campos e Taubaté, cidades que se beneficiaram imensamente da industrialização da região após a inauguração da Rodovia Presidente Dutra, ligando a região a São Paulo, a partir dos anos 50 (Bertolli Filho, 1993, p. 31); contudo, tais benefícios não reverberaram diretamente em sua economia e população. Tanto é assim que, atualmente, São Luiz vive do turismo de aventura e da preservação da cultura popular local, preservada especialmente pela música – o tradicional Carnaval das marchinhas abarrota de foliões a pequena cidade – e por cerimônias tradicionais que, em outros pontos do Estado de São Paulo, dificilmente são

encontradas nos dias de hoje. A mais conhecida delas é a Festa do Divino, a qual tem início 40 dias depois da Páscoa, e que para a cidade por 10 dias, todos os anos.¹¹⁻¹²

A Festa do Divino é um exemplo de manifestação cultural de São Luiz que, ao que tudo indica, foi preservada visando à manutenção de uma *memória coletiva*, que possui na conexão com o *sagrado* a sua mais forte justificativa - sagrado esse que não foi intimidado sequer pela Igreja Católica, que só enviou o primeiro pároco à cidade já no século XX (cf. Cursino dos Santos, 2008, pp. 1-4, 7-8 e 39).

A festa era a forma de expressão do humilde, daquele que não era exaltado no círculo de elite da cidade ou que não participava da administração da cidade. Era uma espécie de movimento de exceção em relação ao domínio temporal. A ênfase no turismo como forma de obtenção de divisas não parece ser mais do que uma expressão do domínio temporal, enquanto a verdadeira manifestação cultural ocorre à parte da iniciativa governamental (cf. Cursino dos Santos, 2008, p. 42).

Essa característica de apego à memória coletiva, tão presente na cidade, está, a nosso ver, presente no nosso *corpus*, o que será analisado ao longo do próximo item e também em item específico.

3.2 Juca Teles (Benedicto de Souza Pinto)

Mas há um outro personagem igualmente ilustre, mais característico do folclore e tradição da cidade, que também merece destaque: Juca Teles do Sertão das Cotias, ou, para o registro civil, Benedicto de Souza Pinto (7.10.1888-18.11.1962).¹³

Sabemos que se tratava do oficial de justiça da cidade – isto é, o auxiliar da justiça responsável pela comunicação de atos judiciais por meio das citações e intimações, bem como cumprir ordens de constrição de bens ou pessoas e proceder à avaliação de bens –

¹¹ As informações sobre o período da Festa do Divino foram extraídas de <<http://www.saoluizdoparaitingasp.com.br/festa-do-divino-paraitinga-sp.html>>. Acesso em 20.12.2013.

¹² A Festa do Divino havia sido banida da cidade em 1913, sob alegação de profanação do sagrado, e por três décadas apenas as cerimônias litúrgicas persistiram. Só em 1943 é que as manifestações banidas foram retomadas, talvez pela própria força que detinham junto à população (Cursino dos Santos, 2008, pp. 135-138).

¹³ Os dados de nascimento foram obtidos em versão fac-similar da certidão de batismo de Benedicto, obtida na Cúria Diocesana de Taubaté e constante de Silva e Vieira (2012, p. 377).

ao mesmo tempo em que também auxilia o juiz na condução das audiências e na manutenção da ordem nessas ocasiões (art. 143 do Código de Processo Civil de 1973; art. 154 do Código de Processo Civil de 2015).

Benito Campos nos contou, em entrevista datada de abril de 2014, que, não obstante a origem humilde, Benedito de Souza Pinto mostrou-se, desde cedo, extremamente competente nos estudos. Destacava-se de tal forma que foi escolhido como decurião da turma, tendo a tarefa de auxiliar os colegas com dificuldades de aprendizado. O desembaraço e a facilidade de expressão também o tornaram informante do antropólogo e folclorista Alceu Maynard Araújo, e podem tê-lo também conduzido à carreira de oficial de justiça, à qual não se procedia, à época, mediante concurso público, como nos dias de hoje.

Ao mesmo tempo em que desempenhava suas funções, porém, Benedito, incorporando a personagem Juca, circulava pela cidade usando cartola e chinelos de dedo (ou mesmo descalço, como ele demonstra em uma passagem dos cadernos), imagem que ficou imortalizada no boneco gigante que é conduzido na passagem do bloco que leva o seu nome, no carnaval de marchinhas de São Luiz do Paraitinga.

Era também uma personalidade multitarefas dentro da cidade: congregado mariano, irmão vicentino, organizador das romarias e festas religiosas, "capelão" (diretor das rezas da roça e benzedor), poeta, músico, orador, cicerone, animador das festas e dançador de jongo (Silva e Vieira, 2012, p. 379).

Conta-se que era costume, nas festividades do Sábado de Aleluia, que ele lesse o "testamento" do Judas, vestido de sobrecasaca, em versos que foram por ele mesmo compostos. Dele se faz a seguinte descrição:

"Benedito de Souza Pinto era oficial de justiça da comarca e se autoapelidou 'Juca Teles do Sertão das Cotias'. Homem afável, tinha fama de receber bem as pessoas em sua casa, com café e queijo. Católico, participava das atividades da igreja e ajudava nas festas. Fazia a alegria da garotada quando promovia, no Sábado de Aleluia, a Malhação de Judas. Nesse dia usava sempre fraque preto, camisa branca e cartola, também preta. Costumava andar descalço ou de tamanco. Contam os antigos que era algo 'excêntrico' e, para trabalhar, chegou a fazer, várias vezes, a pé ou a cavalo, o caminho entre Lagoinha e São Luiz do Paraitinga, dispensando o carro que na época era utilizado para o traslado de funcionários da justiça". (Aguiar, 2011, p. 64, nota do editor 27.)

É também Benito Campos quem nos conta que, além de excêntrico (ou talvez por causa disso), Benedicto era também mal visto pelo estrato social “respeitável” da cidade na época,¹⁴ não obstante ser figura igualmente respeitável quando desempenhava as funções de oficial de justiça. Era uma personalidade cuja apreciação, por parte de seus concidadãos, era visivelmente ambígua.

Mas, apesar da fama de personagem excêntrica e de todas as atividades de que fazia parte, Benedicto se revelou também um inusitado escrevinhador. Ter acesso aos cadernos que a ele pertenceram mostrou uma faceta muito diferente de Benedicto, visto que não era mero poeta de ocasião: tinha uma produção literária imensa, pois os cadernos estão repletos de poemas, que demonstram o seu gosto pelas letras; além disso, registrava eventos ocorridos na cidade e alguns fatos mais específicos de sua vida pessoal, mas raramente se referia a si mesmo em primeira pessoa.

Talvez isso não seja de se estranhar, se se considerar que nosso autor tinha uma trajetória não convencional; o fato de ter sido decurião na escola também indica que possuía conhecimentos acima da média para alguém de origem simples como ele. Mas a visão que se tinha (e ainda se tem) a respeito de alguém que se posicionava socialmente como *outsider* – até por se tratar de uma personalidade muito complexa em relação ao restante da população – fez com que não houvesse qualquer interesse na preservação da memória de Benedicto após sua morte. Aliás, logo após este fato, o nosso personagem foi relegado ao ostracismo, sua casa foi derrubada e sua vasta biblioteca, repleta de livros e escritos, foi destruída¹⁵ (Silva e Vieira, 2012, p. 380, citando Benito Campos). E, pouco antes do falecimento de Benedicto, segundo informação prestada pelo Prof. João Rafael Coelho Cursino dos Santos, a família havia pedido a sua interdição judicial.

¹⁴ A visão de Benito Campos a respeito de Benedicto pode ser parcial em virtude da grande vinculação que desenvolveu ao longo do tempo com a figura do nosso “herói”. Mas é essa mesma visão que nos permite enxergar a apreciação dúbia de Benedicto na cidade e que fortalece, pela riqueza de detalhes que oferece, a complexidade dessa personalidade tão rica, não obstante uma eventual “parcialidade” que poderia contaminar a leitura. Outros testemunhos parecem oferecer uma visão que não considera a riqueza das minúcias jucatelianas. Em função disso, preferimos focar na leitura de Campos a respeito de Benedicto.

¹⁵ Até onde pudemos apurar, como visto anteriormente, desse material destruído salvaram-se quatro dos vários cadernos: os que encontramos no Arquivo do Estado e o que está em posse de Benito Campos.

Um fator interessante, que pode ter impulsionado a produção escrita de Benedicto, é que há forte tendência, em São Luiz do Paraitinga, à transmissão oral da cultura e da tradição. Sendo alvo do trânsito de carga, de bens de comércio, nada mais natural que a cidade recebesse uma grande influência da cultura própria das tropas, das quais se destaca a tradição de literatura oral (Cursino dos Santos, 2008, p. 51).

Tudo isso era reforçado pela rudeza da vida na região em boa parte da sua história. Um documento de 1776, de resposta à requisição de livros de registro para Pindamonhangaba, comprova que São Luiz do Paraitinga estava economizando livros de registro em razão da pobreza da cidade (Nery, 2014, p. 83, nota de rodapé 14).

E há ainda uma particularidade. Na condição de homem pobre, sem origem nobre nem de família de destaque social, acabou por integrar à sua *persona* cômica a caracterização própria do português sério, mediante o uso da cartola, e do índio/negro/branco pobre, que andava literalmente com os pés no chão. Ele passou a corporificar a miscelânea cultural da cidade em si mesmo, *como se ele inteiro fosse o povo da cidade*.

Note-se que Benedicto era um sujeito fora de qualquer padrão para o qual fosse tentado um encaixe: se colocado lado a lado com a elite e talvez mesmo com os demais funcionários da Justiça, ele estava mais aproximado do pobre e do cidadão comum; se esse pareamento fosse feito em relação ao homem do povo, ele também parece desconectado, já que lê e escreve bem e tem bom trânsito entre figuras de importância da cidade (o que lhe era franqueado provavelmente pelo fato de ser o oficial de justiça da cidade; v. a entrada do caderno transcrita na p. 200, na qual ele tem a notícia da morte do padre da cidade, que considerava seu amigo).¹⁶

E, conforme progredimos na leitura do caderno, aventamos a possibilidade de que, inconscientemente, Benedicto poderia estar externalizando nos cadernos o desejo de pertencimento a um grupo, dada não só essa característica exposta na *persona* Juca Teles como também pelos escritos – que são registro do povo, dos fatos da cidade e da vida do próprio Benedicto de Souza Pinto (como veremos nos itens subsequentes), e que também

¹⁶ E o padre era figura até mais importante que o prefeito: "São tantas histórias de antigamente em que a prefeitura tinha que mudar o que ia fazer só pelo motivo do padre ter opinião diferente" (Cursino dos Santos, 2008, p. 55, transcrevendo fala da entrevista havida com D. Cinira, viúva do compositor Elpídio dos Santos).

parecem ser parte de um projeto – este, consciente – de projeção pessoal junto a esse grupo que o via de forma ambígua.

Quando mencionamos "grupo", não estamos falando deste ou daquele setor social da cidade, mas de toda a cidade. As características muito peculiares de Benedicto nos fazem crer que ele não se sentia à vontade na própria pele, em qualquer circunstância, o que reforça o que dissemos acima sobre seu papel de *outsider*.

Justificamos este argumento do desejo de pertencimento ao grupo não só com esse fato, mas também considerando que a consciência individual é um fator de desenvolvimento relativamente recente na história da humanidade, sendo ainda forte em nossa constituição psicológica a noção de consciência de grupo:

“La conscience individuelle ou conscience du moi est une conquête tardive de l’évolution. Sa forme originelle est une simple *conscience de groupe*, encore si rudimentaire chez certaines tribus contemporaines qu’elles ne se donnent même pas un nom propre qui les distinguerait des peuplades environnantes. [...] Cette primitive conscience du groupe se perpétue dans la *conscience familiale* moderne; on rencontre souvent de ces familles dont on serait bien embarrassé de caractériser individuellement les membres autrement que par leur nom de famille, ce qui ne paraît d’ailleurs guère affecter les intéressés” (Jung, 1977, p. 60).

Sendo assim, a identificação com o grupo é, de certa forma, esperada no ser humano, uma vez que estamos em um estágio de evolução psicológica que ainda está vinculada a essa forma de consciência.¹⁷

E é muito possível que a força da consciência de grupo tenha feito com que uma pessoa que não era unanimidade em São Luiz do Paraitinga, que mais parecia, aos olhos dos demais, uma espécie de “bobo da corte”, tenha atuado nesses cadernos, em determinados momentos, com tamanho grau de despersonalização perante o grupo social daquela cidade.

Mas Benedicto não era totalmente inconsciente da sua condição de *outsider*. É interessante que, em algumas das narrações de fatos constantes do caderno, ele tinha a

¹⁷ Jung (1977, p. 61) esclarece ainda que esse fato justifica a interferência ainda existente do inconsciente coletivo sobre a consciência individual (identificável pelos símbolos comuns a diversas culturas, por exemplo).

iniciativa de estar presente com outras pessoas à margem da sociedade, apontava problemas que os ditos “seres sociais” não conseguiam resolver e era conhecido por receber pessoas pobres e viajantes simples em casa, servindo-lhes comida (perpetuando um antigo costume que não era, contudo, de prática corriqueira).

Seria então o caderno de Juca Teles um registro de um integrante de um grupo social à parte da alta sociedade luizense? É possível que os registros sejam nada mais do que um indicador do quanto ele acionava sua identidade específica de grupo quando escrevia. E a sua atitude perante os desprivilegiados poderia ser a expressão dessa busca de identificação, uma busca que é bastante natural e própria do ser humano, que condiciona a apreciação do mundo pela pessoa.

“Os cientistas chamam qualquer grupo de que as pessoas se sentem parte de um *in-group*, e qualquer grupo que as exclui de *out-group*. Diferentemente do uso coloquial, no sentido técnico, *in-group* e *out-group* se referem não à popularidade dos que pertencem a grupos, mas apenas à distinção ‘nós-eles’. É uma diferença importante, porque pensamos de forma diversa sobre membros de grupos de que somos parte e de grupos dos quais não participamos [...] Porém, seja qual for o grupo a que pertencermos, por definição ele consiste em pessoas que percebemos como tendo alguma coisa em comum conosco. Essa experiência partilhada, ou identidade, faz com que vejamos nossa fé como algo interligado com a fé do grupo, e os sucessos e fracassos como também nossos” (Mlodinow, 2013, pp. 195 e 198).

Portanto, Benedicto era um *out-group* entre qualquer dos grupos sociais da cidade, mas se sentia mais à vontade, *in-group*, entre os desprivilegiados. De toda forma, era um *out-group* de modo geral, o que potencialmente inflou seu *desejo* de se mesclar à identidade geral do povo de São Luiz do Paraitinga, algo mais íntimo e profundo, em nível inconsciente. Esse tema será desenvolvido em capítulo próprio, mas, por ora, é importante ter em mente que a pessoa de Benedicto de Souza Pinto estava anormalmente conectada com o espectro público de sua atuação como indivíduo.

Vimos anteriormente, contudo, que a cidade possui uma forte conexão coletiva que se expressa por meio dos festejos populares e tradições cuidadosamente preservados. A princípio, poderia parecer óbvio, portanto, que um cidadão de São Luiz do Paraitinga tenha tanta conexão com a cidade e a manifeste. Mas não são todas as pessoas que o fazem de forma contínua ou a ponto de sequer dar atenção à vida pessoal, mesmo em situações extremamente intimistas, como veremos no caso dos cadernos de Benedicto.

Daí a razão pela qual ele soa como uma espécie de *canal* de manifestação dessa coletividade.

4

A UNIDADE NA FRAGMENTAÇÃO

Munidos que estamos da caracterização do espaço e do autor do *corpus*, podemos agora analisar mais detidamente os cadernos de Benedicto de Souza Pinto, no que diz respeito:

- (i) à *unidade* do material constante dos cadernos, à possibilidade de que, mesmo apresentando diversas formas de expressão verbal, esse material seja um todo uniforme;
- (ii) ao *caráter coletivo* dos registros;
- (iii) à efetiva *caracterização do gênero literário contido nos cadernos*.

Este capítulo procurará verificar a primeira possibilidade, e cada uma das possibilidades posteriores será analisada em capítulo próprio.

Conforme expusemos anteriormente, não é possível olhar para os cadernos de Juca Teles/Benedicto de Souza Pinto, *prima facie*, como um todo homogêneo, dadas as grandes distinções existentes entre os gêneros textuais que o compõem. Mas, para a caracterização do gênero em que se encaixam os cadernos, é preciso confirmar se, efetivamente, estamos diante de vários gêneros ou de um *tudo coerente e homogêneo*.

A tarefa parece inicialmente ingrata e mesmo impossível, mas procuraremos demonstrar, ao longo dos próximos itens, que a estranheza não se justifica e que é realmente possível argumentar pela unicidade do conteúdo dos cadernos.

Procuraremos fundamentar nossa teoria, em termos de teoria do texto, na linha de raciocínio desenvolvida pelo pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) a respeito do gênero textual e do envolvimento do indivíduo com a sociedade. De forma a tornar mais clara a compreensão de nosso texto, optamos por cindir a demonstração da parte teórica de acordo com o que é próprio de cada capítulo, ao invés de reservar todo um capítulo para isso. O próprio Bakhtin estaria de acordo com isso, uma vez que, para ele, os gêneros textuais não são rígidos e admitem flexibilidade conforme o contexto em que se inserem, como, em nosso caso, ocorre com o gênero tese (v. Bakhtin, 1984, p. 271).

4.1 Gêneros do discurso segundo Bakhtin

O impacto da linha de raciocínio de Mikhail Bakhtin sobre os estudos da linguagem é notório e se originou da fermentação intelectual existente nos primeiros anos após a Revolução Russa, fermentação essa que, por sua vez, deriva dos esforços de pessoas que procuravam construir nova relação com a linguagem e a vida, "dialogando polêmica e produtivamente com a linguística, o formalismo, a psicologia, a filosofia, o marxismo *ortodoxo*" (Brait, 2016, p. 1).

Dentre os vários componentes do chamado *Círculo de Leningrado*, sobressaem os trabalhos de Bakhtin, Volochínov e Medvedev, pelo fato de estarem interligados de forma intensa, a ponto de haver controvérsias sobre a sua autoria (até porque o próprio Bakhtin jamais reivindicou publicamente a autoria de algumas obras – Todorov, 1981, p. 18). A conexão entre as diversas obras que seriam de Bakhtin, mas que poderiam ser atribuídas a Volochínov ou a Medvedev, parece ser mais de conteúdo ideológico do que de estilo; as obras nas quais há dúvida de autoria se integram mais ao estilo dos supostos autores (Todorov, 1981, p. 20). Optamos por atribuir a Bakhtin a referência de autoria ao longo do texto, uma vez que escapa ao âmbito deste trabalho discutir essa questão.

Antes de analisarmos concretamente a questão da coerência do conteúdo dos cadernos, em termos de unidade, faremos algumas considerações a respeito da teoria de Mikhail Bakhtin sobre os gêneros do discurso, exposta em seu artigo clássico a respeito do tema (1984, p. 265 e ss, das quais foram extraídas as seguintes observações, a menos que haja indicação em contrário). Os postulados constantes dessa teoria nos apoiarão não apenas para a verificação da questão da unidade do conteúdo, neste capítulo, mas também mais adiante, quando da caracterização do gênero.

Nota-se que Bakhtin não leva em consideração, para a caracterização e identificação dos gêneros, questões mais formais e padronizadas, mas sim a forma pela qual surgem e se estabilizam, o porquê de determinado gênero assumir determinada forma (no mesmo sentido, Fiorin, 2016, pp. 70-71). Esta é a justificativa que apresentamos para a escolha dessa fundamentação teórica, visando à comprovação de nossas hipóteses.

O teórico russo considera que a utilização da língua se faz por meio de enunciados concretos únicos (orais ou escritos), provenientes dos representantes das diversas atividades humanas. A variedade destas atividades, por sua vez, assegura também a variedade dos enunciados, que as refletem pelo seu *conteúdo* (o domínio de sentido de que se ocupa o gênero), *estilo* (a seleção dos meios linguísticos determinados para a expressão do autor) e *construção composicional* (o modo de organizar e estruturar o texto).¹⁸

Cada esfera de utilização da língua acaba por elaborar tipos relativamente estáveis de enunciados, que são justamente os chamados *gêneros do discurso*. A grande diversidade de gêneros existente não impede, porém, a existência de um terreno estável para seu estudo, desde que seja possível definir o caráter geral do enunciado.

O gênero, para Bakhtin, é mais do que uma classe de textos literários, mas unidades fundamentais de comunicação; é necessariamente histórico e social, um amontoado de hábitos, que transmite uma regularidade necessária para a comunicação, ao mesmo tempo em que se mantém aberto para as variáveis pressões da vida diária - é um órgão da memória, mas a memória também muda com o tempo (Morson, 1986, p. 89).

O autor divide os gêneros do discurso em *primários* e *secundários*. Os primeiros seriam mais simples, réplicas exatas da interação com o real, da troca verbal espontânea. Já os segundos são mais complexos, surgidos a partir de circunstâncias de determinada troca cultural (majoritariamente escrita), mais complexa e relativamente mais evoluída. Estes gêneros secundários absorvem e transmutam os primários.

A natureza do enunciado é determinada pela interrelação entre os gêneros primários e secundários e pelo processo histórico de formação dos gêneros secundários. Ignorar tal natureza seria, para Bakhtin, tomar o caminho do formalismo e da abstração, desnaturar a historicidade do estudo, enfraquecer a ligação entre a língua e a vida.

A flexibilidade e sensibilidade dos gêneros permite que reflitam a menor mudança na vida social. E, em razão disso, não há como a análise do gênero se furtar à historicidade

¹⁸ As definições de estilo, conteúdo temático e construção composicional aqui apresentadas são as dadas por Fiorin (2016, p. 69).

das mudanças. A língua escrita é marcada, a cada época de seu desenvolvimento, por gêneros do discurso em geral, não apenas pelos secundários.

O enunciado constitui a unidade real de troca verbal; a alternância dos sujeitos falantes é que dá a fronteira do enunciado, bem visível no diálogo real; nos gêneros secundários, o locutor coloca questões e responde a si mesmo, numa simulação convencional da troca verbal.

A complexidade de determinadas obras, muito embora as diferencie imensamente do diálogo, não impede que sejam consideradas unidades de troca verbal, pois o autor manifesta sua individualidade por cada elemento estilístico do projeto que preside sua obra, e é essa individualidade que cria fronteiras com outras obras e eleva o leitor à compreensão *responsiva ativa*, isto é, a compreensão passiva das significações do discurso, que não necessariamente se materializa pelo ato real de resposta fônica.

O que define o gênero do enunciado é a escolha, pelo autor, de um *projeto discursivo*, isto é, um elemento subjetivo que se constitui no desenho discursivo ou “querer-dizer” do locutor, que determina o todo do enunciado, sua amplitude e fronteiras. Esse projeto discursivo entra em contato com o *objeto do sentido*, um dado objetivo, para formar uma unidade indissolúvel. O “querer-dizer” se realiza pela escolha de um gênero do discurso. E essa escolha se faz em função de especificidades de determinada esfera de troca verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido) etc. É interessante notar que Bakhtin não limita as possibilidades de definição do gênero, o que permite concluir que diversos fatores, alguns talvez mesmo imprevisíveis para ele, pudessem interferir nessa escolha.

Dentro de nosso *corpus*, podemos observar como essa escolha se dá a partir das intenções do autor, e analisaremos isso com mais precisão a partir do próximo item.

Nada impede que um gênero seja mais estável que outro. Essa estabilidade/normatividade é mais notada em gêneros elevados ou oficiais. Outros gêneros são mais livres e mais criativos. O uso criativo de um gênero não significa a recriação de um gênero; há uma matriz básica de gêneros. Em comparação com as formas da língua, contudo, o gênero é muito mais mutável e flexível, embora para o falante não passe de um valor normativo.

Também não existe indiferença entre os distintos tipos de enunciados. Eles também não são autossuficientes. Todos podem se refletir uns nos outros.

Expressar um enunciado também exige um posicionamento perante outras posições, de formas as mais variadas, seja pela citação do enunciado alheio, seja pela introdução de palavras isoladas ou proposições. O enunciado é, de certa forma, uma resposta a outrem, de acordo com a relação do locutor com os enunciados de outrem. Esse caráter de resposta não estará presente se ele não está expresso exteriormente nesse enunciado. Mas a mais leve alusão ao enunciado do outro dá à palavra tom *dialogico*, que nenhum tema constituído apenas pelo objeto poderia lhe dar. O outro não é ouvinte passivo, mas participante ativo da troca verbal.

Para ficar num exemplo simples, veja-se os poemas compostos pelo autor em homenagem a outras pessoas, como o da p. 194, em honra de um casal que prepara o casamento. O casal e sua apresentação fornecem os elementos que permitem a composição do texto, no mínimo – tais elementos são os enunciados proferidos pelo casal em seu anúncio de casamento e suas atitudes durante o mesmo anúncio. Não há notícia de que o casal tenha expresso sua opinião a respeito do texto e que isso tenha interferido em sua redação final – mas isso não significa que eles não tenham dado sua contribuição.

Feita esta recuperação de conceitos da visão bakhtiniana sobre os gêneros do discurso, passamos a verificar, neste capítulo e no próximo, como tais conceitos podem apoiar a comprovação das hipóteses levantadas neste trabalho.

4.2 *Corpus* multigênero vs. um único gênero polifônico

Já observamos que há três tipos distintos de manifestações nos cadernos: as manifestações poéticas, a narração do cotidiano da cidade e as anotações de trabalho.

Num primeiro momento, o que se tem é a aparente desintegração do material, dada a diferença existente entre cada uma das manifestações. Pode-se argumentar, a princípio, pela existência de três *gêneros* distintos que são expostos no mesmo caderno – daí a razão pela qual se poderia dizer que Benedicto se expressa por meio de uma linguagem *multigênero*, versátil. Em que sentido tudo isso poderia convergir para um único gênero?

A teoria bakhtiniana considera que há constante inter-relação entre os gêneros, notadamente a tomada do gênero primário para a formação de um secundário (Bakhtin, 1984, p. 279). Em nosso caso, se analisado o teor dos cadernos considerando-se que há fragmentação de gêneros, temos três gêneros, todos aparentemente secundários. Poderiam eles se unir para a formação de um terceiro gênero (no caso, o suposto "diário"), também secundário?

A mesma teoria leva em consideração, no que tange à formação dos gêneros, que:

(i) o gênero é apenas relativamente estável, tendo sua flexibilidade assegurada pelo contexto em que se insere (Bakhtin, 1984, p. 271);

(ii) o processo histórico de formação dos gêneros secundários esclarece a respeito da natureza do enunciado (Bakhtin, 1984, p. 268);

(iii) os enunciados não são indiferentes uns aos outros e muito menos autossuficientes (Bakhtin, 1984, p. 298), podendo um gênero secundário valer-se de outro secundário em seu interior, ou imitá-lo (Fiorin, 2016, p. 78).

No caso em tela, pode-se argumentar, com base na primeira afirmação supratranscrita, no sentido de que a unidade dos três “gêneros” é assegurada pela intenção de formar o outro gênero, possível justamente em função da flexibilidade de que se reveste a formação de qualquer gênero (no caso, o diário; a caracterização desse gênero será feita no próximo capítulo, mas para isso é necessário, como já visto, dar o caráter de unidade para o conteúdo analisado, de forma que se possa compreender historicamente como se formou este material).

A segunda afirmação, se combinada com o quanto foi dito no item 3.2, sobre a personagem Juca Teles, nos impõe levar em conta o fato de que tudo leva a crer que Benedicto de Souza Pinto tinha desejo de integração, de fusão com o todo da cidade de São Luiz do Paraitinga, com o grupo ao qual deseja pertencer sem que, ao mesmo tempo, perca sua identidade pessoal – e, a partir daí, ele manifesta aspectos pessoais juntamente com aspectos públicos, de forma a criar a colcha de retalhos dos cadernos; *se ele mesmo*

*possui uma psique fragmentada, não é de se estranhar que se manifeste, em suas relações de comunicação, também de forma fragmentada.*¹⁹

Em reforço deste posicionamento, servimo-nos mais uma vez de Bakhtin: o projeto discursivo do autor – o planejamento feito pelo autor para o desenvolvimento do texto, que consiste no elemento *subjetivo* do enunciado, uma vez que é determinado por fatores subjetivos – é quem determina a escolha da forma de gênero segundo o qual o enunciado será desenvolvido, em combinação com o objeto do sentido, o elemento *objetivo* do enunciado, aquilo de que se fala e que é bem delimitado pela razão (v. Bakhtin, 1984, p. 284).

Já a terceira afirmação nos dá a certeza de que, de fato, os gêneros secundários têm condição de se mesclar para formar um outro. Mas essa afirmação, por si mesma, é insuficiente para justificar que as três formas distintas de expressão verbal constantes de nosso *corpus* se uniram para formar um gênero único.

Vislumbramos uma forma de chegar a essa comprovação por meio dos conceitos de projeto discursivo (elemento subjetivo) e objeto do discurso (elemento objetivo); para que houvesse unidade em meio a tanta diversidade, deveria haver coincidência entre os elementos subjetivo e objetivo, não havendo, por via de consequência, multigenericidade, mas sim unicidade de gênero, gênero esse que é expresso por três distintas *vozes*.

Não bastasse isso, seria preciso também confirmar a existência de elementos em comum que permitem o *diálogo* entre essas diferentes expressões do autor, de forma a comprovar que existe conexão entre elas. Daí poderíamos passar de forma segura à comprovação de que o escriba tinha em mente, em verdade, a intenção de escrever um *material de cunho coletivo*, escolhendo esse gênero por razões subjetivas, uma vez que o projeto discursivo tem essa natureza subjetiva.

Para confirmar essa afirmação, é preciso esmiuçar cada um dos supostos “gêneros”²⁰ que compõem os cadernos. A considerarmos o caderno de forma literal, sem levar em conta as nuances históricas, psicológicas e discursivas que o envolvem, teremos

¹⁹ Veremos em item adiante que não há incompatibilidade que impossibilite, totalmente, a utilização dos conceitos psicológicos dentro da abordagem bakhtiniana.

²⁰ A partir deste ponto, optamos por deliberadamente não falar em *gênero*, a não ser entre aspas, até que fique comprovada (ou não) a condição de voz de um contexto maior para a poesia, as anotações e as narrações da cidade.

no mínimo de admitir que há uma conexão intergenérica entre eles, pautada no fato de que um mesmo suporte dá apoio a três “gêneros” distintos. Mas esta nos parece ser uma conclusão extremamente simplista, dada a complexidade de relações que se pode estabelecer entre as três situações.

Passemos à análise de cada uma das vozes, visando (i) a relação projeto discursivo-objeto do sentido e (ii) as conexões existentes entre elas. Em momento posterior, vamos traçar os pontos comuns entre elas com base na teoria bakhtiniana.

Muito embora a relação projeto discursivo-objeto do sentido sirva para identificar a formação do gênero, vamos analisar essa relação separadamente em cada um dos casos, como se de gêneros distintos se tratasse, e, posteriormente, verificar se os resultados convergem para um fim comum. Se houver essa convergência, então temos aí o indicativo de que se está diante de um gênero único.

Também em caso de haver convergência entre os projetos discursivos e objetos de sentido dos três formatos em que o autor se expressa, vamos fazer uso da noção de polifonia para demonstrar que estamos diante de expressões distintas dentro de um mesmo contexto.

Comecemos, portanto, pela análise individual dos “gêneros”.

4.2.1 A poesia

A poesia constante do caderno que constitui nosso objeto de estudo é simples, sem grandes elaborações e provavelmente reproduzindo o que se via na tradição oral: sempre em pequenas estrofes de quatro versos, com rimas fáceis (que nem sempre são pobres, no entanto), estrofes essas que se unem para formar um determinado contexto. Não há regularidade métrica, muito embora chame a atenção o fato de que há muitos versos em redondilha maior (sete sílabas poéticas).

Nos parece que a intenção do autor, em alguns casos, era justamente a de brincar, fazer pilhéria com esses pequenos textos. A princípio, as brincadeiras têm relação consigo mesmo e – mais interessante de tudo – até com sua vida pessoal, o que o faz atuar em primeira pessoa e a usar linguagem mais descontraída, como se pode ver a seguir:

Larguei a vida na roça
 Só pra festá na cidade
 Festando bem como tô
 Déla não tenho sôdade

É interessante notar o contraste existente os outros dois tipos de expressão que veremos a seguir, mais despersonalizados, e este, mais íntimo, talvez falando da própria vida de Benedicto de Souza Pinto: de família humilde, acabou por adotar uma profissão fora daquela que estaria fatalmente destinada à gente pobre daquela época, a lida no campo (e talvez por isso tenha dito que “largou” a vida na roça). Mas, mesmo assim, o autor demonstra que há uma conexão muito grande com a comunidade da cidade, já que largou a roça para “festá na cidade”.

Mas a despersonalização retorna quando Benedicto precisa retomar a *persona*, o papel de Juca Teles nas celebrações de São Luiz do Paraitinga. Aqui ele passa a ser um personagem da coletividade, que tem um papel a cumprir, ainda que seja o de “bobo da corte”. E é nessa hora que ele volta a falar de si mesmo em terceira pessoa e a usar linguagem mais elaborada – afinal é momento de se mostrar “respeitoso” (p. 162):

Juca Téles, respeitoso
 Com alguém não quer brincar
 Mas lembrando de Bairro Alto
 O Padre Higino vai saudar

Se levamos em conta a caracterização de Benveniste a respeito da natureza dos pronomes, na qual *eu* e *tu* indicam que o locutor se apropria do discurso (2005a, p. 277) e são formas de o locutor se propor como sujeito (2005b, p. 286), tal alternância indica uma *incerteza* a respeito do seu verdadeiro papel em meio aos acontecimentos da cidade: teria ele como se assumir como o “proprietário” do discurso, uma vez que não poderia falar apenas por si, mas em nome de algo mais complexo, que transcende a noção de pessoa – ele é apenas uma célula de um organismo muito maior.

Como a terceira pessoa está alheia a situações pessoais – consiste numa “não-pessoa” que não se remete a quem enuncia (Benveniste, 2005a, p. 282) –, é possível que a alternância (e o uso mais frequente de terceira pessoa) seja mera expressão da profunda

imersão de Benedicto na consciência de grupo, como já aventado em item anterior. Veja-se a respeito um exemplo da narrativa, inserido aqui apenas a título comparativo:

Escrevia quando na porta do Bar do Benedicto Geraldo de Gouvea, aparece o Sebastião Claro e diz: Zé Amancio está tratando o casamento? Pinto levanta os olhos e Zé Amancio estava rodeando o Pinto na esperança do prometido ser o padrinho de seu casamento – Vamos ver – (p. 194)

Aqui, note-se que “Pinto”, neste caso, parece ser a forma pela qual Benedicto se identifica nesta narrativa, já que ele o faz em outras oportunidades, como visto no item 2.1.9. E o uso da forma verbal “escrevia” é ambíguo, sem precisar quem seria o sujeito dessa ação de escrever. De toda forma, nota-se ainda uma certa regularidade no tom de registro, que dá mostra de distanciamento em relação ao que é registrado.

Na poesia, contudo, há o reconhecimento do desejo de pilhéria, que é o contexto habitual dos poemas (muito embora, nesta estrofe em especial, a pilhéria seja reprimida em razão das circunstâncias).

E, ao longo dos poemas, ele também não se trata como o oficial de justiça, mas como a personagem folclórica, o tempo todo – ainda que, em alguns pontos, faça referência a si mesmo em primeira pessoa.

Portanto, se podemos falar em um *projeto discursivo* nesta voz, ela estaria caracterizada por esse senso de diversão que, aliás, era bastante associado à pessoa do escriba na cidade. Isso já poderia dar um caráter de gênero a estes trechos dos cadernos.

Mas seria uma análise muito rasteira. Não se parou para analisar qual o público de Juca Teles e a qual *compreensão responsiva* – entendida como o estágio inicial, preparatório a uma resposta (Bakhtin, 1984, p. 274) – o poema conduz. Afinal, um enunciado se volta não apenas para seu objeto, mas também ao discurso do outro sobre esse objeto. “Le locuteur n’est pas un Adam” (Bakhtin, 1984, p. 302).

Dos dois trechos que selecionamos acima, já notamos que há a flutuação entre o público e o privado que marca a personagem e a pessoa real. A marca comum seria a pilhéria. Mas a pilhéria não é destituída de sentido, aleatória: ela caracteriza Juca/Benedicto com mais força como personagem folclórica. É dizer: quem lê os poemas conclui que Juca/Benedicto é uma pessoa única.

E, em se tratando de anotações pessoais, não havia expectativa de que o texto fosse lido. Em termos da teoria bakhtiniana, porém, como visto, há sempre que se confrontar o enunciado com o olhar do outro; então qualquer cidadão luizense chegaria facilmente a essa conclusão de que Juca/Benedicto “é uma pessoa única”, reforçando a imagem de *outsider* que ele carrega consigo, talvez mesmo de forma deliberada.

Temos conosco, portanto, que o projeto discursivo dos poemas é *criar uma imagem pública de uma pessoa individual*.

Quanto ao *objeto do sentido*, há imensa variedade dos temas abordados nos poemas. Juca fala de si mesmo, da vida em São Luiz do Paraitinga, arrisca falar de amor. Mas também usa o poema como atração em eventos públicos, como se viu.

Essa variedade temática, contudo, é falsa, uma vez que, em qualquer caso, *o eu é o centro do poema*. Seja esse eu indicado por Benedicto ou por Juca, o fato é que os poemas são estritamente individuais, ainda que tenham impacto público (como no poema em homenagem ao Padre Higino, no qual o tempo todo há menção ao fato de que Juca Teles está lá presente e fez o poema – v. pp. 159 a 162).

Ao mesmo tempo, e por mais paradoxal que pareça, esse eu no qual se baseiam os poemas é aquela imagem paralela que a cidade tem de Juca/Benedicto, e não a pessoa real, seus medos e dilemas pessoais, suas alegrias e prazeres (como, aliás, vimos da exposição do projeto discursivo, acima). A flutuação no uso da primeira e da terceira pessoas pode ser uma indicação disso, já que o eu “personalíssimo”, o Benedicto íntimo, não está presente – é o Benedicto misturado à imagem e eventos da cidade, ainda mesclado à consciência de grupo.

O espaço no qual os poemas de conteúdo narrativo são desenvolvidos é, em sua maior parte, o perímetro de São Luiz do Paraitinga, mas há referência a “aventuras” em cidades próximas, como Guaratinguetá:

I

De volta a São Luiz
Dentro do caminhão
Lembramos todos da festa
Com toda satisfação

II

Juca Téles cantava sempre
 Como toda gente diz –
 Saudava toda gente
 E o ex-sargento de São Luiz

Note-se que, muito embora o evento tivesse tomado parte em outra cidade, o que marca o momento registrado no poema é o retorno a São Luiz, e há o foco na pessoa de Juca Teles, que está cantando no caminhão, talvez fazendo o papel que se esperava dele, de alegrar as pessoas, *entretê-las*.

E esse papel, de forma interessante, não fica restrito às várias celebrações tão ciosamente preservadas pelo povo de São Luiz do Paraitinga. Ele se espraia por outros eventos, como se vê do último excerto citado, e pode ter sido tão intenso que pode ter colaborado para a formação da imagem de *outsider* de Benedicto/Juca.

Benedicto pode ser, em função disso, enquadrado na definição dada por Bakhtin para o *bufão*, aquele que relembra o povo de que há vida fora da rotina normal:

“Os bufões e bobos são as personagens características da cultura cômica da Idade Média. De certo modo, os veículos permanentes e consagrados do princípio carnavalesco na vida cotidiana (aquela que se desenrolava fora do carnaval). Os bufões e bobos [...] não eram atores que desempenhavam seu papel no palco [...]. Pelo contrário, eles continuavam sendo bufões e bobos em todas as circunstâncias da vida” (Bakhtin, 2002, p. 7).

Concluimos, portanto, que a interação entre o público e o privado, aqui, converge para a *promoção do eu* – ainda que esse *eu* esteja oscilando entre a consciência individual e a consciência de grupo – por meio da *criação de uma imagem pública divertida*. Temos em cena o *bufão de São Luiz do Paraitinga*.

4.2.2 As anotações de trabalho

As anotações de trabalho se referem a questões diárias do trabalho de Benedicto de Souza Pinto como oficial de justiça: listas de pessoas a serem citadas²¹ em processos em andamento em São Luiz do Paraitinga; listas e horários de audiências²² nas quais deveria prestar seu apoio ao juiz da comarca; elaboração de certidões sobre bens a penhorar etc.

A julgar estritamente por estas anotações de trabalho, poder-se-ia considerar que o caderno realmente está fadado a ser encaixado num gênero associado a anotações simples. Mas a questão é mais complexa.

O texto referente às anotações de trabalho realmente tem características de caderneta de anotações: caligrafia descuidada, como quem escreve às pressas; riscos e marcações “pg” para tarefas cumpridas ou pagamentos que lhe foram feitos; tabelas que parecem servir de controle de atividades.

Há que se considerar, a partir do exposto, o fato de que as anotações de trabalho são a única parte dos cadernos que mostra um pouco de quem é Benedicto de Souza Pinto, o oficial de justiça, pessoa que trabalha com a administração da justiça e que tem obrigações e rotina muito distintas daquilo que se pode imaginar da figura de Juca Teles.

Aqui se nota, portanto, um alto grau de *pessoalidade* no material que não pode ser desconsiderado – entendendo-se aqui *pessoalidade* como uma característica relacionada à intimidade e/ou vida pessoal daquele que escreve, individualmente consideradas.

Ao mesmo tempo, essa *pessoalidade* diz respeito à uma imagem pública, qual seja, a do oficial de justiça.

Em termos de projeto discursivo, portanto, temos aqui uma coincidência entre este material e os poemas: mais uma vez, há a intenção de *projetar uma imagem pública de*

²¹ Citação é o ato pelo qual se dá comunicação ao réu de que há demanda em curso contra ele, de forma que possa que se defender (v. Código de Processo Civil de 2015, art. 238; Código de Processo Civil de 1973, art. 213). É ato que, via de regra, é incumbência do oficial de justiça (v. Código de Processo Civil de 2015, art. 154; Código de Processo Civil de 1973, art. 143).

²² Dentre as atribuições normalmente conferidas aos oficiais de justiça nos Códigos de Processo Civil passados, estava a de comparecer as audiências, como parte de seu dever de apoiar o juiz na manutenção da ordem. Muito embora o atual Código de Processo Civil não preveja expressamente essa atribuição, o fato de ainda lhe ser imposto o dever de auxiliar o juiz na manutenção da ordem (Código de Processo Civil de 2015, art. 154) faz supor que, se necessário, o juiz pode convocá-lo para apoiá-lo nesse mister.

uma pessoa individual. Aqui a pessoalidade das anotações não permite concluir que o material estava destinado à leitura pública, mas, da mesma forma que ocorria com os poemas, qualquer luizense que porventura quisesse tomasse contato com ele chegaria à conclusão de que o oficial de justiça de sua cidade era organizado e tinha controle dos seus afazeres e deveres.

O objeto do sentido é o trabalho de oficial de justiça e seus desdobramentos. Porém, não se trata do trabalho de *qualquer* oficial de justiça, mas de Benedicto de Souza Pinto. As anotações possuem, portanto, também um foco no *eu*, ainda que de uma forma diferenciada e mais despersonalizada em relação aos poemas.

Essa despersonalização, contudo, não impedia o uso de pronomes de primeira pessoa, quando assim era necessário (para o registro de um ato de intimação, por exemplo, em que ele dá notícia de ter efetivado o serviço):

“Intimei no Rancho Grande em sua residência – e perto de Miguel Carlota a Rita Ramos Bilard” (v. pp. 167 e 168).

A rigor, isso não seria necessário, uma vez que Benedicto poderia limitar-se a fazer uma lista das pessoas a intimar e riscar os nomes dos já intimados. Mas ele faz questão de descrever o fato, e, ainda por cima, o faz com uso de desinências verbais indicativas de primeira pessoa. É a manifestação do individual, em que o indivíduo se propõe como sujeito, alternando-se com o coletivo, como já visto nos poemas, mas o individual está mais disperso e raro em comparação com a expressão analisada no item anterior. Aqui a noção de que o indivíduo é apenas uma célula de um todo maior fica ainda mais intensa – o eu só aparece quando o indivíduo realiza uma função que o todo, o público espera dele (no caso, as funções próprias do oficial de justiça).

É apenas no exercício da função pública que Benedicto toma posse do discurso – considerando aqui o que Benveniste defende a respeito do uso do pronome pessoal de primeira pessoa – e se arvora como o oficial de justiça, identificando o autor das anotações.

O espaço para o exercício do ofício de que estava incumbido só poderia ser o do perímetro urbano de São Luiz do Paraitinga, por motivos técnicos: caso houvesse

necessidade de intimação/citação em outra cidade, deveria ser expedida uma carta precatória para que o oficial de justiça dessa outra cidade procedesse ao trabalho.²³

Aqui, a interação entre o público e o privado existe, portanto, pela demonstração íntima da rotina de trabalho de uma pessoa pública, resultado da soma do projeto discursivo e do objeto do sentido. Temos em cena o *oficial de justiça de São Luiz do Paraitinga*.

4.2.3 As narrativas

Neste último caso, a complexidade da argumentação aumenta porque não há uniformidade de objeto de sentido. Ou, pelo menos, essa uniformidade não é aparente. Há muitas narrações de fatos da cidade, em sua maioria, mas há também narrações de encontros com pessoas e passeios.

O ponto comum entre todas as narrativas é o fato de que Juca/Benedicto se trata majoritariamente pela terceira pessoa – independentemente de a situação exigir a presença do bufão ou do oficial de justiça:

“Pinto levanta os olhos e Zé Amancio estava rodeando o Pinto na esperança do prometido ser o padrinho do seu casamento” (v. pp. 191 e 192)

“Falou por ultimo Benedicto de Souza Pinto, amigo do homenageado – Representando a família de Juca Teles do sertão das Cotias” (v. pp. 159 e 160)

É como se outra pessoa tivesse escrito – mas isso não faz sentido, uma vez que, na análise dos aspectos codicológicos, pudemos notar que há apenas um punho, e que não

²³ A regulação processual em vigor na época era o Código de Processo Civil de 1939 (Decreto-Lei 1.608, de 18.9.1939). Em seu art. 6.º, esse diploma legal prescrevia que “os atos que houverem de praticar-se em território nacional, mas fora da jurisdição do juiz, serão requisitados ao juiz do lugar por meio de precatória ou, se o juiz for de categoria inferior, por meio de carta de ordem”. Feita a requisição ao juiz do lugar, e acolhendo este o pedido, o oficial de justiça do lugar procederá ao ato. O mesmo sistema persistiu no Código de Processo Civil seguinte, de 1973, e continua no Código de Processo Civil de 2015, atualmente em vigor. Daí é possível deduzir que as referências a locais feitas nos trechos das anotações de trabalho são bairros ou distritos de São Luiz do Paraitinga – do contrário, Benedicto não poderia atuar.

há qualquer evidência no sentido de que outra pessoa tenha participado da confecção do material escrito.

Em alguns poucos momentos específicos, o autor se permite o uso da primeira pessoa:

“Ao pé de mim entoando o hino se via uma jovem que fez a 1.^a Comunhão, orfã ou pai se destraviou mas eu o vi no meio do rebanho do Senhor” (v. pp. 185 e 186)

“9 da noite sobre o balcão releio noticia do falecimento de meu amigo – Padre Telesforo de Moura” (v. pp. 199 e 200)

Mais uma vez, há ênfase em torno do *eu*: em todas as situações narradas, é exigida a presença de um *observador* ou *participante*, que tudo leva a crer seja o escriba, o que dá razoabilidade para que tais eventos sejam transcritos no caderno, à forma de *memorabilia*.

O uso dos pronomes de primeira pessoa, somado à indistinção entre qual personagem está em ação (como se viu do trecho em que Benedicto se intitula representante da família de Juca Teles, acima), dá a entender que, aqui, um sujeito discursivo mais privado, mais focado no que tem de pessoal, é quem está em ação neste caso. Porém, a presença do eu, a exemplo do que já ocorria no item anterior, é rara – e confirma a observação já feita anteriormente, no sentido de que o indivíduo se identifica, mas não se distingue por completo do todo.

Os fatos todos ocorrem em São Luiz do Paraitinga. Por vezes, os textos mencionam localidades denominadas Lagoinha e Catuçaba, que à época eram distritos de São Luiz (portanto, a atividade está circunscrita ao perímetro do município; Lagoinha, atualmente, foi elevada a município).

Em termos de projeto discursivo, a intenção do autor parece ser a de *relatar fatos* referentes a São Luiz do Paraitinga. Afinal, é relevantíssimo o quanto tais anotações não indicam fatos da vida íntima do escriba (nem sequer da vida familiar!). Quando muito, há ligeiras referências a encontros com amigos e conhecidos, como visto num dos excertos acima transcritos, mas sempre num espaço público, em circunstâncias públicas, sem confissões, atos privados, emoções registradas de forma evidente (a não ser para indicar o que se sente ao presenciar um espetáculo ou situação presenciados *publicamente*).

Diante de tamanha “publicidade”, e levando em consideração que o espaço público de que se trata é São Luiz do Paraitinga, o objeto do sentido só pode ser *a cidade*.

Conclui-se, portanto, que esta terceira voz coloca em cena *a cidade de São Luiz do Paraitinga, sua rotina e seus habitantes*, pelos olhos de Juca/Benedicto.

4.2.4 Conexão entre as três vozes e unidade do material: projeto discursivo e objeto do sentido

Ao longo da análise das três vozes que compõem o diário, salta aos olhos o fato de que, nos três casos, a cidade está de alguma forma envolvida: seja porque seu bufão favorito está envolvido, seja porque seu oficial de justiça está trabalhando, seja ainda porque alguém se deu ao trabalho de fazer um registro de acontecimentos cotidianos, festividades ou fatos ligados a determinados habitantes. E isso não é de se estranhar, se levarmos em consideração o que foi dito no item sobre a pessoa de Juca Teles/Benedicto de Souza Pinto e sua necessidade de pertencimento ao grupo social da cidade.

Portanto, o elemento de conexão mais gritante é a *cidade*. Nos poemas e no trabalho do oficial de justiça, há uma ligação forte, ainda, com a esfera privada, muito embora o bufão e o oficial de justiça tenham ambos funções públicas.²⁴ Nas narrativas, os ambientes delas constantes são sempre públicos, mas o *eu* do narrador se faz presente, ainda que de forma tímida, pelo uso majoritário da terceira pessoa.

Essas mesmas razões corroboram o que foi exposto no item 3.2 a respeito do desejo íntimo de Juca/Benedicto de fazer parte do grupo, de se sentir inserido de alguma forma, e expressar isso em seus escritos – que, aliás, demonstram o quanto ele estava aferrado à sua relação com a cidade e com a esfera coletiva em que vivia.

Conclui-se, portanto, que a *publicidade* do material – entendida aqui não como característica de material a ser dado ao consumo público, mas como sinal de que o autor estava muito ligado à esfera pública – é a grande ligação entre os três momentos distintos

²⁴ O bufão também tem uma função pública, porque as festividades não seriam as mesmas sem seus poemas e o Sábado de Aleluia perderia seu encanto. A lembrança da vida fora da rotina, “da casinha”, como se costuma dizer hoje em dia, é relevante para entreter e relaxar. Na Idade Média, o bufão funcionava na corte como a encarnação da forma de vida fora da rotina, como vimos no item 4.2.1 – tinha um papel especial a desempenhar também.

em que o material dos cadernos desabrocha. E é a partir daí que afirmamos que, de fato, ao nos depararmos com os cadernos, estamos diante de um *todo unitário que é expresso por apenas um gênero*, e não de três gêneros distintos que se sucedem de forma aleatória. Esse todo, por sua vez, está fundamentado na *coletividade, na cidade, no espaço de convivência*.

De forma a justificar nosso entendimento com base na teoria bakhtiniana, vale ressaltar que, para Bakhtin, a pura e simples mistura de formas de expressão – que poderiam constituir gêneros distintos entre si – não impede que essa mistura, por si mesma, possa se constituir num gênero diferenciado. Afinal, os enunciados não são indiferentes uns aos outros, e muito menos autossuficientes; eles se conhecem mutuamente e se refletem uns nos outros (Bakhtin, 1984, p. 298).

De forma a comprovar que esta é a situação que encontramos no caderno de Juca Teles, compararemos as conclusões a que chegamos nos itens anteriores diretamente, a partir da exposição de seus projetos discursivos e objetos de sentido – uma vez que, caso estejamos mesmo diante de um gênero único, deveremos ter um único projeto discursivo e um único objeto de sentido:

	<i>poesia</i>	<i>anotações</i>	<i>narrativa</i>
<i>projeto discursivo</i>	imagem pública de pessoa individual perante a cidade	imagem pública de pessoa individual perante a cidade	imagem da cidade pelos olhos do cidadão (bufão ou oficial de justiça)
<i>objeto de sentido</i>	o autor como o bufão (figura pública)	o autor como o oficial de justiça (figura pública)	a cidade, seus acontecimentos, suas pessoas

Nota-se que, no caso da narrativa, há predominância do público sobre o privado, ao contrário do que ocorre nos outros dois casos. Mas parece claro que em *todos* os casos há essa fluência, essa interpenetração do público com o privado, e que a cidade de alguma forma está sempre presente como uma espécie de Grande Irmão orwelliano, penetrando os escritos em todos os momentos.

As referências à cidade de São Luiz do Paraitinga fluem entre o microscópico e o macroscópico: o microscópico está presente na agenda de compromissos e nos poemas de Juca Teles, que mostram como era a vida de uma personagem com as atribuições que possuía. Essa personagem é a responsável pela preservação da parte macroscópica, consistente nos registros que permitem a reconstrução de detalhes de uma história que, talvez, perdue apenas na memória dos mais velhos.

A ligação existente entre o “microcosmo” e o “macrocosmo” constantes do caderno é a pessoa física Benedicto de Souza Pinto, que dá o tom das passagens de um nível a outro pelas opções que faz na disposição dos textos. Porém, *o microcosmo jamais será esmiuçado*, jamais entrará nos requintes do estritamente privado – ele interessa apenas na medida em que fornece um mínimo foco para questões menos evidentes do convívio entre as pessoas, na cidade.

Outra ligação entre esses dois níveis é a história. Descobrir e definir um personagem folclórico como Juca Teles, por sua poesia e sua rotina, equivale a recuperar uma parte da história, ao mesmo tempo em que a pessoa física Benedicto de Souza Pinto descreve essa mesma história em nuances mais amplas em seus relatos da cidade, enquanto o oficial de justiça Benedicto de Souza Pinto, por meio de anotações de trabalho, mostra a rotina e o fluxo de processos e intimações a serem feitas, cobranças a serem efetivadas etc., o que não deixa de ser histórico, uma vez que há menção a moradores da cidade na época e a detalhes, jurídicos, da sua vida.

Ao mesmo tempo, a história é o objeto do caderno, pois ela exsurge da caracterização da pessoa física Benedicto – através da poesia, da agenda de organização pessoal e dos fatos de sua vida que são relatados –, bem como é registrada por ele conforme acontece, no que para ele parece cotidiano.

E, ainda em termos da teoria bakhtiniana, isso é perfeitamente explicável pelo fato de que realmente existe a interferência mútua entre o público e o privado, ainda que um não se sobreponha totalmente ao outro – existe uma necessária *fluência* entre um e outro. “Em Bakhtin, o sujeito não é assujeitado, ou seja, submisso às estruturas sociais, nem é uma subjetividade autônoma em relação à sociedade” (Fiorin, 2016, p. 60). É a plena expressão do que os estudiosos de Bakhtin denominam o terceiro conceito de dialogismo.

E não deixa de ser extremamente curioso que os cadernos expressem essa relação. Dada essa mesma relação, podemos resumir o quadro acima e seu caleidoscópio de expressões em uma única descrição de projeto discursivo e objeto de sentido que servirá como base da construção do gênero que define os cadernos:

	<i>caderno</i>
<i>projeto discursivo</i>	exposição da cidade de São Luiz do Paraitinga, do ponto de vista do indivíduo público e dos fatos
<i>objeto de sentido</i>	a cidade

Aliás, vale destacar que, muito embora a regra seja a de que os gêneros primários se unam para formar um secundário, Bakhtin não desconsidera que gêneros secundários possam se misturar (cf. Fiorin, 2016, p. 78). Isso reforça a ideia de que, realmente, estamos diante de um único gênero.

Portanto, ao que tudo indica, estamos diante de um único gênero, representado por um único projeto discursivo e um único objeto de sentido, que expressa uma narrativa dada por uma pessoa física e dois “personagens” nas quais essa pessoa se desdobra, o bufão e o oficial de justiça.

Mas a visão que se tem dessas “pessoas” que dão o tom dos escritos pode ser desenvolvida ainda mais a partir da noção de polifonia.

4.2.5 Conexão entre as três vozes e unidade do material (2): os cadernos como expressão polifônica

Tratando da obra de Dostoievski, Bakhtin defende que esse autor não confere às personagens um caráter fechado e limitado, mas sim tão forte e poderoso quanto o do autor. “A consciência do herói é dada como a outra, a consciência do outro mas ao mesmo tempo não se objetifica, não se fecha, não se torna mero objeto da consciência do autor” (Bakhtin, 1997, p. 5). Exemplo disso seria o fato de que a percepção da personagem sobre seu entorno é plenamente expressa e não há uma necessidade de fechamento da narrativa

no sentido de determinar o destino da mesma personagem; ela se expressa e vive sem amarras, pois não é tratada como mero *objeto* da criação do autor.

Trazendo essa visão para o teor dos cadernos sob análise, e a partir do quanto foi exposto no item anterior, notamos a presença de uma narrativa e de dois personagens muito marcados, cada um com sua forma de expressão muito peculiar.

A narrativa segue o projeto que dela se espera: uma narração dos fatos ocorridos em determinada situação, com indicação de tempo e espaço, mais enumeração de outras personagens. Já os poemas e anotações, uma vez que se limitam às personagens, podem ser tomadas como expressão da vida dessas personagens, mas sem um narrador que lhes tolhe a expressividade e sim como reflexo de seu cotidiano e/ou personalidade. Não há, nos poemas e anotações, *juízo* sobre as pessoas, mas pura e simples expressividade – seja da própria “veia poética” ou da rotina de trabalho.

A narrativa dialoga com as duas outras vozes a partir do momento em que leva os personagens dessas outras duas vozes para dentro de si, transformando-as em suas próprias personagens, mas nessa forma aberta, não limitada, que permite sua ampla expressividade. É a narrativa que mostra a existência de uma *união* entre o bufão e o oficial de justiça, que convergem para uma mesma pessoa no mundo real.

Num primeiro nível, da relação entre os personagens e Benedicto, poderíamos verificar, a partir do espectro polifônico de Ducrot (1987) para a enunciação, e retomando, ao mesmo tempo, a noção, extraída do item anterior, de que há duas facetas de uma pessoa única que se expressam nos cadernos, que:

- (i) na poesia, o locutor enquanto tal/enunciador é Juca Teles, o bufão;
- (ii) nas anotações, o locutor enquanto tal/enunciador é Benedicto de Souza Pinto, o oficial de justiça;
- (iii) nas narrativas, o locutor enquanto tal/enunciador é um narrador que às vezes é impessoal, às vezes se personaliza (com marcas de pronomes pessoais), e às vezes se identifica expressamente com um dos locutores enquanto tais/enunciadores acima indicados.

Em todos os casos, parece haver um locutor remoto (ou locutor “ser do mundo”, nas palavras de Ducrot) único: o autor dos cadernos, que, diante do exposto na análise

codicológica, deduzimos seja Benedicto de Souza Pinto, a pessoa física, “do mundo”, que reúne em si esses três locutores/enunciadores e lhes dá voz.

Essa unidade do locutor remoto, por si mesma, não é suficiente para comprovar que estamos diante de um gênero único polifônico, porque, a rigor, isso apenas poderia significar que se está diante de textos expressos em gêneros distintos, de autoria da mesma pessoa – o que não se coaduna com a complexidade que já verificamos em relação ao conteúdo dos cadernos e em virtude da própria personalidade de Benedicto.

E é neste ponto que devemos analisar a questão por outro ângulo. Benedicto, a pessoa física, é a origem dos outros três enunciadores e é identificado como o autor dos cadernos. Mas tudo isso é feito de forma a dar maior ênfase ao coletivo do que ao pessoal, como já visto nos itens anteriores, com as características que nos permitiram concluir pela unidade do texto. Disso exsurge que os enunciadores que se manifestam por meio de Benedicto poderiam ser apenas o reflexo de um locutor “ser do mundo” maior (que lhes empresta as características de ênfase na cidade e no coletivo), enquanto Benedicto seria o enunciador que dá voz a esse locutor maior.

Existiria, portanto, a polifonia, seja qual for o gênero em que se encaixe o nosso *corpus* (o que será estudado em item próprio, mais adiante). Mas Benedicto deixaria de ser o locutor “ser do mundo” para passar à condição de enunciador, que se expressa das formas analisadas nos itens anteriores.

Mas quem seria o “ser do mundo maior”? Temos pistas desse fato ao atentarmos para as características comuns das três vozes. Todas revelam a interpenetração do público e do privado, expõem o caráter e as circunstâncias ao redor de determinada personagem, mas sempre com a cidade e a imagem/o espaço público como tema e tópico fundante, como vimos (o que, inclusive, indica que estamos diante de um único gênero).

E é nesse ponto que passamos a discutir a possibilidade da autoria *coletiva* do caderno, com a coletividade figurando como o locutor “ser do mundo” e Benedicto e seus personagens figurando como enunciadores.

Para tanto, será importante, por via de consequência, tomar como ponto de partida uma característica forte dos cadernos, já mencionada acima: o fato de que praticamente não se fala da vida privada de Benedicto de Souza Pinto neles, e, quando isso ocorre, esse

indivíduo está sempre inserido num grupo ligado à cidade de São Luiz do Paraitinga, ou em atividades correlacionadas ao interesse público da cidade.

5

OS CADERNOS COMO EXPRESSÃO DA COLETIVIDADE

Verificamos no capítulo anterior o quanto a pessoa individual de Benedicto de Souza Pinto se mistura com o ambiente público e não passa de um reflexo dele, seja por meio dos personagens que representa, seja em função do fato de que, em momento nenhum, deixa de lado o público, mesmo quando, de alguma forma, procura se inserir no particular.

E, a julgar pela teoria bakhtiniana, que vimos seguindo neste trabalho, vale a pena lembrar que a posição do autor de um enunciado se define a partir de como ela se posiciona perante outras posições, e isso pode ocorrer de formas variadas, seja pela inclusão do enunciado de outrem no contexto de seu próprio enunciado, seja pela introdução de palavras isoladas ou de proposições (Bakhtin, 1984, p. 299).

Ao visualizarmos tal posicionamento, a impressão que fica é de que Benedicto/Juca incorpora o todo e fala por ele, a partir das *personas* que assume ao longo do material, tomando dos eventuais leitores seus dados pessoais e questões legais (como oficial de justiça), assumindo características públicas ao construir uma personagem externa a si mesmo (como Juca Teles) ou tomando de empréstimo os fatos da cidade e os acontecimentos envolvendo as pessoas que ali residem (como memorialista). É como se ele dissesse a seus eventuais leitores, os demais cidadãos de São Luiz do Paraitinga, que quer dialogar, quer estar presente e fazer parte da cidade de forma completa, geral.

Outra ideia constante na teoria de Bakhtin é a de que o enunciado é, de certa forma, uma resposta a enunciados de outrem, a menos que isso não esteja expresso (Bakhtin, 1984, pp. 299 e 300).

Ora, ao tratarmos da caracterização do escriba dos cadernos, no item 3.2, também mencionamos que Benedicto/Juca parece ter um desejo de pertencimento à comunidade e se sente extremamente conectado a ela – um intenso *desejo* de se mesclar à identidade geral do povo de São Luiz do Paraitinga, por ainda não ter perdido a conexão com a consciência de grupo. E isso pode ter se dado em reação à sua figura de *outsider* na cidade, como reação à forma pela qual era vista pelos concidadãos, reação a esses *enunciados* sobre o quanto era diferente, para não dizer esquisito.

Já anotamos anteriormente o fato de que a personagem Juca Teles usava cartola e andava com os pés descalços (Benedicto de Souza Pinto, ao que consta, também trabalhava como oficial de justiça no mesmo figurino, por vezes).

A cartola, item de vestuário elegante na primeira metade do século XX, poderia funcionar como uma representação do nobre ou da família tradicional rica, enquanto os pés no chão poderiam simbolizar o pobre. Por essa apresentação, Benedicto incorporava em si o povo da cidade, o público.

Tamanha era a identificação de Benedicto com o público, aliás, que ele se tornou *símbolo* do carnaval luizense, em um dos blocos de marchinhas permanentes.

De posse dessas informações e conclusões, seria fácil, a princípio, afirmar que Benedicto/Juca nada mais faz do que externalizar o público no particular. Esses rastros, todavia, não devem ser tratados de forma simplista, uma vez que interessam para a categorização do gênero que procuramos identificar no material objeto de nosso estudo.

E isso é necessário por uma razão muito simples: não acreditamos que estamos diante de um processo consciente e deliberado. Se fosse deliberado, Benedicto teria mais cuidado na disposição dos textos e teria deixado pistas mais contundentes da relação entre eles, em especial das anotações de trabalho, ainda que as diferentes vozes continuassem misturadas. E, como resultado, estaríamos diante de um relato histórico pós-moderno, fragmentado em colagens.

Porém, nossa primeira hipótese de trabalho é a classificação do material no gênero diário - gênero que, por si mesmo, carrega forte carga de pessoalidade –, razão pela qual faz-se necessário demonstrar que Benedicto de Souza Pinto tinha uma conexão muito forte com um nível de consciência *da coletividade*, sem que se desse conta disso (o que pode ser comprovado pela sua própria caracterização do Juca Teles, como vimos).

Portanto, essa pessoalidade pode ser *coletiva*, não centrada em uma única pessoa. A subjetividade que norteia os textos também passa a ser coletiva. Isso também reforçaria o fato de que a composição dos cadernos não foi organizada de forma deliberada.

Em favor do que vimos defendendo, vale ressaltar que a análise do discurso vem negando conceituar o sujeito da enunciação como algo individualizado e fonte única do

discurso, sofrendo as interferências do entorno e da ideologia que está por trás de sua condição (como, aliás, já pudemos entrever com a exposição das ideias de Bakhtin):

“A observação nos mostrou que enquanto a questão do histórico e do ideológico não é uma preocupação que se coloca, o sujeito (tal qual proposto por Benveniste, por exemplo) está centrado na dominância de um EU marcado pela unicidade, pela ideia de fonte absoluta de sentido. À medida que passa a se incorporar a relação locutor-ouvinte, numa perspectiva dialógica, como elemento fundamental no processo de significação, entra para o âmbito dos estudos linguísticos a preocupação com o social, com as condições de produção. Essa preocupação com o Outro introduz necessariamente o conceito de história e o de ideologia que vêm deslocar o conceito de sujeito. Este perde o seu centro e passa a se caracterizar pela dispersão, por um discurso heterogêneo que incorpora e assume diferentes vozes sociais” (Brandão, 2004, p. 86).

Estando, pois, deslocado o conceito de sujeito tradicional, e dada essa heterogeneidade que o discurso passa a ter, seria talvez mesmo natural que, em determinada instância, fosse possível apurar a extensão do sujeito para um viés *coletivo*, não fundado especificamente em uma pessoa física.

Em nosso caso, porém, temos uma situação muito singular: não procuramos identificar, em uma fala particular/privada/individual, o reflexo da interferência do público, porque não parece haver fala particular. Já destacamos que não há referência à vida particular de Benedicto de Souza Pinto, mas apenas às suas funções públicas e ao seu olhar para o mundo ao seu redor.

E a teoria bakhtiniana, que tem substrato no dialogismo e na interferência do ambiente sobre o ser humano, fornece algumas luzes sobre como se dá a interação do indivíduo com a sociedade e a forma pela qual essa pode interferir na sua forma de manifestação.

Entendemos interessante, contudo, estender a nossa visão para além dos limites da visão bakhtiniana, abarcando também conceitos psicológicos, por uma razão simples. Uma noção coletiva racionalista como a de Bakhtin origina-se de um meio muito distinto do nosso, de acentuada orientação individualista e competitiva, e por conta disso vale a pena realçar o poder da sua argumentação com base em outras ideias e leituras do fenômeno social.

Em função disso, optamos por fazer também um paralelo entre o que Bakhtin defendia e posturas da psicologia mais recentes, que, ao contrário do que pode parecer à primeira vista (por força até do quanto foi exposto a respeito pelo próprio Bakhtin), são bastante aproximadas do referencial bakhtiniano.

5.1 Bakhtin, ideologia e sujeito

Bakhtin defendia que o indivíduo jamais poderia se manifestar de forma independente da tessitura social em que se via envolvido. É impossível que uma pessoa, segundo ele, seja avaliada apenas pelo aspecto biológico ou mesmo psicológico individual (v., p. ex., Bakhtin, 2001: “o indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe”).

E não é de espantar, pois, sendo defensor do materialismo histórico, Bakhtin coloca a história como a força motriz dos acontecimentos e dos atos humanos. O conceito de *dialogismo* encampa, de certa forma, esta definição, uma vez que cada época do desenvolvimento humano permite, por exemplo, o desenvolvimento de gêneros específicos do discurso (Bakhtin, 1984, p. 271), sendo o discurso a forma de exteriorização dos enunciados que permitem a exteriorização do pensamento.

Desta forma, seria ilusório acreditar que o homem pensa por si mesmo. Mesmo sonhos e projeções psíquicas seriam reflexos das inter-relações sociais na alma do indivíduo (Bakhtin, 2001, p. 80). Nesse sentido o autor critica a psicologia subjetiva, fundada exclusivamente no indivíduo, uma vez que este não pode ser separado da influência social, marcadamente da ideologia oficial; mas a interação direta entre as pessoas cria uma outra espécie de ideologia, que possui caráter não oficial e que pode se contrapor à ideologia social nos grupos sociais não proeminentes – a chamada *ideologia do cotidiano*. Esta ideologia seria, inclusive, a verdadeira fonte das manifestações do que Freud denominava inconsciente (Bakhtin, 2001, p. 89).

O ponto de partida dessa reflexão de Bakhtin é o conceito marxista de ideologia, considerada uma *falsa consciência* que procurava disfarçar a realidade social (Miotello, 2008, p. 168). Mas o conceito bakhtiniano vai além, pois enxerga a forma pela qual os motivos ideológicos interagem – de um lado, a ideologia oficial impõe determinados

comportamentos e adesões, e, de outro, a ideologia do cotidiano manifesta o que a interação direta e pessoal cria, em meio aos fatos históricos e econômicos, e torna aceito à margem do oficial. É uma relação *dialógica*, a partir da qual as diversas formas de pensamento e de ver o mundo de uma dada sociedade se constroem.

A ideologia do cotidiano é formada por *camadas* (Bakhtin, 2001, p. 89). Nas mais próximas da ideologia oficial, o sujeito não tem dificuldade em reproduzir seu discurso interno para o meio externo. As mais distantes dessa ideologia oficial não são marcadas ideologicamente, por envolverem apenas relações casuais e superficiais; aqui entram em conta fatores biológicos e biográficos. Conforme ocorre o aprofundamento das relações, “as enunciações se relacionam e se integram no sistema ideológico que vem se constituindo permanentemente naquele grupo” (Miotello, 2008, p. 175). Conforme o indivíduo evolui mais e mais nos estratos da ideologia do cotidiano, mais ele passa a expressar o que absorveu do sistema ideológico e deixa de ser individualizado e biográfico para se tornar *social* (*idem, ibidem*).

Mas é justamente o estrato mais distante do oficial, na ideologia do cotidiano, que permite a variabilidade e a transformação; os motivos ideológicos que estiverem distantes do oficial sempre irão sugerir a decomposição da unidade e integridade do sistema, a vulnerabilidade do oficial. Em alguns casos, tais motivos apenas indicam o quanto o indivíduo está deslocado em relação ao grupo; em outros, contudo, podem ser o sinal da decomposição da classe ou de alguns de seus grupos (Bakhtin, 2001, p. 89).

Desta forma, é possível concluir que o que delimita os variados níveis da ideologia do cotidiano é o *grau de interatividade* do sujeito com o grupo do qual faz parte – do quanto ele abre mão do particular e da identidade pessoal, que se presta apenas para interações mais superficiais.

Porém, o fato de Bakhtin enfatizar tão intensamente o poder do coletivo sobre o indivíduo não significa que o indivíduo seja absolutamente submisso àquilo que vem de fora; de certa forma, ele também tem sua margem de contribuição – o que pode gerar novos parâmetros de níveis não oficiais da ideologia do cotidiano que podem, eventualmente, ser trasladados, em momento futuro, para mais perto da ideologia oficial. É pelo indivíduo e pelos pequenos grupos que se cria a ideologia revolucionária (v., p.ex., Bakhtin, 2001, p. 90).

Desta forma,

“se Bakhtin não autoriza que se compreenda o sujeito como essencialidade egocêntrica, também não autoriza que ele seja tomado como ‘arquitetura móvel’ e multidimensional, sem consistência interna, sem contornos definidos, sempre em fluxo ou em processo” (Teixeira, 2006, p. 230).

Portanto, por mais intensa que seja a relação do indivíduo com a ideologia do meio que o rodeia, isso não impede que o próprio indivíduo não possa fazer sua contribuição original, ou permita que ele seja mero joguete nas mãos de forças que não controla.

5.2 A ideologia do cotidiano em São Luiz do Paraitinga

Do quanto foi exposto nos itens anteriores, bem como no capítulo em que procuramos defender a unidade do caderno como representativo de um gênero único, notamos que há aparente descoordenação do conteúdo, ao mesmo tempo em que há fatores de coesão textual que permitem concluir pela unicidade da obra, e que a própria história de Benedicto indica que havia uma imensa necessidade de se sentir agregado/integrado à cidade.

Ora, a considerarmos a teoria bakhtiniana, temos de atentar para o envolvimento do autor com a ideologia do cotidiano em que se via imerso – constituída por história, legislação, fenômenos socioeconômicos etc. –, e o quanto ela poderia ter influência sobre o resultado final que é possível encontrar nos cadernos. Nesse sentido, será fundamental atentar para a história e tradições da cidade, que podem indicar os caminhos de análise de que necessitamos.

Começemos analisando o ambiente em que Benedicto se via inserido. Para tanto, é preciso rememorar alguns pontos da própria história de São Luiz do Paraitinga: a cidade retomou a Festa do Divino, mesmo à revelia da Igreja, e leva muito a sério suas tradições, como se vê do carnaval de marchinhas e do cuidado e orgulho que tem de sua história (a ponto de a cidade ser tombada como patrimônio histórico).

Esse apego aos costumes e à história é explicável pela situação geográfica da cidade, que é razoavelmente isolada dos municípios mais próximos, Taubaté e Ubatuba. Esse mesmo apego pode, em suma, ter sido a forma que a coletividade encontrou para se manter coesa e unida em meio a tal isolamento, sobretudo depois de perder o *status* de ponto de passagem para o porto de Ubatuba e, por consequência, o fluxo de riquezas e de pessoas.

Isso chama a atenção do leitor que se propõe à observação dos cadernos em um primeiro momento. E salta aos olhos uma contraposição forte entre a completa desintegração do eu nas narrativas, mediante o uso da terceira pessoa até mesmo para se referir a ele, Benedicto, e o personalismo ligeiramente mais acentuado que aparece nas poesias (nas quais há o uso da primeira pessoa, mas nem sempre).

Nota-se, portanto, a presença muito forte de um certo senso de *coletividade*, que admite a presença do “eu” personalíssimo, mas que não o deixa atuar com liberdade - e do qual já tivemos um vislumbre ao abordar a história de São Luiz do Paraitinga e de Benedicto.

O grupo, a coletividade, podem formar, conglomerar suas memórias, sentimentos e experiências em algum nível ideológico (ou, como prefere dizer a psicologia, em um nível psíquico coletivo), que ainda é difícil de indicar materialmente, mas que de alguma forma parece estar aí, uma vez que há pessoas expressando sua relação com tal nível.

Há grande probabilidade, portanto, que Benedicto/Juca tenha vivido *impregnado* dessa necessidade de união e coesão, assim como todos os habitantes de São Luiz do Paraitinga. Esse estímulo, aliado à sua tendência natural a observar com ênfase sua condição de *outsider* na cidade, que necessita se sentir parte integrante do grupo, acaba por nos apresentar um dado de imensa força para a caracterização dos cadernos como um material *coletivo, embora de autoria individual*.

Em termos sociais e ideológicos, parece ser muito difícil para qualquer indivíduo (que dirá para o cidadão luizense e para Benedicto, embora para ele a conexão indivíduo-coletivo pareça ser mais acentuada) separar seu lado individual do lado coletivo. É um movimento que pode ser comparado ao funcionamento de uma colmeia: o inseto pode ser individualizado, mas não sabe funcionar sozinho (mesmo que, como ocorre no caso de Benedicto, não seja plenamente aceito).

Se, em termos das ideias de Bakhtin, o indivíduo já não seria, normalmente, plenamente assenhorado de suas convicções, pensamentos e criações, em São Luiz do Paraitinga esse processo é ainda mais intenso, regido por uma necessidade de sobrevivência que faz com que as pessoas vivam intensamente a cidade e por ela se manifestem em primeiro lugar.

O conteúdo de nosso *corpus*, contudo, não se manifesta de forma linear. Portanto, trazer esse contexto histórico para a caracterização da ideologia do cotidiano de São Luiz do Paraitinga não permite uma análise completa do fenômeno (se é que podemos dar essa caracterização para o conteúdo dos cadernos) – em nosso caso não há apenas a fala do indivíduo refletindo o social, mas sim algo mais complexo, que merece análise mais apurada.

5.3 As camadas da ideologia do cotidiano nos cadernos de Juca Teles

No capítulo anterior, tivemos a oportunidade de estudar de forma mais esmiuçada os três tipos de vozes que compõem o *corpus*: a poesia, a narrativa e as anotações do oficial de justiça.

Nos três casos, foi já referido que a referência pessoal sofre gradações; a poesia é mais pessoal, as anotações são predominantemente impessoais mas conservam a marca do *eu* e as narrativas se constroem praticamente só em terceira pessoa.

Vimos ainda que a poesia e as anotações focam em diferentes imagens de Benedicto de Souza Pinto perante a cidade de São Luiz do Paraitinga, mas a narrativa é focada na própria cidade.

Já ressaltamos anteriormente que Benedicto se exprime mediante *gradações de pessoalidade*, que variam conforme o “sub-gênero”²⁵ textual de que se trata (narrativa, poesia e anotações): na narrativa, ele se posiciona em terceira pessoa e assumindo a *persona* Juca Teles; na poesia, há alternância entre a primeira e a terceira pessoas, mas também fazendo referência a Juca Teles; nas anotações, o cunho do material é mais

²⁵ Dizemos “sub-gêneros” na medida em que pretendemos demonstrar que o caderno é expressão de um gênero maior, o diário.

pessoal, mas há esparsas referências ao autor, na qualidade de Benedicto de Souza Pinto, o oficial de justiça, e também em terceira pessoa.

Mas qual a importância desses detalhes para a caracterização do material como sendo de autoria da coletividade?

Como vimos no item 5.1, a ideologia do cotidiano admite também gradações ou *camadas*, que são estabelecidas conforme o grau de interação do indivíduo com a ideologia.

Tais camadas estariam presentes de forma intensa e expressa em São Luiz do Paraitinga, como uma espécie de *fotografia* dos estratos ideológicos que perpassavam a cidade, bem como o quão pouco pessoal é o material, o quanto está distanciado da pessoa de Benedicto de Souza Pinto e próximo do todo, do conjunto da cidade, como se vê do projeto discursivo e do objeto de sentido, que identificamos no capítulo anterior.

Tomemos por ponto de partida o fato de que, segundo Bakhtin, a predominância do fator biológico/biográfico é indicativo de maior distanciamento da ideologia oficial (uma vez que o indivíduo está mais focado naquilo que é mais pessoal), e que a maior despersonalização leva a um maior envolvimento com essa mesma ideologia. A partir daí, teríamos, então, um “trânsito” ou “fluxo” de um nível a outro da ideologia do cotidiano.

A questão da mudança de referencial pessoal traz novamente à tona a discussão sobre a natureza dos pronomes engendrada por Benveniste (2005a, pp. 277 e ss.), segundo o qual a subjetividade pode ser marcada pelo emprego dos pronomes pessoais. Nesse passo, *eu* e *tu* funcionariam como indicadores de instâncias de discurso; *eu* demarcaria a instância do locutor, que se apropriaria, pelo uso desse pronome, do discurso.

O autor expõe, ainda, que a terceira pessoa seria, em verdade, uma *não-pessoa*, pois as referências a ela feitas são a alguém que não participa do discurso de forma subjetiva, alguém a que só se pode fazer referência de forma objetiva justamente por isso.

A se adotar esse entendimento, teríamos que, quando Benedicto assume a *persona* Juca Teles, estaria a se referir a alguém que não é ele mesmo. Caso essa atitude fosse uniforme ao longo de todo o texto, de fato teríamos aí um destacamento objetivo entre Benedicto e Juca, que são fisicamente a mesma pessoa, mas são papéis representados pelo

mesmo ser humano (e poderíamos retomar, nesse sentido, as lições de Ducrot sobre polifonia que foram expostas no capítulo anterior).

De forma análoga, quando Juca começa a escrever em primeira pessoa, é a *persona* apropriando-se do discurso. E, nas anotações, a falta de referencial pessoal empurra para o grupo das pessoas mencionadas as referências, de forma objetiva: aquele que precisa ser citado, aquele que está devendo dinheiro etc.

Então podemos concluir que a poesia traz um mundo muito distante da ideologia oficial e as outras duas vozes estariam mais próximas dessa mesma ideologia? Essa teoria é tentadora, até porque Benedicto era claramente *outsider* em seu tempo e espaço e a *persona* Juca Teles poderia perfeitamente ser um canal de expressão do pessoal. Porém, se acatarmos essa teoria, estamos nos distanciando da ideologia do cotidiano em um dos pontos do caderno?

Não podemos concluir nesse sentido tão apressadamente. Na poesia, como vimos no capítulo anterior, temos a fala do bufão, que também tem seu *papel social* (ainda que humorístico, para fazer divertir as crianças etc.) e que está repleto de representações sutis do que é a cidade.

O *eu* que fala por meio de Juca Teles não é o *eu* que individualiza Benedicto de Souza Pinto. É um *eu* que interage, que precisa marcar presença nas festividades (o que seria do Sábado de Aleluia sem a leitura do testamento do Judas?), que é aceito por ser diferente. Todo reino que se preza precisa do seu bufão, para fazer o devido paralelo com a vida oficial e entediante. *O bufão é uma exigência social*, um papel que Benedicto cumpre com maestria.

Nesta camada da ideologia do cotidiano de São Luiz do Paraitinga, não temos, portanto, *nada de pessoal e nada que seja distante da ideologia oficial*, o que não é de se estranhar, uma vez que a ideologia do cotidiano e a oficial influenciam-se mutuamente pela atuação dos indivíduos. Por mais *outsider* que seja Benedicto, ele não o é no sentido próprio do termo: é, antes, um indivíduo bastante inserido no meio social e “ciente” da sua posição.

A camada de ideologia do cotidiano em que o bufão se encontra é, portanto, *muito próxima da ideologia oficial*.

Com relação ao oficial de justiça, pode-se dizer que ele também tem plena consciência de sua posição e de seus deveres. Tanto é assim que não há detalhes sobre o dia a dia da profissão, mas sim anotações sobre o que é preciso ser feito – circunstâncias que fazem parte da rotina de qualquer oficial de justiça: citações, intimações, penhoras, apoio ao juiz e notificações.

Vale destacar que, nas oportunidades em que o oficial de justiça se apropria do discurso por meio do pronome pessoal *eu*, está, na verdade, indicando o papel público que está a cumprir (*eu* intimei, *eu* citei etc.), mas isso não significa que esteja fazendo isso em termos personalíssimos. Está fazendo isso em nome do papel público que desempenha, de auxiliar do Poder Judiciário.

Acreditamos que o oficial de justiça está na mesma camada da ideologia do cotidiano que o bufão: está a cumprir um papel público, pode fazer isso da forma que lhe for mais adequada (o que pode particularizar determinados atos, mas não todos, por força da imposição legal), mas de forma alguma é um ser individualizado e sem interação com o oficial (muito pelo contrário, pois está a lhe dar cumprimento).

Esse paralelismo entre o bufão e o oficial de justiça é coerente com o fato de que os projetos discursivos dessas vozes são os mesmos (a imagem pública de uma pessoa individual), como vimos no capítulo anterior. E o fato de esses projetos discursivos falarem de *pessoas públicas* reforça a proximidade dos discursos que essas vozes produzem estarem tão próximos da ideologia oficial – entenda-se *pessoas públicas*, aqui, como *pessoas que cumprem funções públicas*.

Com relação à narrativa, ocorre um fenômeno muito semelhante no que diz respeito à apropriação do discurso. Há um narrador, mas esse é uma pessoa envolvida com o público, o social. Isso é claramente comprovado pelo fato de que não há menção a eventos particulares (digamos, familiares, no máximo) ou reflexões pessoais. Tudo é permeado pela cidade, tudo tem relação com a cidade. Veja-se, por exemplo, as p. ...: o filho de Benedicto fez a primeira comunhão, mas é visto como um cidadão qualquer em mais um evento social; Benedicto é convidado para ser padrinho de casamento, mas o texto apresenta a visão de uma espécie de terceiro que não faz parte do fato ocorrido.

De certa forma, esse narrador também está cumprindo um papel público nas interações que registra ao longo do texto: o indivíduo social que não consegue se ver

desvinculado dessa sociedade, a ponto de estar sempre em companhia de amigos e fazendo referência a situações públicas e sociais (a família é pouquíssimo citada, e mesmo assim apenas em situações sociais).

Este papel público poderia ser o de *memorialista*, que, aliás, é de extrema importância numa cidade tão afeiçoada às tradições e à memória. Aqui, mais do que nunca, há o engolfamento do indivíduo pelo social, de forma que ele cumpra de forma mais evidente aquilo que se espera dele.

Ora, Benedicto/Juca expõe, de forma muito singela, uma característica da coletividade de São Luiz do Paraitinga que é o *zelo pela memória da cidade*.

Já vimos em nossa exposição sobre a história de São Luiz do Paraitinga que a preservação das manifestações culturais tem um componente de manutenção da ligação entre as pessoas, tem igualmente uma força coletiva que sobressai em relação ao que era imposto pelo aparato estatal e pela Igreja Católica. A força dessa ligação pode ser entrevista no fato de que a história da cidade está exposta nos diversos blocos carnavalescos (inclusive o próprio Juca Teles). Pode-se ressaltar, ainda, que a enchente que devastou a cidade em 2010 trouxe prejuízos não apenas financeiros, mas também psicológicos, que, ao final, acabaram por impulsionar um movimento pela reconstrução de boa parte de São Luiz do Paraitinga e em especial da Igreja Matriz, que desabou em frente às câmeras de televisão e cuja reforma foi concluída em 2013.²⁶

Tendo crescido em meio a essa ânsia de preservação, presente na *consciência de grupo* daqueles que vivem e viveram na cidade, e absorvendo-a por conta justamente do que expusemos anteriormente sobre o não total destacamento do ser humano em relação a essa consciência de grupo, Benedicto/Juca nada mais fez do que a manifestar.

Nos três casos, portanto, o memorialista gravita na mesma camada da ideologia do cotidiano, que parece estar muitíssimo próxima da ideologia oficial.

Essa convergência também acaba por reforçar nossa argumentação do capítulo anterior, mais uma vez, quando ponderamos a respeito da existência de projeto discursivo

²⁶ Pudemos verificar e aquilatar o trauma e os esforços dos luizenses em prol da reconstrução da cidade em exposição que visitamos na Casa de Elpídio dos Santos, em abril de 2014, consistente em entrevistas com algumas das pessoas envolvidas, vídeos e fotos da tragédia e das obras de reconstrução.

e objeto de sentido comuns nas três vozes analisadas. Nada mais natural, uma vez que a aparente diversidade do texto encobre muitos pontos em comum que se complementam uns aos outros.

Mas essa convergência não é suficiente, a nosso ver, para comprovar a coletividade dos cadernos. Mesmo com a acentuada presença da ideologia do cotidiano na fala do indivíduo, nada impede que esteja ele apenas expondo a sua inserção nessa ideologia – mas isso não é sinal, por si só, de que é a coletividade quem se manifesta, e sim de que a pessoa mantém a sua individualidade enquanto manifesta o coletivo.²⁷ É preciso passar à análise de mais alguns pontos.

5.4 O sujeito individual inserido no coletivo. A fala da coletividade

No capítulo anterior, ao discutirmos a polifonia dos cadernos pelo ponto de vista de Ducrot, deduzimos que o locutor “ser do mundo” seria Benedicto de Souza Pinto e os locutores/enunciadores seriam o bufão, o oficial de justiça e o memorialista, e que poderia haver ainda um estrato ainda superior no qual um “locutor maior ser do mundo” se utilizaria de Benedicto como enunciador. De qualquer forma, há uma expressão bastante focada na ideologia do cotidiano que estava mais próxima da ideologia oficial, do que mantinha a população de São Luiz do Paraitinga unida.

Essa aproximação do discurso oficial é tamanha e melhor comprovada por um fato diversas vezes já mencionado neste trabalho, que é a falta de referência a particularidades estritamente pessoais de Benedicto de Souza Pinto.

É também essa extremada aproximação que torna, de certa forma, inútil a individualização de um locutor “ser do mundo” num indivíduo personalizado, neste caso. No caso de Benedicto, a balança da alteridade, a necessária relação entre o indivíduo e

²⁷ Não significa, portanto, que advogemos a posição da pessoa como joguete das circunstâncias - não só porque isso vai contra o ideário bakhtiniano mas, principalmente, porque Benedicto tem uma certa esfera de decisão no que escreve - a decisão inicial de escrever foi dele, a necessidade de escrever é dele. É algo muito diferente do que ocorre, por exemplo, nas alegadas sessões de psicofonia das filosofias e religiões que pregam a vida após a morte, nas quais o médium, em alguns casos, supostamente não tem poder de decisão sobre o momento da escrita. Há uma pequena esfera de individualidade que se preserva na medida em que Benedicto poderia ter decidido ou não escrever.

aquilo que o rodeia, está tão desequilibrada que pende mais para o coletivo e o outro – no caso, os outros, a população de São Luiz do Paraitinga.

Porém, num trabalho que levou em consideração, o tempo todo, a linha de pensamento de Bakhtin, é preciso também destacar que esse pensador não enxerga o indivíduo como um ser totalmente submetido à ideologia e ao outro. É importante notar que Benedicto tinha suas pequenas contribuições pessoais à sociedade, como perpetuar o hábito de hospedar pessoas pobres. Se tais fatos foram dignos de nota para a crônica de São Luiz do Paraitinga, é de se notar que não eram hábitos correntes, disseminados em toda a cidade, porque chamaram a atenção das pessoas (e poderiam fazer parte de níveis da ideologia do cotidiano distanciados da ideologia oficial). Há manifestações de individualidade, como vimos no final do item anterior, que também não podem ser desconsideradas.

Nesse sentido, Benedicto poderia ter em si as características do que procura romper com a ideologia oficial. Mas não se pode negar que ele tem uma ligação extremamente forte com essa mesma ideologia oficial, até por conta de sua profissão. É uma interessante ambivalência que demonstra o trânsito de Benedicto entre as diversas esferas sociais e referenda o que dissemos a respeito de seu desejo de pertencimento.

À luz da teoria bakhtiniana, poder-se-ia argumentar que quem fala no caderno é a ideologia do cotidiano de São Luiz do Paraitinga, naquilo que ela tem de mais aproximado à ideologia oficial. Esta ideologia do cotidiano se expressaria por meio de Benedicto de forma intensa e reflete a necessária coesão que os habitantes da cidade sempre procuraram manter.

Uma ideologia do cotidiano é, como visto, resultado da construção de interações entre os diversos indivíduos, que criam uma nova ideologia que surge à margem da oficial. É uma construção *coletiva*. Mas o fato de o *corpus* não possuir fortes indicações de personalismo – uma vez que os locutores estão extremamente presos a seus papéis sociais –, não nos permite afirmar que o caderno é obra da *coletividade*, mas tão somente a ligação de seu autor à ideologia do cotidiano.

Uma forma de comprovar essa absurda identificação de Benedicto/Juca com essa ideologia do cotidiano é o fato de que, após sua morte, o personagem Juca Teles restou imortalizado na memória da cidade como um *símbolo* folclórico da cidade, seus costumes,

sua gente, especialmente pela criação do bloco Juca Teles e da preservação de sua história (considerando a preocupação havida com a preservação dos cadernos no museu Oswaldo Cruz e, posteriormente, no Arquivo do Estado de São Paulo).

Mas usar esse fato para justificar a coletividade dos cadernos seria uma saída simplista, contudo. Ao fim e ao cabo, é sempre o indivíduo que replica o cotidiano nesta instância. As características do *outsider* são extremamente marcadas na descrição da vida de Benedicto – elas, aliás, permitiram que ele se tornasse um *mito* das peculiaridades da cidade, que se agrega ao carnaval de marchinhas e à preservação das festas místicas antigas. A descrição de sua participação no Sábado de Aleluia e da forma pela qual recebia pessoas em casa é indicativo de um comportamento que era bem visto a ponto de ser preservado nas gerações futuras, uma mistura de paródia e acolhimento (ainda que tal reconhecimento não tenha sido imediato).

Até aí, nenhum problema. A função do mito é dizer sobre a cultura em que se está inserido e dar pistas sobre as potencialidades espirituais da vida humana (Campbell, 1990, p. 6). Portanto, o mito também tem sua função social e sua participação dentro de uma ideologia do cotidiano, no sentido de indicar os modelos, as referências e os passos a serem seguidos – aliás, Bakhtin afirma isso expressamente (2001, p. 89).

E Benedicto poderia, junto com seu personagem Juca Teles, configurar uma espécie de *mitologia* de São Luiz do Paraitinga, que nada mais faria do que perpetuar uma determinada ideologia do cotidiano. É de se cogitar, inclusive, se o próprio Benedicto não teria a intenção clara de fazer isso, seguindo uma ideia de projeção pessoal, uma vez que, como visto no item 3.2, ele tinha uma certa consciência de sua condição de *outsider* e poderia ter querido marcar sua imagem de determinada maneira junto à cidade. Os textos dos cadernos indicam mesmo um certo senso estético e cuidado na escrita e desenvolvimento do texto (v., p. ex., na p. 159, a narração de cerimônia em homenagem ao padre, com detalhes sensíveis, que vai além da mera descrição, digamos, jornalística da situação), que podem ser sinal de uma narração épica intencional de fatos que, à primeira vista, não mereceriam esse olhar.

A construção mítica em torno da figura de Benedicto/Juca é um forte sinal, aliás, de que, após sua morte, ele efetivamente conseguiu o que tanto queria: um lugar de reconhecimento dentro da sociedade luizense.

Podemos ir ainda mais longe e afirmar que, na figura de Juca Teles, o escriba terminou por assumir o papel de um *arquétipo* da cidade, no qual se apresenta o indivíduo simples, porém não desprovido de conhecimento (e, por que não dizer, de sabedoria), que guarda com zelo a memória da cidade, como é característico de seus habitantes, e também a representa em sua inteireza, justamente por se apresentar de formas variadas que oscilam entre o oficial e o popular, tanto no conteúdo quanto na linguagem (na qual se verifica traços de oralidade, como se pode ver das transcrições, em meio a uma escrita que também oscila entre a norma culta e a variante coloquial) e na própria apresentação pessoal (como visto no item 3.2).²⁸

A representação arquetípica de um povo na pessoa de um indivíduo não é infensa à literatura, por exemplo. Veja-se, por exemplo, as figuras de Ulisses e Vasco da Gama em relação à Grécia e Portugal, em obras épicas que procuram explorar as forças e feitos desses países. Jamais saberemos se, em verdade, Benedicto queria construir seu próprio épico ou, no mínimo, teria sido influenciado por esse tipo de leitura. Por outro lado, principalmente se ele realmente tinha um projeto de projeção pessoal para brilhar junto a seus pares, essa é uma possibilidade que pode ser aventada, a partir do que ele e a cidade expressam.

Mas, ao adentrarmos a situação tão particular e, ao mesmo tempo, tão fascinante dos arquétipos, estamos na porta de entrada do inconsciente, cuja existência Bakhtin não levava em tão alta consideração em função de seu posicionamento filosófico.

Porém, ao mesmo tempo, é o olhar do inconsciente que pode – paradoxalmente – comprovar que Bakhtin tem razão ao indicar o quanto o indivíduo, mesmo que aparentemente agindo por conta própria, está na verdade extremamente ligado ao fundo e tessitura sociais de que faz parte. Mas, uma vez que desejamos verificar se o caderno é um material *coletivo*, temos de ir mais fundo, pois o material *coletivo* pressupõe autoria (pelo menos mediata – o locutor “ser do mundo” de Ducrot) da *coletividade* e não do

²⁸ "Archetype. Primordial, structural elements of the human psyche. [...] Archetypes are systems of readiness for action, and at the same time images and emotions. They are inherited with the brain structure-indeed they are its psychic aspect. They represent, on the one hand, a very strong instinctive conservatism, while on the other hand they are the most effective means conceivable of instinctive adaptation. They are thus, essentially, the chthonic portion of the psyche... that portion through which the psyche is attached to nature" (Sharp, 1991).

indivíduo por si mesmo considerado, ainda que sujeito à ideologia do cotidiano ou à rebeldia contra ela.

Aí temos algo que não nos satisfaz, em busca da caracterização da autoria dos cadernos, já que não explica, a nosso ver, a extrema despersonalização que ocorre em alguns dos trechos, como visto anteriormente. Não nos parece útil e muito menos satisfatório simplesmente admitir que a autoria é de Benedicto, razão pela qual entendemos que deve, sim, haver uma exploração mais ampla do fenômeno.

É interessante notar que Bakhtin não destoa de teóricos que se utilizam da base psicológica quando descreve a interferência do social sobre o individual, não obstante a dura crítica do mesmo autor ao trabalho de Freud, no sentido de que a psicanálise estaria distanciada desse caráter coletivo e que o olhar exclusivamente voltado para o indivíduo não contemplaria essa interferência do social.

Entendemos importante trazer esta comparação, pois, ao contrário do que pode parecer, o pensamento de Bakhtin pode ser satisfatoriamente complementado por algumas novas descobertas da teoria psicológica em termos de influência da coletividade, em vista das descrições que fornece a respeito de determinados mecanismos de inter-relação entre o indivíduo e o contexto em que está inserido, que podem nos ser úteis para a análise do possível caráter coletivo da autoria dos cadernos de Juca Teles.

5.4.1 Bakhtin x Freud. Mais semelhanças do que diferenças

Em seu estudo *O freudismo: um esboço crítico*, Bakhtin (2001), analisando a psicanálise tal qual idealizada por Freud, critica pontos de vista que optam pela substituição das categorias socioeconômicas por categorias psicossubjetivas ou biológicas, uma vez que o indivíduo não pode ser separado da sociedade ou de condições econômicas objetivas.

A psicanálise pertenceria a um tipo de psicologia que Bakhtin denomina *subjetivo*, mais voltado à introspecção e àquilo que é puramente pessoal. Para o autor, a psicologia caminharia de forma adequada se tratar o psíquico-subjetivo sem separação em relação ao fundamento material do funcionamento do organismo – a chamada *psicologia objetiva*.

Não haveria, portanto, separação entre psíquico e físico; o primeiro seria consequência do segundo. A psicologia objetiva, porém, não pode incidir no erro de assumir um materialismo mecanicista ingênuo, pois deixaria de lado a questão social e dialética.

O trabalho psicanalítico também estaria repleto de ideologia, uma vez que o recalque e os mecanismos repressivos inconscientes nada mais fariam do que expor uma ideologia dominante no meio em que o indivíduo vive. Aliás, para Bakhtin, o inconsciente nada mais é do que uma forma de consciência que não se adapta à ideologia oficial (tomado o termo *ideologia* no sentido de falsa concepção: ela mente para quem não é capaz de penetrar no jogo de forças materiais objetivas que se encontra por trás dela).

Para o autor, as manifestações e conflitos psíquicos destacados pela psicanálise nada mais são do que interrelações e conflitos complexos entre respostas verbalizadas e não-verbalizadas, entre discursos interior e exterior. A intervenção do psicanalista também interfere na resposta a ser dada pelo paciente, que acaba sendo vítima da categorização que o *expert* quer lhe impor. O que seria a manifestação do inconsciente na sala de consulta acaba se tornando a imposição da ideologia do psicanalista, que interpreta o sintoma apresentado pelo paciente.

Uma aparente contradição da psicanálise, segundo Bakhtin, estaria no fato de que se julga próxima da biologia, quando na verdade apenas procura reflexos somáticos no psiquismo, e isso fica mais evidente quando se analisa a teoria das zonas erógenas: Freud parece não ter interesse no funcionamento biológico dos órgãos sexuais, por exemplo.

A psicanálise, ainda segundo Bakhtin, sexualiza em excesso o campo social, e a ideologia se decompõe facilmente em meio ao sexual deturpado – característica das sociedades decadentes ao longo da história.

Nota-se do exposto que Bakhtin procura, numa teoria psicológica, a conexão do indivíduo com a sua necessária relação social; o que exsurge do individual nada mais é do que produto de sua época e de seu meio, e ambas as coisas não podem ser analisadas sem essa visão. E o indivíduo não pode ser analisado isoladamente, fora dessa conexão social.

Contudo, Freud tratou muito proximamente da interferência social – o homem nasce sociocultural, pois precisa nascer biológica e culturalmente dentro de determinado contexto social. Ele não desconsiderou o social, apenas não o focaliza na prática clínica. E é interessante notar que ele sempre parte das relações humanas para fundamentar seus estudos, desde a célula menor, a família, até os grupos maiores, como a Igreja e a tribo (Lima e Perini, 2009, pp. 83 e 85-86).

Nesse sentido, não destoa de Bakhtin, que, até pela própria característica materialista histórica, se propõe a observar tais grupos como forma de compreender a forma pela qual o homem navega em meio à ideologia e à constituição social.

Na teoria freudiana, baseada na alternância entre dois tipos de instintos – vida e morte, manutenção e destruição, Eros e Thanatos – que operam no *id*, o ponto primal da constituição psíquica do indivíduo, o inconsciente faz o papel de “residência” do *id*, e, portanto, de tudo aquilo que é herdado no nascimento, que está assente na constituição. Os instintos, no *id* (e, portanto, no inconsciente), encontram uma primeira expressão psíquica, sob formas que Freud julgava desconhecidas (cf. Freud, 1978). O *desejo* seria a raiz de toda construção humana, e ele, em grande medida, é regulado socialmente; o sujeito freudiano é analisado com base na formação da consciência no que diz respeito às normas, leis etc., e principalmente à linguagem, mas neste último caso com objetivo apenas clínico (Lima e Perini, 2009, pp. 85 e 89).

Além disso, o próprio Bakhtin reconhece a existência de uma dimensão individual, interior, e outra exterior, que orienta e regula, a única que pode ser analisada. Nisso também não há divergência, pois para Freud a experiência subjetiva é apenas a forma pela qual o sujeito representa a experiência objetiva (Lima e Perini, 2009, p. 85).

A exigência de Bakhtin quanto a uma psicologia puramente objetiva seria, portanto, ingênua, pois é muito difícil haver objetividade absoluta em qualquer situação de análise que o sujeito venha a empreender, e mais especialmente sobre si mesmo. Freud, por sua vez, coloca a descoberta da verdade sobre os ombros do próprio sujeito, ainda que este necessite do apoio do analista (Lima e Perini, 2009, p. 93).

E ambos os pensadores convergem num ponto muito fundamental e que nos interessa para os fins do trabalho: o uso da linguagem. Bakhtin vê um sujeito polifônico,

multifacetado, com vozes situadas socialmente, que se reforçam ou se conflitam. A incorporação das vozes pode se dar de forma consciente, que aceita a outra forma disponível, a inconsciente, o que remete diretamente à teoria de Freud. O que a teoria bakhtiniana acaba por permitir é a ampliação do conceito de inconsciente freudiano para uma abordagem mais ampla, que considera os discursos da ideologia não oficial, no âmbito da interação entre o eu e o outro no contexto da luta de classes (Lima e Perini, 2009, p. 98).

Sendo assim, podemos afirmar que Bakhtin e Freud possuem mais pontos em comum do que divergências, e, especialmente em relação à questão da linguagem – a fonte primordial dos textos escritos –, não nos parece incongruente ou impossível trabalhar conjuntamente a teoria bakhtiniana e teorias psicológicas ditas "subjetivistas" aos olhos do pensador russo, razão pela qual passamos a expor a evolução do conceito de inconsciente e a forma pela qual ele pode interferir em escolhas humanas, das quais faz parte a escolha de uma determinada forma de expressão.

5.4.2 Novas construções psicológicas. Inconsciente coletivo e subliminaridade

Cabe-nos, neste momento, adentrar outros meandros da psicologia que podem trazer luz sobre a situação da autoria mediata do texto que faz parte do nosso *corpus*.

Ao longo do século XX, a ideia que se tem de “inconsciente” acabou evoluindo para abarcar novas compreensões do fenômeno, bem como o conteúdo dessa área da psique humana. Veja-se, por exemplo, o conceito de *inconsciente coletivo*: “une mer sur laquelle la conscience du moi voguerait, semblable à un bateau” (Jung, 1977, p. 61), a base da nossa mente, da mesma forma que a estrutura do corpo se fundamenta no molde anatômico dos mamíferos em geral, uma vez que a psique também reteria registros da psique dos homens antigos, desde o homem primitivo, os chamados arquétipos (Jung, 2008, p. 82).²⁹

É certo, contudo, que o impacto do inconsciente sobre a vida humana é bem maior e mais complexo do que Freud imaginava, e ele pode ser impressionado por fatores como

²⁹ É interessante notar que, neste ponto, Jung adentra a questão biológica para justificar seu argumento. Bakhtin considerava “falha” de Freud a não exploração do viés biológico pela psicanálise.

aparência, experiência e até mesmo o tipo de fonte utilizado num texto (este dado é de Mlodinow, 2013, p. 29, e pode ser comprovado por todos que tenham alguma experiência no mercado editorial ou de *design*).

Nesse sentido, existe toda uma conexão *subliminar* que conduz nossos atos e que é de conhecimento, por exemplo, dos meios de comunicação (como demonstra Ferrés, 1998): são subliminares quaisquer estímulos não percebidos de maneira consciente – seja porque foram mascarados pelo emissor, porque são captados a partir de situação de grande excitação emotiva pelo receptor, por desconhecimento dos códigos expressivos por parte do receptor, porque há saturação de informações ou porque a comunicação é indireta e aceita de maneira inadvertida.

Admitir a existência dessa “subliminaridade” força a conclusão de que o homem não existe e não interage com o mundo desvinculado dela. Ferrés (1998) discorre, aliás, sobre os mitos que cercam a autonomia do ser humano, com base na existência dessas conexões subliminares:

- *o mito da liberdade*: não existe liberdade plena, a menos que a liberdade física seja acompanhada do pleno livre-arbítrio, que não sofre qualquer tipo de condicionamento;

- *o mito da racionalidade humana*: é ingenuidade pensar que a razão tem primazia sobre a emoção. A racionalização excessiva nada mais seria do que um mecanismo de defesa que procura uma angústia produzida pelo fracasso. É bom lembrar, a respeito, que Jung (1962) trazia a razão e a emoção como duas das funções psíquicas humanas, que poderiam *ou não* predominar em dada constituição psíquica, e, mesmo assim, a predominância da razão não significa, de imediato, que o indivíduo seja mais “evoluído” que outro sem tal predominância;

- *o mito da consciência*: a pessoa acredita que pode controlar conscientemente decisões e crenças (mito este mais intimamente ligado ao desconhecimento do que consiste o inconsciente);

- o *mito da percepção objetiva*: não nos é possível perceber tudo o que vemos; a mente estrutura as formas e lhes dá significação (v. tb., a esse respeito, Mlodinow, 2013, p. 151 e ss).

A partir destas colocações, notamos que é certo não ser possível separar de *qualquer* texto/obra literária produzidos o fator inconsciente.

Há também alguns fenômenos estudados pela psicologia que indicam a forma pela qual determinados conteúdos psíquicos podem influenciar decisões e atitudes. Alguns deles nos interessam mais de perto. O primeiro deles é a *associação*, a ligação que existe entre dois conteúdos psíquicos. O pensamento primário, mais elementar e diretamente ligado ao inconsciente, trabalha por associação livre, sem qualquer consideração racional, sem códigos ideológicos – considera bom o agradável, e não o ideológica/eticamente correto (Ferrés, 1998, pp. 44 e 47).

Outro desses fenômenos é a *transferência*: transporta-se uma determinada atitude, positiva ou negativa, de uma pessoa ou coisa para outra pessoa ou coisa com a qual se encontra em relação de contiguidade ou semelhança (Ferrés, 1998, p. 51).

Também vale a pena destacar um fenômeno mais próprio da psicologia social, por meio do qual o indivíduo pode prever as consequências de seus atos, que é a aprendizagem por observação, imitação, identificação ou *modelação* (Ferrés, 1998, p. 53). Neste caso, o indivíduo procura formas de se adaptar socialmente adotando comportamentos conectados a modelos que indicam comportamentos “adequados”.

O modelo é mais eficaz quando oferece: (i) semelhança com a pessoa; (ii) atrativos; (iii) reforços do que propõe pela pessoa que a ele se expõe; (iv) excitação emocional gerada pelos fatores ao redor (a televisão é um caso especial nesse sentido, em função dos estímulos visuais, sonoros – Ferrés, 1998, pp. 55 a 57).

O contexto subliminar, portanto, nos parece referendar o mecanismo pelo qual Bakhtin demonstra que o indivíduo é engolfado pela ideologia (ainda que o materialismo do autor russo impeça que ele admita essa conclusão). O que os teóricos acima citados chamam “subliminar”, Bakhtin chama de mecanismo da ideologia.

5.5 Níveis de consciência

Bakhtin também argumenta no sentido de que o ser humano constrói a sua noção de *self* com base na relação com o outro; o *self* criaria a si mesmo armando uma relação arquitetônica entre o *locus* único de atividade vital que o organismo humano individual constitui e o ambiente natural e cultural em constante mudança que o cerca; aquilo que se vê é governado pelo lugar a partir do qual se vê (cf. Clark e Holquist, 1998, pp. 94 e 95). O homem seria consciente, portanto, a partir da relação com o outro.

Também neste caso, entendemos não haver incoerência com a psicologia e sua vertente mais "subjética", para usar as palavras do próprio Bakhtin. Quando o homem está em relação com o outro e vice-versa, absorve o que está mais premente, mais à mostra na ideologia do cotidiano.

O próprio conceito de ideologia do cotidiano nos parece ser um convite (ainda que, evidentemente, não óbvio) para uma espécie de construção que vai além do nível individual sem, contudo, ignorá-lo ou suprimi-lo. Há uma grande semelhança entre a ideologia do cotidiano e o conceito de *inconsciente coletivo*. Em ambos os casos, o indivíduo é influenciado pelo impacto de algo que vem de fora, que o ajuda a se impor e se refletir no mundo. Em ambos os casos, se nota a influência social sobre o indivíduo, que não age solitário, mas recebe o impacto de construções sociais/coletivas. No caso do inconsciente coletivo, essas construções podem ser oriundas não só do momento em que está inserido o indivíduo, mas de um passado extremamente remoto.

Contudo, a ideologia do cotidiano, nos termos em que descrita por Bakhtin, nos parece muito mais comportamental e ligada a formas de reação padrão para determinado momento ou situação – até pelo componente eminentemente objetivo e materialista da fundação intelectual do autor. O inconsciente coletivo está em uma esfera que Bakhtin, provavelmente, consideraria "subjética", mas que, na verdade, é uma construção coletiva muito mais ampla e que engloba muitos níveis de interação entre pessoas, havidos e perpetuados por longo espaço de tempo. Essa construção foge, portanto, da mera interação social direta, concreta e material para abranger outros níveis de interação mais sutis e mais complexos.

O conceito de inconsciente coletivo pode nos ajudar a justificar a “coletividade” do material ora estudado, uma vez que se comprova que o escriba tenha tido acesso a uma área da consciência ligada às impressões coletivas.

Para identificar tal área, procuraremos valer-nos de conceitos da teoria psicológica moderna, que se esmerou em mapear as diversas regiões da consciência do indivíduo, de forma a indicar as diferentes origens de comportamentos, sintomas e circunstâncias que aquele pudesse apresentar.

Esses mapeamentos são denominados *cartografias da consciência*: é por meio deles que se pode indicar e nomear a experiência vivenciada para melhor entendimento dos passos que são dados e revelados pelo inconsciente (Saldanha, 2008, p. 179).

A primeira cartografia de consciência de que se tem notícia é a de Freud, quando define o que chama de qualidades psíquicas: o *consciente*, “o mesmo que a consciência dos filósofos e do senso comum”; o *inconsciente* é tudo mais que é psíquico, mas admite uma fase intermediária em relação ao consciente, o *pré-consciente*, composto de tudo que “for inconsciente e que se comporte desta maneira, que pode [...] facilmente trocar o estado inconsciente pelo consciente” (Freud, 1978, p. 209).

A teoria freudiana não fornecia, contudo, explicações suficientes para situações nas quais a memória inconsciente da pessoa ultrapassava os limites do individual e mesmo do tempo de vida daquele ser, como se pode ver nos casos dos diferentes registros simbólicos que às vezes ultrapassam em muito o atual estágio da civilização. Foi em vista disso que Jung formulou o conceito de *inconsciente coletivo*, já indicado anteriormente.

Jung considerava, portanto, a existência de três níveis de consciência: o consciente, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

As teorias psicológicas posteriores, notadamente a psicologia transpessoal e, mais especificamente, a abordagem integrativa transpessoal, desenvolvida por Saldanha (2006 e 2008), passaram a desdobrar a noção de inconsciente para além dos limites entrevistos por Jung, com um olhar antropológico mais amplo, que, neste caso específico, se volta às mais diversas manifestações psíquicas.

Com base nessas limitações, Grof (1987 e 1997) propõe uma cartografia da consciência que englobe níveis mais profundos da psique humana, com base nas descobertas feitas por meio de sua própria forma de terapia com LSD (posteriormente abandonada, em virtude dos efeitos colaterais verificados) e com uma técnica de respiração denominada por ele *holotrópica*, bem como no trabalho de outros autores com técnicas variadas – que acabou por revelar uma fonte inesgotável de experiências as mais diversas, que iam desde à sensação de união com todo o universo até a percepção do que é ser um animal ou planta.

A cartografia de Grof estrutura-se conforme segue:

- *barreira sensorial*: as técnicas que possibilitam o acesso ao inconsciente estimulam os órgãos sensoriais, o que acaba por desencadear, em algumas pessoas, experiências sensoriais inespecíficas que devem ser superadas para que o trabalho efetivamente comece;

- *nível biográfico-rememorativo*: tem relação com a experiência pessoal – um evento determinado retorna à consciência e se torna o conteúdo da experiência;

- *inconsciente individual*: registra questões pessoais e parece ter relação com as definições de inconsciente de Freud e do inconsciente pessoal de Jung;

- *domínio perinatal*: aqui há registros da experiência de nascimento individual, algo que, embora não seja amplamente aceito pela ciência (em função da suposta imaturidade do cérebro do recém-nascido), exsurge com frequência e padrões muito específicos. O autor identifica *matrizes* pelas quais este domínio se manifesta: *primeira matriz perinatal (MPB I)*, correspondente à vida intrauterina e à segurança física do útero; *segunda matriz perinatal (MPB II)*, correspondente aos primeiros sintomas do parto biológico e seu estado clínico, relacionados, na pessoa, à sensação de risco de vida, de “engolfamento cósmico” e de ansiedade; *terceira matriz perinatal (MPB III)*, ligada à gradual dilatação do colo do útero, que na pessoa parecem produzir percepção de luta morte-renascimento; *quarta matriz perinatal (MPB IV)*, correspondente ao real nascimento e que impacta, na pessoa, na forma pela qual lida com experiências resolutivas;

- *domínio transpessoal*: caracterizado pela transcendência de limites espaciais (que se apresenta como a unidade com outras pessoas e até com todo o universo, bem como por fenômenos parapsicológicos que transcendem o espaço, como a telepatia) e de limites temporais lineares (manifestada por meio de experiências ancestrais, raciais, coletivas etc. e de fenômenos parapsicológicos que transcendem o tempo, como a psicometria e a clarividência).

Kenneth Ring (1978, p. 55 e ss., citado por Saldanha, 2006) chama a atenção para o fato de que a ciência moderna, em seu tempo, admitia a subdivisão da consciência tão-somente em consciente e inconsciente, enquanto a língua sânscrita admite 20 (!) estados. Com base no trabalho de Grof e outros autores, traz uma classificação muito particular dos estados de consciência:

- *estado de vigília*: único estado do qual o indivíduo está plenamente consciente. Todos os demais, à exceção do pré-consciente, estão fora da experiência ordinária;

- *pré-consciente*: é o mesmo pré-consciente freudiano – material inconsciente que tem condições de transitar para a consciência;

- *inconsciente psicodinâmico*: coincide com o inconsciente freudiano – é este o nível explorado pela psicanálise;

- *inconsciente ontogenético*: coincide com o estado intrauterino e do momento do nascimento, identificados por Grof. Esta é uma espécie de zona limítrofe entre o inconsciente estritamente pessoal e o transpessoal, isto é, o que extrapola o que tem origem meramente individual;

- *inconsciente transindividual*: é o primeiro domínio transpessoal. Nele começa a transcendência dos limites do ego do indivíduo. Engloba *experiências de encarnações passadas*, as quais trazem emoções fortes (frequentemente negativas) e têm relação com a evolução da consciência da pessoa; *experiências coletivas e raciais*, nas quais a pessoa acessa o inconsciente coletivo específico de determinada cultura ou raça; *experiências arquetípicas*, que correspondem ao inconsciente coletivo de Jung e que trazem à tona um repositório do desenvolvimento histórico e cultural do homem, representado pelos *arquétipos*;

- *inconsciente filogenético*: é um repositório de toda a experiência da vida no planeta, em todas as suas formas. As experiências de Grof detectaram acesso de pessoas até a consciência unicelular, que poderia chegar até uma espécie de *consciência planetária*, na qual a pessoa sente-se unida a toda a vida existente no planeta;

- *inconsciente extraterreno*: estende-se para além da vida existente no planeta. É neste nível que ocorrem os fenômenos de “viagem astral”, percepção extrassensorial e mediunidade, bem como o encontro com “entidades” ou espíritos;

- *supraconsciente*: este nível denota profundo êxtase espiritual, noção de existência infinita e profunda bem-aventurança. É de difícil tradução para a experiência cotidiana;

- *vácuo*: estado além de qualquer conteúdo. É uma espécie de nirvana, a cessação da consciência.

Do exposto podemos concluir, portanto, que a ciência psicológica cogita de dimensões da consciência (ou melhor, do inconsciente) nas quais a individualidade é colocada em conexão com uma esfera de contexto de grupo ou de todo.

O acesso a essas dimensões é franqueado a todos os seres humanos, em quaisquer situações, mas em termos de inconsciente ele é facilitado no estado de consciência de sonho, ou mediante a indução pela meditação ou o uso de drogas (o qual, inclusive, segundo Ring, é a forma mais descontrolada e complicada de acessar esses conteúdos).

Mas não é necessário que a pessoa esteja deitada em um divã de terapeuta ou analista para passar pela experiência que os diversos estados de consciência podem proporcionar. A identificação com um desses estados pode ser facilitada pela própria característica pessoal, talvez até induzida por um dos processos que estudamos no item anterior.

5.6 Qual visão psicológica melhor representa o conteúdo dos cadernos?

No que diz respeito ao texto constante de nosso *corpus*, chamou nossa atenção o isolamento da cidade de São Luiz do Paraitinga e as dificuldades havidas para a

sustentação da cidade em diversos momentos de sua história, conforme descrito no capítulo sobre a história da cidade. Esse isolamento forçou, a nosso ver, uma união forte entre seus habitantes, que procuraram se manter unidos por meio daquilo que era comum a todos – a exaltação da cidade e de suas tradições.

É possível que essa decisão não tenha ocorrido de forma consciente, mas é fato que seus desdobramentos estão presentes até hoje na forma das diversas atividades culturais da cidade, como a Festa do Divino e o Carnaval de marchinhas, zelosamente mantidas pelos luizenses.

Evidentemente, a preservação cultural é um dever de todo aquele que tem uma preocupação mínima em compreender quem é e de onde vem. Mas, no caso dos luizenses e, em especial, de Benedicto, nosso objeto de estudo, a memória da cidade é umbilicalmente ligada à própria identidade individual, a ponto de se criar um expediente muito incomum no Brasil, relacionada à preservação dessa mesma memória.

Há ainda mais um ponto que vale a pena destacar, que é o já mencionado apego dos luizenses ao caráter *sagrado* de algumas festividades, mais particularmente a Festa do Divino, independentemente da influência externa que se pudesse impor.

A ligação com o sagrado pode também ser outro motivo pelo qual Benedicto não só está conectado à consciência coletiva da cidade, mas também destaca, nas narrativas do caderno, muitas festividades religiosas; ele também estava pessoalmente ligado a manifestações religiosas, como vimos em item anterior.

Vimos que, para Bakhtin, o indivíduo não está imune à ideologia, e para os teóricos das relações subliminares, mais focados em relações comportamentalistas e também mais assemelhados, de certa maneira, com o pensador russo, o indivíduo procura uma espécie de compensação quando se utiliza de um ou outro mecanismo para justificar suas ações (no caso em estudo, para manter uma conexão ou ligação com o grupo).

Estes dois pontos justificam o porquê de Benedicto manifestar o foco no registro da cidade, em função do desejo de pertencimento ao grupo.

E entendemos possível que esse desejo tenha dado abertura para que Benedicto focasse em expressões próprias da cidade, mais do que em sua própria vida. Havendo tal

abertura, existe, via de consequência, o trânsito das informações que constituem, segundo a psicologia analítica, o inconsciente coletivo, e, na abordagem integrativa transpessoal (mais especificamente, segundo o modelo de Kenneth Ring, que nos parece chegar mais precisamente ao núcleo da questão), a consciência transindividual.

A comprovar esse fato, basta retomar o quanto vimos no item 5.4, a respeito de a personagem Juca Teles consistir num *arquétipo* que sintetiza São Luiz do Paraitinga: a partir daí, temos que Benedicto efetivamente contatava o nível coletivo do inconsciente, não só da população contemporânea a ele, mas também o da própria cidade, de forma a manifestar em si essa característica, talvez mesmo de forma consciente, uma vez que dominava a escrita e poderia perfeitamente tratar de seu projeto discursivo de forma planejada e organizada (o que também é reforçado pelo que vimos ao dissecar a estrutura do caderno no item a respeito da análise codicológica).

Isso se nota mais abertamente na poesia, na qual é retratada a tradição oral e sua forma de versificar e transmitir conteúdo, e na narrativa, na qual se faz um retrato da cultura da cidade e suas tradições.

Entendemos, portanto, por via de consequência, que a relevância dada por Benedicto aos fatos que fazem parte do texto dos cadernos tem relação com o acesso, em alguma medida, com um *nível de consciência transindividual* no qual não apenas ele está envolvido, mas todos os luizenses, de forma mais intensa do que normalmente se verifica em outras localidades.

5.7 Conclusão: Benedicto de Souza Pinto como canal do inconsciente transindividual

Vimos do exposto que podemos situar o teor do material objeto de nosso estudo, a princípio, como oriundo de – ou, no mínimo, inspirado por – um dos níveis de consciência transpessoais, mais precisamente o *inconsciente transindividual*, se considerarmos a cartografia de consciência de Kenneth Ring, a qual nos parece mais adequada para os fins a que nos propomos.

E, pelo quanto foi colacionado no item 5.4.2, há vários sinais que parecem comprovar tanto a existência de mecanismos de transferência, quanto a adoção de um modelo comportamental e o contato extremado com o inconsciente transindividual. Mesmo nos pontos em que o escriba está centrado na consciência do eu, ele sempre dialoga com a esfera do outro, ou melhor, outros – de alguma forma, como já visto, a cidade está sempre no foco das cogitações (Bakhtin, por exemplo, não estranha esse comportamento). Se retomarmos o argumento de que o autor não fez isso de forma deliberada, temos que, mesmo quando fala por si, está gravitando na esfera da consciência transpessoal, mais precisamente do nível transindividual, mesmo não tendo sido induzido a tanto por um terapeuta.

Benedicto/Juca estava, aliás, muito imerso nesse nível, o que pode ser comprovado pelo fato de que narra acontecimentos de que toma parte inteiramente na terceira pessoa, e que seu *alter ego* Juca Teles representava uma espécie de síntese da gente da cidade, como já tivemos a oportunidade de expor.

É interessante que, para ele, esse contato com a esfera transpessoal ocorre no estado de consciência de vigília, e não por meio de um estado alterado de consciência, por indução de drogas ou apreensão no estado do sonho. A sua necessidade de fazer parte de um grupo e ser nele reconhecido era tão grande que parecia tornar menores os fatos ligados a uma vida individual bem demarcada – ao menos é isso que se vê dos cadernos.

Ainda considerando a cartografia da consciência de Kenneth Ring, e dentro do nível transindividual, a imensa conexão de Benedicto/Juca com esse nível faz com que ele traga aos cadernos *conteúdo de uma consciência coletiva*, que se manifesta de forma em meio ao que escreve e registra. Como já dissemos em outro item (3.2), a consciência individual é fenômeno recente na história da humanidade, e, em uma sociedade pouco cosmopolita como São Luiz do Paraitinga, não é de se estranhar que ela se manifeste – mas, no caso de Benedicto/Juca, isso ocorre de forma muito acentuada.

Para deixar mais claro, ele está conectado a essa consciência transindividual, que o utiliza como objeto de sua expressão, que se vê nos valores e acontecimentos que são transmitidos pelos diversos meios de expressão constantes do caderno. É algo mais profundo e muito menos individual, que está em um nível diferenciado em relação à

ideologia do cotidiano. Esta é criada pelas forças individuais que vão solidificando comportamentos ao longo do tempo; a consciência transindividual vai além do nível meramente comportamental e colaciona emoções, sentimentos e ideias que traduzem a realidade emocional de tudo o que foi vivido/desenvolvido pelos luizenses.

Se retomarmos o exemplo da narração da enchente, podemos afirmar que a consciência transindividual é o nível que se revolta com a situação da cidade com a enchente e mesmo sofre com isso. É como se a consciência *da cidade* se entristecesse pelo desastre, enquanto a ideologia do cotidiano "deixa pra lá", espera que algo seja feito por uma fonte externa, como se não tivesse responsabilidade por isso.

Mas por que exatamente Benedicto tinha essa capacidade de proceder a esse registro? Vimos no item 3.2 que, de certa forma, podemos considerá-lo uma espécie de *síntese* do povo de São Luiz do Paraitinga, uma vez que ele não se encaixava perfeitamente nem na elite, nem no substrato pobre da cidade. Essa síntese era por ele mesmo exposta quando assumia o papel de Juca Teles.

Uma vez que sua percepção fluía com clareza entre a elite e o pobre, tinha condições de perceber de forma mais ampla o que ocorria na cidade, dando igual ênfase aos festejos (na narrativa), às situações oficiais (no trabalho como oficial de justiça e em alguns pontos da narrativa) e ao povo da cidade (que, de certa forma, está representado na narrativa, nos poemas e também nas anotações do oficial de justiça). De toda forma, trata-se de um olhar voltado para o que está fora e é de domínio coletivo; pode-se mesmo dizer que Benedicto foi um vanguardista na valorização dessa coletividade e pode ter colaborado para o surgimento da percepção que os moradores atualmente têm a respeito do valor econômico do patrimônio cultural da cidade.

É nesse caleidoscópio de fatos, pessoas e manifestações que encontramos a consciência coletiva de São Luiz do Paraitinga, e Benedicto era um "instrumento" adequado para captar todas as nuances dessa mesma consciência, já que transitava por todas elas. Dizemos mais: de fato, ele é um *arquétipo* do indivíduo que tem mais liberdade de trânsito e que, por consequência, enxerga e expressa, ainda que não de forma consciente, a manifestação da consciência da cidade. É o *arquétipo da mescla de expressões que compõe o imaginário de São Luiz do Paraitinga*.

Com base nessas informações, podemos, de forma mais satisfatória, afirmar que a autoria do caderno é *coletiva*, uma vez que Benedicto está, o tempo todo em que escreve, inserido nessa consciência transindividual e é ela quem se manifesta por meio dele, não só pelo apego a comportamentos e fatos, mas principalmente pelo fato de transparecer emoções como tristeza, solidariedade, alegria etc., emoções essas bastante ligadas ao inconsciente e não tanto a uma ideologia do cotidiano, que nos parece meramente *comportamental*, sem abranger as mais profundas camadas do ser humano, as quais gradativamente vão sendo desvendadas pela psicologia.

Tudo isso é ressaltado pela imensa despersonalização dos textos, já analisada em outro item, e que mostra a intensidade pela qual essa consciência coletiva se manifestava em Benedicto.

Quando falamos em autoria *coletiva*, queremos significar que Benedicto não inventou os fatos ou tomou para registro fatos que apenas ele poderia viver. Qualquer outro cidadão de São Luiz poderia ter feito aqueles registros, uma vez que qualquer pessoa também poderia ter tomado parte nos eventos. No que diz respeito à poesia, ela é expressão de um tipo de pessoa simples que também poderia ter feito os registros ou ser registrada por alguém letrado, caso não soubesse escrever. E, quanto às anotações do oficial de justiça, os fatos da justiça da cidade, por si mesmos (que são os que constam dos cadernos), por estarem inseridos dentro da esfera de um Poder da República, não podem ser considerados como estritamente privados.

Essa imensa despersonalização, contudo, não quer significar que Benedicto é joguete de circunstâncias, uma vez que ele também interfere de forma intensa no cotidiano da cidade (por se tratar de figura pública e atuante) e, conseqüentemente, no inconsciente transindividual de São Luiz do Paraitinga, a ponto de ser lembrado hoje em dia e de poder mesmo ser caracterizado como um arquétipo da mitologia da cidade, como visto. Ele tem seu papel social e é reconhecido por conta deste. Atua de forma a dar destaque à sua pessoa em meio a esse papel social. A diferença existente entre ele e os demais habitantes está nesta capacidade de interagir entre diversos estratos sociais, que acaba por criar um personagem único, com condições de perceber o mundo ao seu redor de forma igualmente única.

Em função do exposto, nos termos da teoria polifônica de Ducrot, ousamos mesmo afirmar que o locutor "ser do mundo" nos cadernos é a cidade, é essa consciência coletiva. Benedicto e as roupagens que assume são enunciadores de um autor que os engloba, que foi quem criou todas as circunstâncias para que tais personagens pudessem se manifestar.

6

MAS, ENFIM, QUAL O GÊNERO?

Dentre os objetivos deste trabalho, ainda resta um a alcançar, qual seja, a caracterização do efetivo gênero textual ao qual está vinculado o caderno de Benedicto de Souza Pinto.

Caderneta, diário, miscelânea pós-moderna – as mais diversas teorias podem ser levantadas a respeito. Mas é interessante que o caderno chegou até nós sendo chamado *diário*, pela informação que obtivemos ao tomar conhecimento dele, e essa "alcunha" foi referendada mais tarde por Benito Campos em sua entrevista.

Em razão disso, e também do fato de que todo escrito mais particular e pessoal é comumente chamado "diário", é interessante analisar a hipótese de que estejamos diante de um diário, e por isso procuramos enfatizar essa opção desde o início.

O curioso é que, por mais que acreditamos saber do que se trata um diário, trazer a lume a caracterização habitual do gênero diário não é tão simples como parece, uma vez que não há muitos trabalhos sobre o tema. Mas procuraremos, a seguir, trazer nossa colaboração sobre o tema.

A classificação de determinado escrito em um gênero literário pode ser, a rigor, um tanto quanto limitadora da criatividade – “as representações hoje dominantes da literatura julgam que toda obra verdadeira deve furtar-se à genericidade” (Maingueneau, 2012, p. 229). No mesmo sentido, Bakhtin (1984) destaca que os gêneros do discurso são tipo *relativamente estáveis* de enunciados, reforçando a ideia de que não é possível ter regras limitadoras da formação de dito gênero – ainda que certos tipos de gênero, mais ligados à expressão oficial, sejam mais estáveis e normativos.

É dizer, o gênero não passaria de uma convenção que restringe a liberdade autoral. A análise do discurso, porém, considera a noção de gênero como central em razão do fato de não poder apreender lugares independentemente das palavras que autorizam e nem as palavras independentemente dos lugares de que são parte integrante (Maingueneau, 2012, p. 233).

Além de levar em consideração a importância do encaixe de determinada produção textual em um gênero, não pode o analista do discurso crer piamente na possibilidade de que todo tipo de texto seja facilmente enquadrado em determinada classificação, haja vista a imensa diversidade da produção textual humana:

“Quando se estuda o discurso literário, não se está diante de gêneros ‘instituídos’. Ainda que uma obra literária se apresente como a reconstituição de uma conversação (numa comédia, por exemplo), não pode evidentemente se tratar do gênero conversacional, dado que existe um autor que organizou de maneira não negociada o conjunto de réplicas” (Maingueneau, 2012, p. 239).

É com esse olhar que procuraremos a caracterização do gênero pertinente aos cadernos de Benedicto/Juca Teles. E, para tanto, devemos começar pela análise do gênero que nos parece mais assemelhado a eles, o diário.

6.1 O gênero diário em teoria

Tomando as ideias de Bakhtin mais uma vez como parâmetro, o gênero diário tem como característica básica a exposição da vida do autor, e, por conta disso, pressupõe-se que o texto daí resultante seja algo de intenso personalismo, talvez mesmo sussurrando segredos jamais confessados ou contando detalhes da vida íntima da pessoa que a interação pública jamais permitiria subissem à tona.

E isto porque, ao se falar em “diário”, normalmente se está fazendo referência à acepção de diário íntimo, talvez aquela que, em português, ecoa mais diretamente a partir dessa palavra – e é o que se espera de cadernos pessoais que não são dados à exposição e leitura públicos, ao menos não em vida do autor.

Poderíamos dizer que o *projeto discursivo* de um diário seria essa exposição do pessoal que não transborda das notícias, no caso das pessoas públicas, e naquilo que é dado a conhecer por outras pessoas próximas, no caso da pessoa comum.

Nestes tempos de redes sociais, muitos estão fazendo “diários” em suas páginas pessoais, ou em *blogs*, o que fica visível pela quantidade de informações muito íntimas que se apresentam – e isso desvirtua um pouco o caráter do que é efetivamente “particular”.

O diário íntimo possuiria, segundo Alain Girard (1963, pp. 3 e ss.), em obra singular sobre o tema, as seguintes características:

(i) é escrito dia após dia, sem uma ordem ou regra preestabelecida, o que não o torna uma “obra”;

(ii) o autor é o centro de observação, de convergência;

(iii) as observações devem ter como referência a pessoa do redator, para ser considerado íntimo;

(iv) o diário, caso íntimo, não é destinado ao público;

(v) o texto não é destinado à impressão;

(vi) mesmo que o autor trate de eventos externos ou que envolvam outra pessoa, tais circunstâncias devem ter algum tipo de ressonância sobre o autor.

Girard (1963, pp. 11 e ss) menciona alguns exemplos de diários que, mesmo fazendo referência a sua vida íntima, são direcionados ao exterior – como, por exemplo, Pierre d’Estoile e Victor Hugo. Esses autores, muito embora falem de si mesmos, sempre fazem referência a fatos externos e a questões que pedem seu envolvimento no mundo. O diário de Victor Hugo, em especial, descreve situações de grande intimidade, como a morte de seu filho Charles e experiências amorosas. Mas, salienta o mesmo Girard, o foco desse diário, em geral, é muito voltado para o exterior, o que lhe retira a qualidade de íntimo.

Posteriormente, o mesmo autor (1963, pp. 20 e ss) também procura distinguir o diário dos cadernos e cadernetas de anotações: mesmo que tenham inclusões diárias de texto, não podem ser considerados diários porque podem ser apenas expressões do raciocínio e de pensamentos soltos dos que escrevem. Além disso, o diário exige aquela carga de intimismo que os demais gêneros analisados não possuem.

Girard (1963, pp. 16 e ss) informa que não pode ser considerado diário aquele texto em que o autor não fala em primeira pessoa, como ocorre com os memorialistas. Este tipo de autor tem uma maior preocupação com a narração de fatos nos quais tiveram uma participação mais ou menos grande, e tende a escrever quando já avançado em anos; ou seja, o autor das memórias não escreve diariamente, conforme os acontecimentos se

sucedem, mas de um golpe, diante da perspectiva que a passagem do tempo lhe deu sobre os acontecimentos de sua vida.

Porém, apesar de todo o cuidado de Girard na caracterização do gênero diário, este trabalho toma por referência a teoria bakhtiniana, que, como dito anteriormente, considera que os gêneros são *relativamente estáveis*; por essa razão, não podemos aceitar restrições a essa caracterização, mas apenas que ela se dê perante parâmetros mínimos que deem a plena noção das intenções do autor no seu projeto discursivo.

Com base nisso, podemos já desconsiderar a exigência do uso da primeira pessoa. Se o projeto discursivo contém a ideia de fazer um relato de fatos da vida de alguém de forma, digamos, rotineira ou focada tanto em grandes como pequenos eventos, não há como negar que o material se aproximaria muito do diário.

Além disso, as referências de Girard, que podem servir como ponto de partida, não podem ser consideradas sem a relativização imposta pela adoção das ideias de Bakhtin.

E poderíamos mesmo excluir as cadernetas de anotações, necessariamente, da caracterização do diário? Isto nos diz respeito diretamente, uma vez que nosso *corpus* se compõe de um caderno pessoal com anotações. Mas esta é uma pergunta que só poderemos responder mais tarde, quando tivermos bases mais firmes para desenhar um diário.

Mas como se manifesta o projeto discursivo de alguém que escreve um diário?

Para responder a essa pergunta, num primeiro momento, é interessante trazer para a discussão a etimologia da palavra *diário*: do latim *diariu-*, "relação dia a dia, jornal" (Machado, 1987, v. II, p. 335).

Pressupõe-se daí uma relação construída para aquele dia em especial, e não para um "pacote" de momentos.

Neste momento, convém agregar a essa informação os três elementos pelos quais, segundo Bakhtin, os diferentes enunciados se expressam, formando os diferentes gêneros (os quais já foram mencionados no item 4.1): o *conteúdo* (o domínio de sentido de que se ocupa o gênero), o *estilo* (a seleção dos meios linguísticos determinados para a expressão do autor) e a *construção composicional* (o modo de organizar e estruturar o texto).

Um diário deve, a nosso ver e num primeiro momento, ter um *conteúdo* focado em memórias e dados que indiquem certo intimismo e pessoalidade – situações que não são conhecidas de todos, por serem pequenas, rotineiras, não expostas de forma corriqueira. E isso não necessariamente ocorre porque a pessoa retratada não deseja se expor, mas sim porque não são fatos que interessam diretamente a quem deseja um olhar mais abrangente e generalista sobre a pessoa.

Além disso, como verificamos a partir da própria etimologia da palavra *diário*, espera-se que o conteúdo seja mais restrito, não direcionado a grandes espaços de tempo, já que o registro presume-se feito no dia em que ocorreram os fatos. Não há a intenção de resumir os fatos ou unir vários fatos ligados a determinado tema.

Já o *estilo* nos parece ser muito condicionado à criatividade e expressividade do autor. E, em se tratando de um gênero altamente pessoal, o diário não pode prescindir dessa pessoalidade em termos de expressão.

Por fim, a *construção composicional* do diário deve dar margem a que seja possível perceber as minúcias, os detalhes pequenos e coloridos que fazem parte justamente de algo mais íntimo e pessoal. Pode ou não haver sequência lógica dos fatos narrados – e, via de regra, costuma-se datar o escrito para indicar o que ocorreu no dia indicado. Mas, justamente por se tratar de um gênero bastante pessoal, nada impede que o autor possa subverter isso.

Porém, não é possível firmar de maneira peremptória os pressupostos de um diário, sem apresentar mais subsídios que sustentem nossa teoria. Desta forma, nos propomos a extrair, de alguns textos normalmente intitulados como diários, que se tornaram conhecidos via publicação de livros, elementos que nos permitam uma definição daquilo que compõe e delinea o diário, nos termos propostos por Bakhtin, mediante a comparação do que é comum entre eles.

Uma vez que a estabilidade dos gêneros, segundo Bakhtin, é relativa, optamos, na escolha dos textos que utilizamos neste estudo, por material de diversas épocas (um diário do século XIX, um do século XX e outro do século XXI). Desta forma, procuraremos avaliar os pontos em comum entre eles e que podem ser utilizados por nós para a formulação de postulados que permitam, em linhas gerais, definir o gênero diário, de

forma que possamos verificar, em momento posterior, se o caderno de Benedicto de Souza Pinto preenche esses requisitos.

6.1.1 *Diário de uma viagem ao Brasil, Maria Graham (1821-1823)*

Maria Graham era a esposa de um oficial da Marinha inglesa, e, por conta da profissão do marido, acabou sendo alocada no Brasil, uma vez que ele comandava fragata estacionada na costa brasileira. Acompanhou o marido até o falecimento deste no Chile, em 1822. Retorna ao Brasil em 1823 e, ainda no mesmo ano, voltou à Inglaterra, mas em 1824 estava de volta ao Brasil a convite de D. Pedro I, que lhe confiou a guarda e educação da princesa Maria da Glória (cf. Oliveira Lima, 1906).

As duas primeiras passagens da autora pelo Brasil, bem como a fatídica viagem ao Chile, foram documentadas pela autora naquilo que ela mesma denominou *diário*. A obra que destacamos acima contém apenas os registros das duas viagens ao Brasil, uma vez que o diário da visita ao Chile foi originalmente editado em Inglaterra em volume à parte (haja vista "tão graves foram os acontecimentos dos últimos três anos no Brasil", escreve a autora em 1824 no prefácio da obra – Graham, 1990, p. 20). A edição que consultamos contém o diário das duas primeiras viagens ao Brasil, sem o texto da viagem para o Chile nem da terceira viagem ao Brasil, que também constituiu um volume próprio denominado *Esborço biográfico de Dom Pedro I* (Graham, 1990, p. 386, nota do editor).

Não há indícios de que a autora tenha elaborado os diários tendo em vista a publicação; acreditamos que a publicação tenha sido uma decisão tomada posteriormente, uma vez que ela admite que editou partes do texto antes de levá-lo a público (Graham, 1990, p. 19).

As entradas diárias, em sua maioria, são extensas e ricas em detalhes e considerações da própria autora a respeito da economia, política e sociedade brasileiras. Note-se, contudo, que o foco dessas considerações é sempre o que é vivenciado diretamente por ela. Portanto, tais considerações apresentam um olhar bastante pessoal e ligado ao que a autora podia observar de perto:

"[Sábado] 28 [de setembro]. - Esta manhã, antes do café, olhando pela janela da casa do Sr. Stewart, vi uma mulher branca, ou antes um demônio, surrando uma pobre negra e torcendo seus braços

cruelmente enquanto a pobre criatura gritava angustiadamente, até que nossos homens interferiram. Bom Deus! Como pode existir este tráfico e estes hábitos de escravidão! Perto de casa há dois ou três depósitos de escravos, todos moços. As provisões estão agora tão raras que nenhum bocado de alimentação animal tempera a massa de farinha de mandioca, que é o sustento dos escravos, e mesmo isso estas pobres crianças, com seus ossos salientes e faces cavadas, revelam que eles raramente recebem suficientemente. Agora, o dinheiro também está tão escasso que não se encontra com facilidade um comprador. Mais uma angústia se acrescenta à escravidão: o desejo vão de encontrar um senhor! Vintenas dessas pobres criaturas são vistas em diferentes cantos das ruas com todos os sinais de desespero. - E se uma criança tenta arrastar-se por entre eles, em busca de um divertimento infantil, a única simpatia que ele pode provocar é um olhar de piedade. Estarão errados os patriotas? Eles puseram armas nas mãos dos *novos* negros, enquanto as lembranças da pátria, do navio negreiro e do mercado de escravos lhes estão frescas na memória" (Graham, 1990, pp. 136-137).

Como se vê desse trecho, o estilo da autora é bastante pessoal, sem grandes enfeites estruturais – direto e bastante descritivo, mas entremeado dessas considerações que mencionamos acima.

Nesse mesmo trecho, nota-se a referência a fatos diretamente ligados à observação de Maria, de cunho histórico-sociológico, que também é feita sem grandes laivos acadêmicos mas prima pela lógica e percepção aguda da realidade. É provável que a curiosidade da autora, muito presente em várias das entradas, tenha sido a motivação dessa grande necessidade de encontrar explicações para vários dos fatos que presencia em sua rotina diária.

Em determinadas entradas, há fatos que não têm ligação direta com a vida de Maria, mas que interferem na rotina do Brasil, o país que é objeto de sua escrita e de suas considerações, ou na da Família Real, com a qual a autora tem certa ligação. Desta relação de fatos constam passagens de vivo interesse para a história do Brasil, como a que segue:

"Quarta-feira, 9 de janeiro. - O dia de hoje, espera-se que seja decisivo no destino do Brasil. É preciso, porém, começar pela chegada de uma mensagem das Cortes de Lisboa ao Príncipe, intimando-o de que aprouve às ditas Cortes que ele partisse imediatamente para a Europa a fim de iniciar sua educação e empreender uma viagem incógnito pela Espanha, França e Inglaterra. Esta mensagem despertou a mais viva indignação, não somente no ânimo de Sua Alteza Real, mas no dos brasileiros de ponta a ponta do reino. O Príncipe está desejoso de obedecer às ordens do pai e das Cortes, mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de sofrer, como homem, a inconveniência da mensagem, vendo-se,

dessa maneira, compelido a voltar a casa, especialmente sendo-lhe proibido levar consigo quaisquer guardas, ao que parece por temerem que elas tenham contraído demasiada dedicação à sua pessoa. Os brasileiros consideram este passo como uma preliminar para extinguir neste país os tribunais de justiça que, durante quatorze anos, se mantiveram por aqui, transferindo-se as causas para Lisboa, por cujo meio o Brasil será de novo reduzido à condição de uma colônia dependente, em vez de gozar de direitos e privilégios iguais aos da mãe-pátria, o que é uma degradação a que eles não estão dispostos, de maneira alguma, a se submeter" (Graham, 1990, p. 213).

Em razão dessa descrição não focada na experiência direta da autora, nem sempre o texto está em primeira pessoa (mas apenas por isso; quando ela passa a relatar sua experiência, ela se utiliza dessa opção).

Como se pôde ver dos textos acima, a autora procura datar as entradas, embora a datação nem sempre seja completa – por vezes ela indica apenas o dia (quando o mês e o ano já foram indicados em situações anteriores e o dia da semana fica pressuposto). Na edição que compulsamos, o editor teve o cuidado de completar as datas com os dados faltantes com inserções entre colchetes.

De toda forma, nota-se que a redação de cada entrada é contínua e diária. Salvo alguma falha de percepção de nossa parte, ela não deixa de escrever, não "pula" os dias – cada dia passado no Brasil ou em viagem para o Brasil tem seu registro. A exceção fica por conta dos trechos finais dos diários, quando a autora já está em viagem saindo do Brasil. No primeiro caso, provavelmente isso ocorreu pelo fato de algumas pessoas no navio, incluindo o marido de Maria, se encontravam doentes, e a autora dá mostras disso no texto, no sentido de que o registro não faltou, mas ela não quis passá-lo a limpo em versão oficial em função do sofrimento que os fatos lhe causavam:

"20 de abril, 1822. - Chegamos hoje à costa do Chile. Continuei a escrever meu diário regularmente, mas ainda que perto de dois anos se tenham passado desde que o escrevi, não tenho ânimo de copiá-lo. O de 3 de abril em diante tornou-se o registro de um agudo tormento. De minha parte esperanças e temores alternados através de dias e noites de escuridão e tempestades, que agravam a desgraça dessas horas desgraçadas. Na noite de 9 de abril, pude despir-me, e ir para a cama pela primeira vez desde que deixei o Rio de Janeiro. Estava tudo acabado; dormi longamente e descansei; quando acordei foi para tomar consciência de que estava só, e viúva, com um hemisfério entre mim e meus parentes" (Graham, 1990, pp. 251-252).

No final do diário da segunda visita, os motivos para a falta de regularidade da escrita não ficam claros, mas especulamos que haja alguma relação com o fato de o navio que a levou de volta para a Inglaterra ter passado por tribulações ao longo da viagem, que terminaram por ser sintetizadas na última entrada desse relato:

"18 [de dezembro]. Depois de passar os Açores, uma longa série de rajadas do nordeste conservou-nos longe da terra. Foram seguidas de três belos dias e o mar, que estivera pesado, ficou macio. Anteontem cedo, porém, começou a soprar muito forte do noroeste e ontem de manhã mudou para uma rajada do sul e sudoeste. Ficamos com as velas paradas em um mar tremendo. Há cerca de uma hora o capitão chamou-me e quis que eu fosse ao tombadilho para ver o que poderia não durar dez minutos e talvez nunca visse de novo. Corri para cima, tal como sua senhora e filha. Antes que o sentíssemos vimo-lo aproximar-se empurrando o mar furiosamente diante de si, e erguendo enorme vaga. O encontro dos dois ventos ergueu o mar acima de qualquer ponta de mastro numa longa extensão, como as ondas numa linha de pedras. Foi o mais belo, ainda que medonho, espetáculo que jamais vi; o mar erguia-se por cima de nosso pequeno barco ameaçando enchê-lo. Mas as escotilhas estavam fechadas, estávamos à capa em rumo certo, e passáramos uma sirga pelas abitas a fim de sustentar como esperávamos a cada momento. Mas em vinte minutos o tufão moderou e embicamos para Falmouth, que atingimos esta manhã, deixando o tombadilho de um navio que sem dúvida teria afundado na tempestade de ontem. Mais uma vez estou na Inglaterra, e para usar as palavras de um escritor venerável, apesar de apócrifo, direi: 'Porei aqui fim à minha narração. Se ela está bem, e como convém à história, isso é também o que eu desejo; mas se, pelo contrário, é menos digna do assunto, deve-se-me perdoar'" (Graham, 1990, pp. 385-386).

É interessante notar da penúltima citação acima que Maria efetivamente passava o texto a limpo, como de início suspeitamos também ter sido a atitude de Benedicto de Souza Pinto em razão da correção e falta de rasuras do texto (embora tenha sido mais provável ou frequente que ele se utilizasse do expediente de completar posteriormente dados de que não se lembrava no momento da escrita, a julgar pelo que pudemos observar ao longo da edição).

Tomando por base as premissas de Girard para a configuração de um diário, notamos que o texto apresenta as seguintes características:

- é escrito dia após dia, em sequência temporal que só é quebrada pelos fatos adversos mencionados acima;

- os fatos são descritos do ponto de vista de Maria, que agrega a eles sua própria visão pessoal dos acontecimentos;

- o texto não parecia ser originalmente destinado à publicação, e só foi tornado a público depois de uma edição que excluiu partes potencialmente comprometedoras. De toda forma, questões muito íntimas não constam do texto, como, por exemplo, os fatos entre os dias 3 e 9 de abril de 1822, quando ocorreu a morte do marido de Maria;

- *grosso modo*, o texto traz a descrição dos fatos ocorridos a cada dia de viagem; os fatos e pessoas não ligados diretamente à autora tinham relação com seu cotidiano e com as observações que fazia a respeito de um país que, ao que parece, estava procurando compreender. De toda forma, tudo que consta do texto tem o olhar muito particular de Maria;

- Maria sempre se refere a si mesma em primeira pessoa.

De acordo com os pressupostos de Girard, temos aqui um diário que inicialmente era íntimo, mas que, posteriormente, foi transformado em público mediante alterações da própria autora. Mesmo assim, o olhar muito particular da autora se manifesta nas suas observações sobre política e sociedade brasileiras.

Os elementos de formação do gênero literário podem ser assim analisados: o *projeto discursivo* é a exposição dos fatos que envolveram as viagens da autora ao Brasil e a sua descoberta de um país diferente da Inglaterra, enquanto o *objeto de sentido* é a compreensão e absorção dos elementos peculiares do Brasil e do brasileiro em comparação com a cultura europeia, e, mais particularmente, a inglesa.

Já em termos de elementos expressivos da atividade, temos que o *conteúdo* é o registro dos fatos que se sucederam ao longo das duas primeiras viagens ao Brasil; o *estilo* é simples e apenas expõe a simplicidade da autora ao redigir, pois esta escreve de forma muito compreensível e objetiva; a *construção composicional* traz entradas longas, mesmo que não haja descrição de todos os fatos que se sucederam, uma vez que a autora mescla à descrição as suas conclusões sobre os fatos passados. Além disso, algumas das descrições estão entremeadas pela narração de fatos históricos, a partir do olhar de Maria.

6.1.2 *O turista aprendiz*, Mário de Andrade (1927-1929)

O aclamado gênio literário brasileiro empreendeu duas viagens pelo Brasil: a primeira, em 1927, o conduziu pelo Amazonas; a segunda, em 1928-1929, o levou ao Nordeste. Mas ele não estava interessado em *glamour* ou belas paisagens; parecia estar mais interessado numa compreensão mais ampla do país, visto que não tinha foco no que era corrente em termos de descrição do território e de sua gente, mas do diferente, do inusitado (como se vê da apresentação da edição que consultamos do texto, de autoria das editoras responsáveis, Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo, as quais destacam o hábito viajar de Mário desde pequeno).

Na primeira viagem, leva consigo um pequeno séquito, composto pela benemérita Olivia Guedes Penteado, sua sobrinha Margarida Guedes Nogueira e a filha de Tarsila do Amaral, Dulce do Amaral Pinto. A viagem dura três meses e dá ao literato a oportunidade de registrar manifestações artísticas populares que só não foram melhor aproveitadas em função de compromissos oficiais vinculados ao trajeto percorrido (Lopez e Figueiredo, in Andrade, 2015, p. 23).

Já na segunda viagem, segue sozinho e procura focar no trabalho de etnógrafo e musicólogo, ao mesmo tempo em que trabalha como correspondente do Diário Nacional (*idem*, pp. 24-25).

As anotações e registros da primeira viagem - talvez inspirados pela leitura que fizera de Martius e Maria Graham (*idem*, p. 28) -, feitos originalmente a lápis enquanto a viagem tomava seu curso, foram depois "reconstruídos", reconectados entre si, provavelmente passados a limpo antes de serem datilografados e compõem um corpo de texto a que o autor deu o nome de *O turista aprendiz*. A esse material - que, originalmente, dá a impressão de parecer com o material de Benedicto de Souza Pinto -, também consistente em alguns registros publicados à parte, foi agregado o registro da viagem de 1928-1929.

O autor tinha a intenção de publicar os registros como um livro modernista, com "notas rápidas, telegráficas muitas vezes", mas notou que, aos poucos, o texto foi tomando corpo de notas mais longas; como passara muito tempo sozinho, naturalmente passou a expressar mais de si no texto: "vivi metido comigo por todo esse caminho largo de água" (Andrade, 2015, prefácio à compilação editada em 1943, p. 48).

De fato, os registros começam curtos, mas desde logo já se vê que não há intenção de se fazer uma mera descrição de fatos, com as emoções e sentimentos do autor à mostra:

"Não fui feito para viajar, bolas! Estou sorrindo, mas por dentro de mim vai um arrependimento assombrado, cor de incesto. Entro na cabina, agora é tarde, já parti, nem posso me arrepender. Um vazio compacto dentro de mim. Sento em mim." (Andrade, 2015, p. 50)

As descrições de fatos têm o sabor característico de quem domina a língua e sabe transmitir outras percepções que vão além do meramente visual:

"19 de maio. Foz do Amazonas. E é de manhã, manhã sublime. Algumas velas coloridas, água terrosa, uns verdes de horizonte. Não se vê nada! A foz do Amazonas só é grandiosa no mapa; vendo, tudo é tamanho que não se pode ver. Algumas velas, água terrosa e uns verdes ralos de horizonte. Só. Chegada a Belém, com recepção oficial, Dionísio Bentes, prefeito etc., automóveis oficiais, flores pras mulheres e nenhuma espécie de interesse. Sono depois do almoço. De tarde "depois da chuva" provamos o açaí. Depois do jantar, já desoficializados, sem quefazer, fomos todos no cinema, ver a fita importante que os jornais e as pessoas anunciavam, William Fairbanks em *Não percas tempo*, borracheira" (Andrade, 2015, p. 70).

Uma vez que estava a coletar observações sobre a arte regional, não faltam descrições de histórias populares que lhe são contadas e fatos sobre as cidades visitadas, contados ou observados. Também é frequente o devaneio, a que o autor não se furta quando nota que ele pode dar mais sabor ao que é descrito:

"Pelas duas horas portaremos em Itacoatiara, primeira cidade do estado do Amazonas. Vista em sonhos. É a mais linda cidade do mundo, só vendo. Tem setecentos palácios triangulares feitos com um granito muito macio e felpudo, com uma porta só de mármore vermelho. As ruas são todas líquidas, e o modo de condução habitual é o peixe-boi e, pras mulheres, o boto. Enxerguei logo um bando de moças lindíssimas, de encarnado, montadas em botos que as conduziam rapidamente para os palácios, onde elas me convidavam para entrar em salas frias, com redes de ouro e prata pra descansar

ondulando. Era uma rede só e nós dois caíamos nela com facilidade. Amávamos. Depois íamos visitar os monumentos públicos, onde tornávamos a amar porque todos os burocratas estavam ocupados, nem olhavam. As ruas não se chamavam com nome de ninguém, não. Tinha a rua do Meu Bem, a rua das Malvadas, a rua Rainha do Café, a rua das Meninas, a rua do Perfil Duro, a rua do Carnaval, a rua Contra o Apostolado da Oração. E todas as moças lindíssimas deixavam facilmente eu cortar os cabelos delas. Eu cortava que mais cortava, era um mar de cabelos, delicioso mas um bocado quente. Foi quando me acordaram" (Andrade, 2015, p. 90).

Os diferentes blocos de texto e temas são separados pelas datas de ocorrência dos fatos. A edição que consultamos inclui também as crônicas publicadas no Diário Nacional quando o autor se encontrava no Nordeste; são relatos muito mais aprofundados do que os do que foi proclamado como diário (que, na segunda viagem, são mais telegráficos que os da primeira). Muito embora sejam denominados crônicas, os textos misturam o que pode ser realmente considerado crônica com textos que mais parecem os relatos de alguns dos dias da primeira expedição.

De toda forma, os textos estão focados no que estava ao alcance do autor, da sua visão (fatos diários) e interesse (o que o leva a registrar vários fatos ocorridos no mesmo dia, ainda que de forma econômica; às vezes, apenas um fato é digno de nota).

Vale ressaltar que, assim como no caso anterior, não se está lidando com o texto original, mas de uma outra forma: o autor reconstruiu as memórias de acordo com o material e registros que tinha em mãos. Mas, nos dois casos, é interessante notar que os dois autores preservaram a estrutura com a datação e o foco na descrição de fatos havidos em determinada data, com apego à regularidade da escrita, independentemente de os fatos serem ou não importantes.³⁰

³⁰ Outra obra consultada ao longo da elaboração de nosso raciocínio - *Memórias de um Cavalcanti*, de Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello -, também se utilizou do mesmo expediente de passar a limpo o texto. Porém, neste último caso, o autor adota estrutura diversa: ele foca nos fatos ocorridos, com certa sequência temporal, mas com grande lapso entre uma entrada e outra, o que nos faz pensar que ele não tinha interesse em descrever seu cotidiano, mas apenas os fatos que, em sua opinião, marcaram de forma mais intensa sua vida.

De acordo com as diretrizes de Girard, o texto pode ser avaliado da seguinte forma:

- é escrito em sequência temporal rigorosa. Os eventos mencionados são sempre os do dia; as histórias que eventualmente não são daquele dia foram contadas por alguém ao autor naquele dia. O autor escreve todos os dias, a julgar pelas datas apostas antes de cada registro;

- os acontecimentos são sempre os da viagem mas têm como foco o autor e como ele enxerga os diversos fatos e informações que chegam até ele. Não é raro que diversas reflexões inundem o autor, mas elas têm relação com o que foi observado ou com o fato de estar viajando;

- muito embora se trate de um diário que sempre se procurou levar à impressão, há uma série de impressões bastante íntimas, de opiniões sobre pessoas e coisas do tipo, que normalmente não se teria na conta de um texto dado à publicação, justamente em razão das implicações que poderia ter em relação aos envolvidos;

- o texto está sempre em primeira pessoa.

De acordo com os pressupostos de Girard, temos aqui um diário íntimo peculiar, uma vez que diversas considerações muito privadas são trazidas à tona sem muito pudor, mesmo com a intenção de levar o texto à publicação.

Os elementos de formação do gênero literário podem ser assim analisados: o *projeto discursivo* é a exposição dos fatos que envolveram as duas viagens do autor, enquanto o *objeto de sentido* é composto de todos os locais, pessoas e informações que o autor encontrou e coletou ao longo do trajeto.

Já em termos de elementos expressivos da atividade, temos que o *conteúdo* é a apreensão, pelo autor, dos fatos que envolveram a viagem; o *estilo* é leve, divertido, sem amarras formais; a *construção composicional* ambicionava ser telegráfica, como visto, à maneira de romance modernista, mas o autor se permitiu deixar-se levar pelo fluxo das ideias e construiu relatos amplos e relatos menores, conforme o interesse para registrar os fatos (muito embora os relatos da segunda viagem sejam bastante voltados para a composição telegráfica); os registros sempre se iniciam com a indicação do dia em que ocorreram os fatos.

6.1.3 *O brilho do bronze*, Boris Fausto (2010-2014)

Escrito entre os anos de 2010 e 2014, o diário³¹ do professor Boris Fausto foi motivado pela morte de sua mulher e conscientemente dado à publicação (p. 7), a exemplo do que ocorreu com o diário anteriormente analisado.

O texto é escrito em prosa, em primeira pessoa, sem sequência diária fixa e com dados que nem sempre correspondem aos acontecimentos do dia. Cada entrada diária de texto recebe um título, de acordo com o tema tratado (se há mais de um tema tratado, cada um recebe um título próprio).

O autor admite expressamente que nem sempre os fatos narrados têm relação com a data em que são relatados. Há muitos relatos de memória da mulher (e, em determinado período, também do irmão, que falece enquanto o diário está sendo produzido), pensamentos diversos sobre os mais variados temas (com sutis referências às questões de vida e morte e do que ocorre após a morte). Às vezes, estes elementos tomam totalmente o espaço de um dia de relato, sem qualquer referência a fatos, que normalmente são tidos como o conteúdo mais comum de um diário. Veja-se o exemplo do dia 20 de outubro de 2010 (p. 24):

“CINZAS

Agora é cinza

Tudo acabado e nada mais

Bide e Armando Marçal

Controlamos o destino dos corpos, podemos fazê-los se converterem em ossadas, e podemos cremá-los, alternativa menos dolorosa. Quem se vai tomado pelas chamas torna-se uma abstração, ainda que uma abstração dolorida. Pensar em alguém cheio de vida, convertido em esqueleto, em ser ossudo, de dentes rilhados – é simplesmente terrível”.

O texto, não obstante tenha sido dado à publicação, contém diversos trechos de grande pessoalidade e intimidade, de forma semelhante ao que ocorria com o diário de

³¹ Denominamos o texto *diário* por conta da estrutura comum que possui – indicação das datas em que o texto foi inscrito – e pelo fato de ter sido intitulado como tal pelo autor.

Victor Hugo, citado por Girard. Mas o autor, de forma semelhante ao que fez Maria Graham, tem o cuidado de omitir os nomes de algumas pessoas que possam ser comprometidas por conta da publicação – o que pressupõe alguma espécie de problema ou constrangimento decorrentes da revelação dos fatos descritos –, como se vê da entrada do dia 16 de outubro de 2010 (pp. 23-24):

“REENCONTRO

Na segunda semana do luto fui ao restaurante Maní com os filhos. Numa mesa próxima, vejo uma senhora de corpo avantajado e de belos olhos azuis. É RM, minha ‘inclinação’, digamos assim, de outros tempos. Ela se aproxima e me apresenta um americano alto, magro, professor de uma universidade na Virgínia, que me fala um arrastado ‘muito prazer’ (que expressão mais inexpressiva: prazer por quê?) e me estende a mão. RM me beija formalmente e dá a entender, obliquamente, que soube da morte de Cynira.

- Liga pra mim, meu telefone está em nome da Cynira – digo a ela.

Responde que sabe onde me encontrar. Ao sugerir que ela tomasse a iniciativa, percebi que as dúvidas sobre um reencontro, depois de mais de duas décadas, eram muitas. Mas fiquei me perguntando quem me propiciara esse reencontro aparentemente com hora e local marcados? Cheguei à conclusão de que tudo não passava de uma grande coincidência, uma brincadeira do acaso, personagem mais forte do que a mão da Providência”.

Com a progressão do tempo, o texto vai ganhando um ar mais literário do que de relato diário. De forma semelhante ao que ocorreu com Mário de Andrade, há muitas digressões e reflexões que tomam o espaço dos relatos do cotidiano. E mesmo os relatos passam a adotar um formato mais aproximado ao da crônica, ainda que em formato reduzido, como se vê da entrada de 26 de dezembro de 2013 (p. 214):

“VISITA AO CEMITÉRIO

Chego ao cemitério pela manhã, o calor já é intenso. Paro o carro numa sombra logo na entrada e, ao descer, dou com um homem em pé, falando ao celular:

- Alcides, não dá para eu ir aí, me aconteceu um pequeno problema, estou no velório da minha avó.

Que avó inconveniente, como ousa morrer em dia de semana? Pois é, os mortos incomodam.”

Mas, mesmo assim, não falta esse conteúdo de proximidade com o que acontece na vida do autor. Os eventos e reflexões são todos muito próximos a ele, têm ressonância sobre sua vida de forma muito direta. O autor não faz qualquer intervalo nas referências à vida pessoal para incluir referências distantes. Existe uma certa *limitação* dos assuntos: qual o interesse dos fatos narrados para a vida do autor?

Comparando essa caracterização com as diretrizes dadas por Girard, notamos que há coincidência de vários fatores:

- o diário é escrito dia após dia sem qualquer ordem preestabelecida. Mas a ordem de Girard parece ser mais uma ordem na enumeração dos fatos, mas, além disso, o autor, aqui, não se preocupa em registrar necessariamente fatos do dia - em alguns casos o que é trazido ao texto é a reflexão do dia, sem qualquer preocupação em agregar maiores detalhes além daqueles ocorridos em determinado momento;

- sem dúvida, o autor é o centro de convergência do texto, mas não é o único. Pode-se dizer que o *luto* também funciona desta forma ao longo do texto, como aliás o autor expressamente admite;

- as observações são feitas com base na pessoa do autor;

- embora haja observações de conotação bastante íntima (a ponto de alguns nomes serem omitidos), o texto é expressamente destinado à publicação, o que o coloca em posição limítrofe na categorização de Girard;

- os eventos externos têm ressonância sobre o autor, em especial a morte de pessoas próximas;

- o autor fala em primeira pessoa.

Dada a grande quantidade de coincidências com as premissas de Girard, esse texto seria considerado um diário, mas um diário peculiar, em vista da expressão da intimidade mesmo sendo o texto destinado à publicação.

Se analisarmos o texto a partir das premissas bakhtinianas, temos que o *projeto discursivo* é a expressão da própria sensação e intimidade como forma de alívio do luto, enquanto o *objeto do sentido* é o cotidiano após a morte da esposa do autor.

Em termos de elementos expressivos da atividade, o *conteúdo* é a expressão do momento pessoal do autor após o luto; o *estilo* é claramente formal (talvez em função da posição acadêmica do autor), mas com tons de informalidade, adequados a uma expressão mais fidedigna do projeto discursivo; a *construção composicional* traz a indicação de datas, que, por sua vez, não correspondem necessariamente à data em que os fatos se deram, além do título agregado a cada tema desenvolvido por dia e o uso majoritário do tempo verbal presente para a exposição dos fatos do dia.

6.2 Pontos em comum entre os três materiais. Caracterização inicial do gênero diário

Analisando o projeto discursivo e o conteúdo de cada uma das três obras acima citadas, é possível separar alguns pontos convergentes entre eles.

É de se notar que os textos que normalmente são considerados "diários", como os indicados acima, são caracterizados por uma descrição de acontecimentos. Essa descrição é limitada a fatos que se desenrolaram à frente dos olhos do escriba, ou que lhe contaram (mas que têm ressonância sobre ele), ou que são fruto de reflexões pessoais (da viagem por circunstâncias da vida, da viagem por desejo de estudo ou do luto, conforme se trate de cada uma das obras acima mencionadas).

Essa limitação, essa "prisão" ao olhar exclusivo do observador, justifica-se pelo fato de que esse olhar se limita a situação ou circunstância física, qual seja a impossibilidade de se desenvolver uma espécie de "ubiquidade" que lhe permita estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Logo, de alguma forma, os fatos descritos *convergem para a pessoa do autor* e muito dizem a respeito de sua intimidade e personalidade. Neste ponto, nossa conclusão não diverge da de Alain Girard.

Não há tempo ou interesse em procurar um olhar diferenciado, fazer uma pesquisa para se verificar se tudo se passou de acordo com o olhar, a reflexão do escriba. Afinal, se está a fazer um registro de acontecimentos – seja porque há interesse em registrar a

viagem para um lugar desconhecido (Maria Graham), criar uma obra de arte diferenciada e registrar os fatos de uma viagem (Mário de Andrade) ou processar eventos de difícil aceitação em nível emocional (Boris Fausto). O interesse não importa – importa que a visão apresentada no diário é *unilateral*, estritamente pessoal.

Nos três casos, nota-se que os acontecimentos descritos fazem parte de uma *rotina* – seja ela de uma viagem (Maria Graham e Mário de Andrade) ou da vida ao longo de um processo de luto (Boris Fausto). Esse componente rotineiro dá uma característica peculiar ao texto, em termos de ênfase sobre quais acontecimentos serão registrados, mas não admite "misturas" com outros temas a menos que eles tenham pertinência para essa mesma rotina.

Esse foco em determinada rotina também diferencia os textos acima de um texto memorialista, que não é escrito em curto espaço de tempo após a ocorrência dos fatos. O memorialista não se prende em detalhes, até por conta da passagem de grande lapso de tempo. Por outro lado, tende a agregar vários fatos relacionados entre si para contar determinada "história" ou situação, sem dar um recorte para momentos específicos, como parece fazer o diário: neste último caso, ainda que o texto não tenha sido escrito no mesmo dia dos fatos, o registro é recortado para dele constar apenas o que ocorreu no espaço de um dia.

A análise do estilo e da criação composicional também fornece elementos comuns muito relevantes. Há bastante liberdade em termos de escrita: Maria Graham tem um estilo leve e aparentemente coloquial para seu tempo, mais preocupado em trazer os fatos a registro do que mostrar erudição literária; Mário de Andrade leva a cabo, em vários momentos de *O turista aprendiz*, seu projeto de um estilo telegráfico que encaixaria a obra em um estilo modernista; Boris Fausto insere citações e poemas em meio ao texto sem qualquer cerimônia e escreve de forma intimista.

Já a construção composicional, nos três casos, admite a *indicação da data logo antes da entrada correspondente àquele dia*, característica também apontada por Alain Girard. É uma característica do que normalmente se considera diário vulgarmente. À parte esse detalhe, não há outros grandes detalhes estruturais comuns entre os três textos. Não há obrigatoriedade de escrever todos os dias (Maria Graham deixa escapar apenas poucos dias de registro, Mário de Andrade escreve diariamente, Boris Fausto não). Não é preciso

redigir desta ou daquela forma. Mas *os fatos são descritos com certa ordem cronológica*, começando com o que aconteceu primeiro, se mais de um fato é mencionado.

Nossas suposições sobre o gênero diário, feitas no item 8.1, se concretizaram, de certa forma: realmente, o conteúdo é *intimista*, pois ligado a fatos que rodeiam o autor com grande proximidade ou que, de alguma forma, convergem a ele, ou que são narrados/descritos/analísados de acordo com o olhar muito particular dele. Mas esse componente intimista não se confunde necessariamente com intimidade, muito embora os textos de Mário de Andrade e Boris Fausto revelem a intimidade vez ou outra, ainda que tenham sido dados à publicação.

Ainda, a *criatividade* do autor não fica restrita por conta de uma rigidez estilística. E a única exigência estrutural parece ser, de fato, a aposição da data em que os fatos se deram. Essa mesma *liberdade de expressão* permite que o autor se sinta à vontade para indicar e discorrer sobre os fatos que lhe interessam, de acordo com o projeto discursivo de sua opção.

Podemos resumir o acima exposto nas características que, até o momento, entendemos presentes no gênero diário e que o caracterizariam:

- (i) *os fatos convergem para a pessoa do autor;*
- (ii) *a visão do escriba sobre os fatos descritos é unilateral;*
- (iii) *os fatos são rotineiros, fazem parte da vida do autor de alguma forma e estão ligados ao projeto discursivo;*
- (iv) *há indicação da data dos fatos e sequência cronológica dos fatos descritos.*

6.3 Caracterização final do diário por meio dos cadernos de Juca Teles

De acordo com as características acima indicadas, chega a hora de avaliar o seu encaixe em nosso *corpus*.

Aventamos, de início, a possibilidade de que esse mesmo material tenha sido passado a limpo, em razão da falta de rasuras ou erros graves de concordância, como vimos no item 2.1, e a exemplo dos textos anteriormente analisados, o que poderia mostrar uma certa necessidade de ordenação do pensamento ou limpeza da escrita; porém,

notamos ainda os espaços em branco a serem completados, em razão do temor de deixar rasuras ao corrigir erros – o que só poderia ser possível pela escrita direta a caneta. Isso demonstra, no mínimo, que o autor tem certo cuidado e/ou carinho pelos cadernos.

Mas em *Diário de uma viagem ao Brasil* e em *O turista aprendiz*, a motivação para cuidar com esmero do material (verificada nos itens dedicados a essas obras) poderia ter mais um componente: o intuito de levar o texto a público, o que não parece ser evidente em Benedicto. Isso pode estar comprovado pelo fato de que, conforme apuramos na análise codicológica, não há um cuidado com a identificação do conteúdo dos cadernos; a identificação que hoje existe foi incluída posteriormente. Apesar do cuidado com a escrita, o conteúdo parecia estar destinado à memória estritamente pessoal do autor. A menos que levemos em conta que Benedicto poderia ter um projeto pessoal de divulgação da memória da cidade e de seu papel em meio à coletividade, o que também é uma hipótese viável.

De toda forma, a necessidade de ordenação do pensamento poderia ter motivado todos os três escribas a esse trabalho, e talvez até uma espécie de necessidade de preservação da memória - se não para dá-la amplamente a público, a menos para os descendentes. Nas obras de Graham e Andrade, esse fato poderia ser apontado como a comprovação de que até a construção e ordenação do material convergem para a pessoa do autor. Contudo, em nosso *corpus* se passa coisa diferente, uma vez que nele caracterizamos uma forma de autoria diferenciada.

Em termos da caracterização, digamos, convencional da autoria, não há razão para se desconfiar de sua procedência, como já verificamos no capítulo que dedicamos ao estudo codicológico (v. item 2.1.9).

Já vimos anteriormente, contudo, que o texto constante de nosso *corpus*, além de ser de autoria coletiva, não traz um retrato da vida de uma pessoa em particular, mas de uma coletividade. Então a autoria pessoal acaba sendo a indicação de um mero "canal" de expressão do inconsciente transindividual, como já visto. Talvez uma mera formalidade, já que temos o hábito de agregar uma necessária autoria, uma participação na concretização do texto a partir de qualquer que seja a fonte da qual provém - a mente do autor individual ou o inconsciente coletivo.

E, sem esta prévia consideração acerca da coletividade do conteúdo, a primeira característica do diário nos traria grandes dificuldades, pois se nota que Benedicto de Souza Pinto faz o papel de centro de convergência, mas de forma indireta, por reflexo: ele está presente nas celebrações e fatos narrados, pode ser considerado como a referência do eu-lírico de muitas das poesias e a agenda de trabalho se referem, evidentemente, às suas obrigações como oficial de justiça. Da mesma forma, as observações, talvez à exceção de alguns poemas, não têm relação direta com a pessoa de Benedicto.

Mas, como o conteúdo e o projeto discursivo se relacionam à cidade, e a própria cidade se expressa por meio do escriba, em celebrações, trovas sobre pessoas da rotina da cidade e expressões cotidianas do município, bem como a menção a diversos cidadãos que estavam envolvidos em processos judiciais (por conta da própria profissão de Benedicto), nota-se que há convergência, de fato, mas não sobre o autor e sim sobre a cidade - o que acaba sendo coerente com o fato de que o texto bebe numa fonte coletiva, apartada do puramente individual.

O fato de a cidade ser o objeto do sentido e a expressão maior dos fatos, em vista da coletividade do texto, não prejudicaria a exigência de visão unilateral sobre os fatos narrados, uma vez que a visão do escriba poderia contaminar a visão que seria a da própria cidade? A nosso ver, não, e isso se justificaria, a princípio, pela própria falta de descrição estritamente pessoal feita por Benedicto de Souza Pinto. A sensação que se tem, ao folhear os cadernos, é de que uma espécie de opinião média do cidadão luizense se expressa ali, até pela impessoalidade dos relatos, que raramente são feitos em primeira pessoa - embora já tenhamos concluído pela existência de uma exposição de dados que impressionariam a qualquer pessoa da cidade, em função de serem expostos dados relacionados ao inconsciente transindividual.

Quanto ao terceiro item, nota-se que os eventos externos mencionados, como as atribuições do cargo de oficial de justiça e os fatos narrados nos trechos de texto corrido, têm evidente ressonância sobre o autor, mas implicam também impacto sobre a vida de outras pessoas (tanto aquelas que fazem parte dos processos judiciais que fazem parte da rotina de Juca como aquelas que são mencionadas nas narrações de fatos de São Luiz do Paraitinga). Tudo o que é narrado faz parte da vida da cidade (inclusive quando Benedicto incorpora cada uma de suas *personas* distintas).

Isso não soa estranho se atentarmos para o fato de que já pudemos demonstrar anteriormente (item 4.2.4) que o projeto discursivo e o objeto de sentido dos cadernos são ambos *públicos*.

O último quesito é o que mais chama a atenção, pois é notório que nem todos os fatos são datados, a exemplo do que notamos nas obras analisadas anteriormente; porém, nota-se que Juca não tem preocupação com a ordenação dos fatos, muito embora tenha a preocupação de datar a maioria deles (embora, como verificado no item 2.1.2, possamos situar a época aproximada da elaboração do material).

Nas anotações de trabalho e nas narrativas é que se nota o acesso diário (ou quase diário) ao material. Boa parte dessas entradas contém indicação da data, ainda que de forma sintética, apenas com dia e mês, mas em sequência temporal, e as poucas entradas com dia, mês e ano indicam o ano em que os fatos seguintes se passam. Contudo, a falta de datação de parte do material não permite que ele seja alinhado, pura e simplesmente, aos demais diários que analisamos anteriormente.

Poderíamos estar diante de uma obra memorialista (de acordo com a definição antes dada por Girard a esse respeito), que apenas traz o relato dos fatos conforme a memória e o interesse do autor, e passado algum tempo da ocorrência dos mesmos fatos.

O viés do diário estaria presente justamente na alta probabilidade de que os relatos tenham sido escritos logo depois de sua ocorrência, bem como no caráter pessoal da expressão dos fatos, vinculados ao autor coletivo de forma muito direta. É a falta de comprovação da data de escrita dos fatos e poemas que nos leva para a caracterização de obra memorialista, assim como o fato de que a própria colagem em si precisa desse caráter mais disperso, para que o leitor apreenda o que realmente interessa: o momento em que se encontrava São Luiz do Paraitinga na época da escrita, ainda que esta última só possa ser definida de forma aproximada.

Contudo, tanto as narrativas como algumas das anotações do oficial de justiça demonstram a existência de fatos estritamente ligados ao dia em que ocorreram. A título comparativo, é interessante citar um trecho da obra *Memórias de um Cavalcanti*, de autoria de Felix Cavalcante de Albuquerque Mello – obra que coloca o foco no fato e não no acontecimento diário, razão pela qual a consideramos um registro memorialista:

"Chegada de Barbosa Lima ao Recife"

No dia 29 de janeiro de 1898 fundeou no porto do Recife o vapor que conduzia o ex-governador Alexandre José Barbosa Lima, que não desembarcou. O vapor seguiu no dia imediato, deixando ignorado o seu destino, porque seguia com carta de prego" (Mello, 1940, p. 169).

Nota-se aí que não há precisão quanto aos fatos terem ou não se sucedido no mesmo dia da descrição - o autor já sabia que o navio partiu no dia seguinte, o que aquele que registra pelo diário não teria condições de antever. A impressão que fica é de que o autor passou a limpo o texto depois de algum tempo mas, ao invés de manter a entrada focada no registro do dia – o que faria com que o texto se encaixasse no diário -, procurou organizar a sequência de fatos ligadas a determinado acontecimento, tido pelo escriba como relevantes (aliás, as primeiras entradas são anteriores ao início "oficial" do registro pelo autor).³²

Voltando ao caso de Benedicto, a poesia é mais imprecisa nesse sentido, mas algumas entradas indicam poemas declamados em datas específicas. Os poemas soltos na contracapa do caderno parecem indicar que não havia a intenção de ocupar o espaço destinado para os registros. Parecem mais um rascunho ou anotação rápida para que não se perca o registro para alguém que tinha a poesia como *rotina*, o que não faz com que o mesmo material perca suas características próprias, de modo que consideramos, o tempo todo, que estes poemas soltos fazem parte do *corpus*.

A não indicação de datas por Benedicto em parte do material, portanto, não nos parece ser um impeditivo para a classificação do texto como diário, já que grande parte dos acontecimentos é limitada ao espaço de um dia (seja como narrador, seja como oficial de justiça), e que é possível, a partir do material datado, perceber a existência de uma sequência temporal. Os poemas soltos apenas ajudam a compor a rotina de alguém que gostava de compor poesia e, sendo a rotina algo muito pertinente ao contexto do diário, não pode ser dele excluída.

A sequência cronológica, último fato a ser verificado, não pode ser cabalmente comprovado, mas quem vem em nosso socorro, neste ponto, são as datas que por vez ou

³² Mello, inclusive, toma o cuidado de denominar seu registro "memórias" e não "diário".

outra são incluídas no texto. Como visto, há uma certa linearidade temporal em relação ao que vai sendo inserido. Não temos como comprovar que tal linearidade é observada cabalmente; contudo, se retomarmos a raiz etimológica da palavra "diário", poderíamos afirmar que o que importa é que o limite do registro seja aquele dia. Ao menos as narrativas contêm essa precisão, essa limitação a um registro que aconteceu num determinado dia.

Dentro de um material textualmente fragmentado, contudo, não haveria como comprovar o mesmo para os poemas e atividade do oficial de justiça. Mas, vale lembrar que o texto pós-moderno não tem compromisso com a linearidade, ao menos no que diz respeito à literatura. A digressão, a alteração da referência temporal, isso tudo pode ser resultado de uma grande expansão dos meios de expressão, ocorrida a partir do século XX, e/ou da crescente dificuldade em ter critérios dignos de confiança para representar a realidade (v., nesse sentido, Auerbach, 2009, pp. 493-496).

Mas essa mesma dificuldade valeria para um indivíduo que mal saía de sua cidade, e que, por conta disso, não era bombardeado por fatos, informações e inovações da mesma forma que um brasileiro de cidade grande, europeu ou norte-americano?

Não vemos impedimento para isso. Talvez a pressão da realidade, para Benedicto, fosse um tanto quando diferente quanto aquela que se impõe ao homem da cidade grande, o que não significava que não existia: a gente luizense sempre sofrida, com poucas oportunidades de real diversão; a necessidade de coesão que era quase uma condição de sobrevivência; a própria condição pessoal que não permitia que ele, Benedicto, fosse plenamente aceito por este ou aquele setor da cidade.

Acresça-se a isso o que já afirmamos no item 4.2: essa necessidade de ser aceito e de ser plenamente integrado fazia com que Benedicto procurasse fluir entre diversas esferas ao mesmo tempo. Dessa forma, não é de se espantar que seus escritos se apresentem fragmentados, na medida em que as diversas formas de expressão escrita acabam por representar as diversas facetas da mesma pessoa, conforme ela se adapta a esta ou aquela circunstância.

Há que se considerar ainda um ponto. Uma vez que Benedicto não se coloca em primeira pessoa no mais das vezes, e que não descreve fatos ligados estritamente à sua vida pessoal, não seria possível considerá-lo um cronista?

Acreditamos que não, já que a crônica nos parece exigir um autor delimitado que fala de outrem ou outro assunto que não interage diretamente consigo, ainda que possa ter relação com ele. No nosso caso, o autor é a coletividade, tratando de situações diretamente voltadas a ela e manifestando-se pelos dados de pessoas e ocorrências culturais. É visível, em nosso caso, que o autor está tratando de si mesmo em um nível não superficial (embora não chegue a ser íntimo).

Ainda em suporte de nossa argumentação, com base nas demais obras analisadas, note-se que tanto Mário de Andrade como Boris Fausto também adentram uma espécie de texto que também se assemelha à crônica, mas o fato não descaracteriza os respectivos diários, uma vez que os fatos narrados têm alguma espécie de relação com os autores.

Sendo assim, em função do exposto, temos em nosso *corpus* uma expressão coletiva que se manifesta, de fato, como um *diário* – ainda que esse diário seja dotado de diversas características extremamente peculiares.

7

CONCLUSÃO

Retomando as hipóteses norteadoras deste trabalho e seus objetivos, pudemos, efetivamente, concluir que o texto constante de nosso *corpus* de fato consiste num *diário*, *fragmentado porém constituindo unidade, e de autoria coletiva*.

A hipótese da *unidade*, alinhavada a partir da teoria bakhtiniana, foi demonstrada a partir daquilo que está subjacente à estrutura do *corpus*. Vimos que a construção do texto levava sempre em consideração os aspectos públicos e tinha foco na cidade de São Luiz do Paraitinga.

Construir essa *unidade* pareceu-nos um grande exercício de propósito, de atribuição de significado. Cotidianamente, todos produzimos conteúdo das formas mais distintas, e pensamos que os pequenos atos do dia-a-dia não têm qualquer significado especial. Não nos alinhamos a este pensamento, já que acreditamos que o ser humano sempre possui uma intenção por trás de seus atos – consciente ou inconsciente, individual ou coletiva – e essa intenção pode ser destrinchada a partir dos seus menores atos.

Isso pode parecer um tanto quanto destoante do propósito da teoria do texto ou da filologia e mais afeito à teoria psicológica, por exemplo. Mas desconsiderar esses pequenos atos – ao menos os escritos, para focar naquilo que é nosso objeto de estudo – é deixar passar uma oportunidade de adentrar singularidades que podem não só ajudar a reconstruir um pensamento ou obra, mas principalmente abrir novos horizontes, em especial à investigação filológica, que poderá se abrir para outros tipos de registros escritos aparentemente irrelevantes ou não lineares, mas que estão à espera de serem analisados, observados, estudados.

Já a hipótese da *autoria coletiva* também ficou demonstrada a partir da incursão nos meandros psicológicos, conciliável com o pensamento de Bakhtin. Mas entendemos pertinente ressaltar que essa caracterização não pretende tornar o ser humano totalmente irresponsável por seus atos, o que, aliás, é incompatível tanto com Bakhtin quanto com os postulados da abordagem integrativa transpessoal.

Cada humano – e, mais particularmente no caso da produção de texto, cada autor – pode ter sua contribuição original para a ideologia do cotidiano ou para o inconsciente transindividual. Esta caracterização da autoria coletiva reforça o quanto cada um de nós ainda reflete uma somatória de comportamentos e pensamentos, não só em nível mais imediato, como na ideologia do cotidiano, como também em motivações mais arraigadas e mesmo ancestrais, como se vê do conteúdo dos níveis mais profundos do inconsciente.

Mas não é só isso. Essa somatória pode se manifestar por si mesma, como vimos, funcionar como um organismo, construir uma obra literária pelas mãos de um enunciador. Não é algo de todo estranho às ciências humanas; veja-se, por exemplo, que o direito já admite há um certo tempo que coletividades sejam sujeitos de direitos e possam pleiteá-los judicialmente. O reconhecimento desse tipo de atividade criadora da coletividade parece ser uma continuidade lógica da compreensão do que é que está nesse nível coletivo, já aventado pela psicologia e pelo pensamento de Bakhtin, e que ainda é um campo aberto à investigação.

Por fim, apuramos as premissas que permitem, em nosso ver, caracterizar o gênero *diário*:

(i) os fatos convergem para a pessoa do autor, que pode não ser um autor pessoa física, mas uma coletividade que se expressa por meio do escriba;

(ii) o conteúdo traz visão unilateral sobre os fatos descritos;

(iii) pode ter ou não indicação de datas – o que importa é que os dados relatados não ultrapassem o limite de um dia;

(iv) os fatos trazidos são rotineiros, fazem parte do cotidiano do autor – quando não houver fato relevante no espaço curto de um dia, o que importa é o rotineiro, costumeiro, pois ele compõe, juntamente com o texto, um retrato/colagem do que é *diariamente* visto e entrevistado pelo autor.

Como se vê, nosso estatuto do gênero diário não deixa de ter certa convergência com as premissas de Girard (1963), mas, ao mesmo tempo, tais premissas não podem engessá-lo, até porque a criatividade e a crescente transformação dos meios de ver o mundo fazem com que o homem não se atenha a formas rígidas de expressão da sua visão.

Afinal, delinear um gênero do discurso é dar ênfase às várias e multifacetadas expressões humanas. E a caracterização do diário nos permite visualizar a clareza e a riqueza da vida cotidiana – seja ela de um ser humano específico, seja de uma coletividade. Num tempo em que tudo e todos expõem sua rotina em público em redes sociais, pode ser que o diário raramente seja considerado íntimo, mas entender essa forma de expressão permite que cada momento histórico ou pessoal seja visto em suas cores mais comuns.

Vimos no capítulo anterior que tais características se amoldam ao nosso *corpus*. Mais uma vez, chamamos a atenção para o que se pode encontrar em material aparentemente irrelevante ou “complicado demais”, “fora demais do padrão”. Este foi um desafio pessoal ao longo da elaboração deste estudo. Evidentemente, reforçamos o quanto foi dito a respeito da importância da produção pessoal, como indicativo das possibilidades e realidades humanas, tanto individuais quanto coletivas. Categorizar um material dentro de determinado gênero não tem, ao menos para nós, a intenção de rotular. Essa não parece ter sido também a intenção de Bakhtin. A intenção é compreender as motivações e adquirir elementos que ajudem a descrever aquele registro.

No caso em tela, mais especificamente, a caracterização deste material como um efetivo diário nos permite dar uma nova visão aos estudos históricos e sociológicos, na medida em que poderá ser usado com o fim de melhor descrever e melhor enxergar o momento em que foi produzido e as pessoas que fizeram parte de suas páginas. O filólogo também passa a contar com uma ferramenta que lhe facilita a caracterização e análise de documentos.

Para a cidade de São Luiz do Paraitinga, em especial, é a recuperação de uma memória querida, que foge à caracterização do puro e simples apego ao passado e àquilo que já foi bom um dia. É na memória cotidiana que a cidade tem, agora, condições de criar novos laços e vínculos, que permitirão uma compreensão maior de quem são seus habitantes e da razão pela qual o amor à tradição é tão forte para ela.

Sendo esse diário uma criação *coletiva*, essa compreensão é ainda mais interessante, uma vez que a própria cidade dá mostras do seu movimento e sua cor na época em que redigidos os textos. É o olhar de um composto, de um grupo, mais amplo e aberto do que a visão individual.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Mário. *São Luiz do Paraitinga: usos e costumes*. 2. ed. São José dos Campos: JAC, 2011.
- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Edição anotada e documentada por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Brasília: IPHAN, 2015.
- AUERBACH, Erich. A meia marrom. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 5. ed., 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- _____. *Esthétique de la création verbale*. Trad. do russo por Alfreda Aucouturier. Paris: Gallimard, 1984.
- _____. *O freudismo: um esboço crítico*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. 2. ed. rev. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. Em seus *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. Da subjetividade na linguagem. Em seus *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. Entre o regional e o nacional: o Vale em questão. In: CHALITA, Gabriel (coord.). *Vale do Paraíba: política & sociedade*. Aparecida: Santuário, 1993.

- BRAIT, Beth. *Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo - dez obras fundamentais*. Disponível em: <http://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/Bakhtin.pdf>. Acesso em 2.8.2016.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- BOTELHO, Joaquim Maria. Mosaico informativo da política no Vale do Paraíba. In: CHALITA, Gabriel (coord.). *Vale do Paraíba: política & sociedade*. Aparecida: Santuário, 1993.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CURSINO DOS SANTOS, João Rafael. *A Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga: o desafio da cultura popular na contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução por Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- EVANGELISTA, José Geraldo. *Lorena no século XIX*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- FAUSTO, Boris. *O brilho do bronze*. 2.^a reimpr. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- FERRÉS I PRATS, Joan. *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Trad. Ernani Rosa e Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GIRARD, Alain. *Le journal intime*. Paris : Presses Universitaires de France, 1963.

- GODOY, Joaquim Floriano de. *A província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. 2. ed. facsimilada da ed. de 1875. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Trad. A. J. L. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- GROF, Stanislav. *A aventura da autodescoberta*. Trad. Sonia Augusto. São Paulo: Summus, 1997.
- _____. *Além do cérebro*. Trad. Wanda de Oliveira Roselli. São Paulo: McGraw-Hill, 1998.
- HOUAISS, Antonio et alii. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JUNG, Carl Gustav. *L'homme à la découverte de son âme*. Paris : PUF, 1977.
- _____. (org.). *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LIMA, Sandra Mara Moraes; PERINI, Ruy. Bakhtin e Freud: aproximações e distâncias. *Bakhtiniana: revista de estudos do discurso*. São Paulo, v. 1, n. 2, 2.º sem. 2009. pp. 80-99.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Horizonte, 1987.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução de A. Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista: 1700-1836*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2000.
- MELLO, Felix Cavalcanti de Albuquerque. *Memórias de um Cavalcanti*. São Paulo-Rio de Janeiro-Recife-Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1940 (*Brasiliiana* – Biblioteca Pedagógica Brasileira, v. 196).
- MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

- MLODINOW, Leonard. *Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MORSON, Gary Saul. *Bakhtin: essays and dialogues on his work*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.
- NERY, Rosa Maria de Andrade. *São Luiz do Paraitinga: reduto de gente bandeirante*. São Paulo: Thomson Reuters/Revista dos Tribunais, 2014.
- OLIVEIRA LIMA, Mrs. Graham e a Confederação do Equador. In: GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Trad. A. J. L. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- RING, Kenneth; WEIL, Pierre; DEIKMAN, Alan. *Cartografia da consciência humana*. Petrópolis: Vozes, 1978. (Pequeno Tratado de Psicologia Transpessoal, v. 1.)
- SALDANHA, Vera. *Didática transpessoal: perspectivas inovadoras para uma educação integral*. Tese (Doutorado). Campinas, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- _____. *Psicologia transpessoal: abordagem integrativa; um conhecimento emergente em psicologia da consciência*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.
- SCANTIMBURGO, João de. *Os paulistas: evolução social, política e econômica do povo paulista*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1983.
- SHARP, Daryl. *Jung lexicon: a primer of texts and concepts*. Disponível em: <<http://www.psychceu.com/jung/sharplexicon.html>>. Acesso em 15.7.2016.
- SILVA, Degiovani Lopes da; VIEIRA, Maria Alice Ferreira do Amaral. *São Luiz do Paraitinga, sem rabo e sem chifre: a evolução do carnaval das marchinhas na terra de Juca Teles do Sertão das Cotias*. São Paulo: Ed. do Autor, 2012.
- SIMONSEN, Roberto. *História econômica do Brasil – 1500-1820*. São Paulo-Rio de Janeiro-Recife: Companhia Editora Nacional, 1937, ts. 1 e 2. (*Brasiliانا* – Biblioteca Pedagógica Brasileira, vs. 100 e 100-A.)
- TAUNAY, Affonso d'Escragnoille. *História do café no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1939. vs. IV e V.

- TEIXEIRA, Marlene. O outro no um: em torno da concepção bakhtiniana de sujeito. *In:* FARACO, Carlos Alberto et alii (orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981.
- WILBER, Ken. *O espectro da consciência*. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2007.

APÊNDICE: TRANSCRIÇÕES EXTRAÍDAS DO CADERNO

1. Normas utilizadas para a transcrição

Utilizamos como base as normas do Projeto para a História do Português Paulista (PHPP), em sua versão mais recente, com adaptações nossas.

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas serão desenvolvidas, marcando-se - em itálico - as letras omitidas e observando-se os seguintes casos:
 - a) A norma não se aplica às abreviaturas hoje em uso corrente ou fixadas em dicionários. Exemplos: “*etc.*”, “*Sr.*”, “*Sr.^a.*”, “*ltda.*”, “*Cia*”, “*V. Ex*” e “*D.*” permanecem inalteradas.
 - b) Respeitar, sempre que possível, a grafia do documento, ainda que manifeste idiossincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “*munto*”, que leva a abreviatura “*m.^{to}*” a ser transcrita “*munto*”.
 - c) No caso de variação no próprio documento ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências “*Deos*” e “*Deus*”, que levam a abreviatura “*D.^s*” a ser transcrita “*Deus*”.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “*epor*” “*ser*”; “*aellas*”; “*daPiedade*”; “*omninino*”; “*dosertaõ*”; “*mostrandoselhe*”; “*achandose*”; “*seseque*”.
4. A pontuação original será mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba será marcado [*espaço*]. Exemplo: “que podem prejudicar. [*espaço*] Osdias passaõ eninguemcomparece”. Serão observados dois casos especiais:
 - a) Em relação a trechos que demandem maior esforço para decodificação, seja pela ausência de sinais de pontuação, seja por estarem sob sistema diverso, o editor incluirá, em nota de rodapé, uma possível interpretação. Exemplo: Na edição teríamos, “Tenho uma criada que | dice que sabia fazer tudo | que eu mandace ella | fazer emtaõ perguntei | e Paõ doce voce sabe fazer | sei emtaõ mando todos | os sabados fazer.” Em nota teríamos, “Nota 1: Tenho uma criada que dice que sabia fazer tudo que eu mandace

ella fazer. Emtaõ perguntei: □ E Paõ doce, voce sabe fazer? □ ‘Sei’. Emtaõ mando todos os sabados fazer.”

b) A sinalização [espaço] não se aplica aos espaços em cabeçalhos, títulos e/ou rótulos de seções de periódicos, fórmulas de saudação/encerramento ou na reprodução de diálogos, devendo o editor estabelecer o intervalo conforme o original.

5. A acentuação original será mantida. Exemplos: “aRepublica”; “docommercio”; “edemarcando tambem lugar; “Rey D. Jose”; “oRio Pirahý”; “oexercicio”; “que hé munto conveniente”; “fomos a ele”; “fomos á ele”; “fomos à ele”. Os sinais de separação de sílaba ou de linha, usados pelos autores dos diversos documentos, serão mantidos como no original. Exemplos: “; “atira- | mos” e “atira= | mos”.

6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

7. No caso dos impressos, eventuais erros de composição serão marcados com (*sic*) logo após o vocábulo e remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplo, “Nota 1: Acawado por acamado.”. Se for inevitável, por limites do editor de textos, o erro será descrito. Exemplo, “Nota 2: A letra <a> inicial de ‘affirma’ está invertida”

8. No caso dos manuscritos, eventuais grafias diferenciadas serão remetidas para nota de rodapé, onde se registrará(rão) sua(s) variante(s) mais comum(ns) e, quando possível, considerações sobre a variação em si. Exemplos, “Nota 1: ‘que eu afamado livro’ provavelmente ‘que meu afamado livro.’ ” Talvez a escrita de eu por meu possa indicar lapso de escritura ou erro de cópia; “Nota 2: Pirassocunda possível variante de Pirassununga: talvez a oscilação de grafia indique instabilidade para a escrita de termos Tupi”;

9. Inserções do escriba ou do copista, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem aos seguintes critérios:

a) Se na entrelinha do documento original, entram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: < >; <↑>, se na entrelinha superior; <↵>, se na entrelinha inferior. Por exemplo: “em dezembro recebi <↑todos> os senadores em casa”. Se houver palavra(s) riscada(s) abaixo da inserção, devera haver menção ou, conforme sua legibilidade, transcrição em nota de rodapé. Exemplos, “Nota 1: abaixo de <↑todos> há palavra suprimida”; “Nota 2: abaixo de <↑todos> foi riscado ‘dentre’.”

b) Se nas margens superior, laterais ou inferior, entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: <fica definido que o lugar convencionado é a casa de Pedro no largo da matriz>. Caso seja necessário, ficará em nota de rodapé a devida descrição da direção de escritura ou quaisquer outras especificidades. Exemplo: “nota 1: Escrito verticalmente de cima para baixo”.

10. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. Exemplos: “todos ~~ninguém~~ dos presentes assignarom; sahiram ~~sahiram~~ aspressas para o adro”. No caso de repetição que o escriba ou copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos. Exemplo: fugi[[gi]]ram correndo [[correndo]] em direção oposta.

11. Intervenções de terceiros no documento original devem aparecer em nota de rodapé informando-se a localização. Exemplos, “Nota 1: À direita do título encontra-se escrito por outro punho: ‘copiado’”; “Nota 2: Na margem inferior encontra-se escrito por outro punho: ‘página 18’”; “Nota 3: Na margem superior encontra-se o carimbado ‘Arquivo Nacional’”.

12. Intervenções do editor não de ser raras, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes. Exemplo: “não deixe passar neste [registro] de Areas”. Quando houver dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão será posto entre colchetes e em itálico. Exemplos: ent[re]gue o [rapaz].; “faça venda a duas b[arrias]as de vinho”.

13. Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [ilegível] para vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “É assim

pe[.]r.”; “É assim [ilegível.] em Java”; “É assim [ilegível + 2 linhas] em Havana.” Caso suponha ser extremamente necessário, o editor indica em nota a causa da elegibilidade: corroído, furo, borrão, rasura, etc.

14. Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte, justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [inint.] para vocábulos e [inint. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “É assim pe[?]r.”; “É assim [inint.] em Java”; “É assim [inint. + 2 linhas] em Havana.”

15. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical entre as linhas. A mudança de parágrafo será indicada pela marca de duas barras verticais. Exemplo: “Es- | taes pois muito atrasado, ponde-vos na | pira meu ignorantão. || Seria bonito que todas as.”³³

16. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.

.

³³ Fizemos opção ligeiramente diferente em nossa transcrição, por conta dos poemas – que são melhor lidos se mantidos os versos cada um em uma linha (nestes casos, as duas barras juntas indicam o título da estrofe e o final da estrofe). E, de forma a uniformizar a leitura, mantivemos a separação de linhas do original também para os demais tipos. As barras verticais foram mantidas, mesmo assim, por conta da falta de indicativos consistentes de final e início de parágrafo – Benedicto varia muito no uso de traços, pontos fortes etc., de forma que as barras verticais acabam por fazer o papel de indicadores de separação de parágrafos. Nas anotações do oficial de justiça, por sua vez, entendemos que o final de um parágrafo está no final de um bloco de texto (que é separado dos demais pelas linhas horizontais).

2. A transcrição

I
 Dançamos em toda parte
 Levamos dança aqui
 Para o povo todo
 Do nosso circo avante

II

Querem tem o Juca Teles
 Bem sabem não é mais
 Dançamos um pouco
 Para nós D. Tibau

- III -

Fundo corre bem mesmo
 A festa tá muito boa
 Na casa de festa tem
 Doce, vinho e leite

IV

Juca Teles veio na gro-
 ganda volta para casa
 E tá home ^{meu} festeiro
 E tiquetate de troco

V

Mas não dá o dinheiro
 De mais não tem
 Para mais não tem
 Que se vai no dinheiro

I ||

Dancemos em toda parte|

Devemos dançar aqui|

Para o pessoal todinho|

5 Do nosso circo [*inint.*] ||

II ||

Querem bem o Juca Teles|

Bem sabem não é mau|

Dancemos um poquinho|

10 Para nosso Dr. Tibau||

III ||

Tudo corre bem mesmo|

A festa tá muito boa|

Na casa de fato temo|

15 Doce, vinho e <↑boa> leitôa||

IV ||

Juca Teles veio magro|

Gordo volta pra <↑ara>róça|

E ta hóme <↑muito> festeiro|

20 E [*inint.*] de tróça||

V ||

Nho Dito Alves e [*inint.*] |

Que não fica no tinteiro|

Pra [*inint.*] este vesinho|

25 Que já vai no derradeiro||

Pessoas a intimar

- José Gonzaga - [†] Perto de João Agelito
 Maria Tavares - e filhos falecidos
 Maria
 Egidio X
 Sebastiana
 Benedicto Ventura - Reneres velho
 José Gonçalves Barreto - "
 Benedicto Moreira Santos - Remedio
 || Francisca Maria de Jesus - Pingo
 Maria Antonia da Anjo - L. Velho
 Benedicta Tebuciana
 Rita Emilia dos Santos - St. Margarita
 Antonio Estevam Faria - 7 Pinheiros
 || João Ferreira Braga - 3-12-48
 Benedicto Jamidis - Rio Santo
 Joaquim Antonio Santos - Cachoeira
 4- Luiz Francisco de Moraes - Palmeiras
 " Benedicto Agostinho - Pery Alto
 " || Benedicto de Auto Bdy - "
 " Joaquim Barboza - Dias
 " || Felismina Maria Joaze - Z. Cacho
 " || Maria de Souza Castro - Pery Alto
 " Fernando Pereira Leite - B. Mello
 || José Maria Monteiro - Cachoeira
 " Benedicto Jacinto - Palmeira
 " Carlos Fidelis Filho -
 " Antonio Elias - B. Ferraz
 " Luiz Alves dos Santos - Bona
 " Francisco dos Santos
 " Benedicto João de Carvalho
 " Gerardo Agostinho - Pery Alto

- Pessoas a intimar|
+ |
José Gonzaga – Perto de João Agostinho|
Marça Tavares – e filhos falecida|
5 Maria|
Egydio|
Sebastiana|
Benedicto Ventura_Lourenço velho|
José Gonçalves Barreto|
10 Benedicto Moreira Santos – Remedio|
|| Francisca Maria de Jesuz – Pinga|
Maria Antonia dos Anjos – *Lourenço Vêlho*|
Benedicta Feliciano|
Rita Emilia dos Santos – *Santa* [Margarida] |
15 Antonio Estevam Faria – *Francisco* Pinheiro|
|| João Ferreira Braga – 3-12-48|
Benedicto Januario – Rio Bonito|
Joaquim Antunes Santos – Cachoeirinha|
Execução – Luiz Francisco de Moraes – Palmeiras|
20 " Benedicto Agostinho Pouzo Alto|
" || Benedicto de Castro [Rodrigues] |
Joaquim Barboza – Dias|
" || Felisbina Maria Joaquim – Zé Castro|
" || Maria de Souza Castro – Pouso Alto|
25 " Fernando Pereira Souza [*Bairro* Monteiro] |
José Maria Monteiro – Cachoeirinha|
" Benedicto Jacinto – Paineira|
" Pedro Fidelis Filho – |
" Antonio [Claro] – *Bairro* [Lemes] |
30 " Luiza Alves dos Santos – Bairro|
" Francisco dos Santos|
Benedicto João de Carvalho|
Geraldo Agostinho – Pouzo Alto|

Celestino G. de Silva 19.9.91
2 doc. (de 16.000)

Benedito Bonafé 10.
Ruscas 1-

Juvenília Lopes Figueira
O que lhe deve - 300.000 - 18.
1 Escritura 27.
1 Procuração 10.2
1 " 18.6
1 Escritura (dito Lopes) 01.2
2 Ruscas - 4.000 - 10.000 14.0
1 Certidão M.ª Curia 33.5
1 Procuração (p.ª 4.ª) 10.200

Pitanguera
Jose Benedito do Santo / Jose Paulo

Martiniano Martins Coelho
Selo (subst. tabuleamento) 2.1
Reconhecimento 2.1
Certidão objeto 0.
Cert. de registro 19.
Alvará 35.
Reconhecimento 2.
Selo p.ª petição 1.

(Anexas) 78.600
Cora de Mariana Misto

Benedito do Santo - 10.

Frediani - 30-3-79

- Celestino Coelho| < pago >
2 dias|
Benedito Bonafé 10 –|
Buscas 1 –|
5 Juventino Lopes Figueira|
O que lhe devo – 300\$000 – 10|
1 Escritura – 27|
1 Procuração – 10.2|
1 " – 18.6|
10 1 Escritura (Rita Lopes) – 61.8|
2 Buscas – 4.000 – 100.000 – 14.0|
1 Certidão Maria [*inint.*] – 33.500|
1 Procuração [*inint.*] – 10.200|
Pitangueira|
15 José Benedicto dos Santos/José Paulo|
Martiniano Martins Coelho|
Téles (subs tabelecimento) 2|
Reconhecimento 5 firmas 2.1
Certidão obito 6|
20 Certidão de registro 19|
Alvará 3.5|
Reconhecimento|
Sêlos para petição 1|
<Angariar> 78|
25 Casa de Manuela Móta|
Benedicto dos Santos|
Frediani – 30-3-49|

Mariano Amélia Oliveira		
Indo (permuta)	31.100	
Procuração em delib.	70.000	
Alvará	38.300	
	<u>139.400</u>	
<hr/>		
Marechal -		
Haver - 100.000.		
" 30.000		
Busca paga no campo	70.000	
Alvará	35.000	
Pêlos p. a petição	9.000	
Reconhecimento	4.200	
Cert. obito	15.200	
João Alves dos Santos - João Neco		
José Benedito - Mandatário - 8-112 -		
<hr/>		
João Vicente de Paula		
Cert. obito	6.800	
Pêlos de uma petição	3.000	
Alvará	42.000	
Pêlos p. a petição	3.000	
Diferença no imposto	70.000	
	<u>124.800</u>	
<hr/>		
Rev. 49 - Benedito Alves		
17 - Minuta conta	lip	
- Benedito	"	
Forma	lip	

	Mariana Amelia Oliveira		
	Tratado (permuta)	31.100	< pago >
	Procuração com diligencia	70.000	
	Alvará	<u>38.300</u>	
5		139.400	
	Marçal –		
	Haver – 100#000		
	" 30#000		
	Busca paga em Campos	70:000	
10	Alvará	35.000	
	Sêlos para petição	9.000	
	Reconhecimento	4.200	
	Certidão obito	15.200	
	João Alves dos Santos – João Nico		
15	José Benedicto – Mandutinho – 8-112-		
	Joaquim Vicente de Paiva		
	Certidão obito	6.800	< pago >
	Sêlo de uma petição	3.000	
	Diferença no [imposto]	<u>70.000</u>	
20		124.800	
	<Fev. 49> Benedicto Aleixo		
	<17> Minha conta [inint.]		
	Benedicto "		
	Soma - [inint.]		
25			

João^m Ribeiro de Magalhães
 Lils p^o traslados - PG 12.00

João Rafael
 Docs estran^o de autos 26.800
 20 -
 1000 -
 1000 -

José de Almeida
 Reg. de um livro PG 21.300

Luiz Pereira de Azevedo
 Resto de agosto 4.700

Laundelineia (comp^a Sebastião General)
 Resto de custo 50.000
 Imp. que pagou 8.000
 58.000

Eliseu P. (Selos)
 Escrituras de Paulo de Faria 5.000
 2.600

João Alberto de Almeida
 1 doc. de custo de livros PG 13.400

Joaquim Ribeiro de Almeida
 Imp. de pago 46.500
 Papéis 11.000
 51.500
 98.600

Joaquim Ribeiro de Almeida |
Sêlos para traslado – pago [12.000] |
João Rafael |
Documentos estraidos de autos 26.000 |
5 José de Mélo |
Legado de um [livro] 21.300 | <pago>
Luiz Pereira de Abreu |
Resto do registro 4.700 | <pago>
Lamelina (irmã de Sebastião Generoso) |
10 Resto de custas – 50#000 |
Imposto que paguei 8#000 |
58#000 |
Eliseu (selos) |
<trecho tachado> |
15 José Maria Pires 2.600
João Alves Ferreira |
1.000 fornecido do [Cabral] 13#100 | <pago>
Joaquim Ribeiro de Almeida |
Importância paga 46.500 |
20 Papeleta 1.000 |
Certidão 51.100 |
98.600 | <pago>

avis. Maniã Bonifácio Atanazio
- Registro e autas G/540,00
- Prefeitura municipal av. 21-11-

avis. José filho do Castro -
- Reto das autas do Prado
- Lp 450,00 -
- Lagoa da Fátima Terra de São Paulo -

avis. Ao Antonio Fernandes
- Cert. de óbito de
- José Antonio Lourenço.

avis. Ao Antônimo av. 21-11-48 -
- Escritura de Joaquim Penel

avis. Sr. José Geraldo sobre
- inv. Antonio Alves de Moraes.
- Benedicto Alves do Santo (Benedict)

avis. Sr. João Geraldo da Fátima
- inv. Benedicto Amaro e Benedicto
- inf. Roque Jacinto de Almeida

avis. Sobre a casa - Paulino Romão
- Em que ponto inv. José Pedro Romão

avis. Sr. Benedicto Jacinto Almeida Primo
- Nov. 23 - farto de N. Jacinto
- Cit. 16-5-49

avis. Benedicto João da Silva
- Inscrição com João Carlos de Castro

- Avisar Mariano Bonifacio Atanazio|
- Registro e outras Cr\$ 540,00|
- Executivo municipal lavrado 21-11- |
Avisar – José filho do Castro – |
5 - Resto das custas do Prado|
Cr\$ 450,00|
Pago pela filha Tereza de Souza Castro – |
Avisar – Ao Antonio [Fernandes] |
Certidão de obito de |
10 José Antonio Lourenço|
Avisar ao Antoninho avisado 24-11-48 |
Escritura de Joaquim Leonel |
Avisar Dr. José Geraldo sobre |
- [um] Antonio Alves de Moraes |
15 - Benedicto Alves dos Santos (*Benedicto* Candido) |
Avisar Dr. Helio Fajardo da Silveira |
- imóvel – Benedicto Amaro e Benedicto [Bueno] |
- informar a Roque Jacinto de Almeida |
Avisar “Sobre a casa – Paulino [Domiciano] |
20 Em que ponto imóvel José Pedro Domiciano |
Avisar Intimação Benedicto Jacinto Almeida Primo |
Novembro 23 – perto de [Nene] Jacinto |
- citado 16-5-49 |
Novembro 24 – Benedicto Salustiano Alvarenga Intimado |
25 Procuração com João Candido [Cabral] |

Inf. Salve 25-11-1948 »

4 horas, alvorada pela corporação municipal
"Felix Guizot", cujo instrumental foi oferecido
do pelo Dr. Felix Guizot a Congregação Maria
na de Natividade da Serra. Sob a regência
de João Batista de Souza, este como José Luiz
de Andrade, vulgo Tintinho e Benedito
de Souza Pinto, o conhecido Pinto, oficial
de Justiça todos de São Luiz, do Jacutinga
tinham ainda a corporação, tocando os in-
strumentos respectivos sendo eles: —

Sebastião Amador	Bombardino	1
João Pedro Pinto	Clarineta	2
Acácio Jilfahy	Mi Basso	3
Geraldo Ant. Lfr.	Baixo	4
Geraldo Alv. Costa	Tanbo	5
João Rosa	Prato	6
João Rosa	Baixo	7
Francisco	Bombo	8
Pedro	Caixa Surda	9
Sebastião Gomes	(Basso) Trombone Contr.	10

Enquanto a banda executando os seus
escolhidos "Bóridos", se ouvia o repicar
dos sinos da igreja de Natividade e
estourar de uma salva de bom fei-
nãos de 21 tiros mais de 25 tiros
representando os 25 anos de sa-
cerdote de Padre Efigênio Gomes da
Congregação Aparecida. Estourar de
25 tiros demonstrava que a festa

Informação Salve 25-11-1948” ||

<espaço> ||

4 horas, alvorada pela corpora[ção] musical |

“Felix Guizar”, cujo instrumental foi ofereci- |

5 do pelo Dr. Felix Guizar a Congregação Maria- |

na da Natividade da Serra- Sob a regencia |

de João Batista de Souza, este como José Luiz |

de Andrade, vulgo Pintinho e Benedicto |

de Souza Pinto, o conhecido Pinto, oficial |

10 de Justiça todos de São Luiz do Paraitinga |

tinha ainda a corporação tocando os ins- |

trumentos respectivos sendo eles: - |

Sebastião Amaral - Bombardeiro 1 |

José Pedro Pinhu – Clarinete 2 |

15 Cecilio Gil [Canto] – Mí Bemol 3 |

Geraldo Antonio Lopes – Baixo 4 |

Geraldo Alvaro Caixa – Taróla 5 |

[Luiza] Rósa " - Prato 6³⁴ |

[Samuel] " – Baixo 7 |

20 Francisco " – Bombo 8 |

Pedro " – Caixa surdo 9 |

Sebastião [Fontes] (Borges) Trombone [Canto] 10 ||

- ||

- ||

25 Enquanto a banda executando os seus |

escolhidos “dobrados”, se ouvia o repicar |

dos sinos das igrejas de Natividade e o |

estourar de uma salva de bombas |

não de 21 tiros mas de 25 tiros |

30 representando os 25 anos de sa- |

cerdote de Padre Higino Corrêa da |

Conceição Aparecida – 6 estouros dos |

25 tiros demonstrava que as festas |

³⁴ Nesta linha e na seguinte, pode-se notar que os nomes dos participantes foram ocultados por uma espécie de etiqueta que se encontrava colada ao fólio.

além de serem feitas pelas que já
passaram deste mundo confortadas
por Padre Fleigino, ainda os seus
parochianos, amigos e parentes, feste-
jam tão grande data em Natividade
Opovo convergindo para Matriz ia
assistir a missa e a grande Comu-
nhão Geral - A 1ª missa foi celebrada
pelo Revdm P.^o José Maria Guimaraes
alvar, diretor da Escola Cantorum
de São Luiz de Paraitinga, onde ele
é Coadjutor, cuja escola veio para
funções na Missa solene celebra-
da pelo homenageado - ajudou
essa Missa - Benedicto de Albuquerque
- Com a preparação precisa e com
a presença da família do homena-
geado, inclusive sua mãe o Revdm
Padre José Luiz Correa, Vigário de Edu-
cação da Terra, celebrou no altar onde
existe em conjunto, as imagens
de São Joaquim, Sant'Ana e Nossa Senhora,
a sua missa, na qual teve lugar a
em um só tempo foram celebradas 5
missas como lembrança que os Santos
Mestres da igreja são cinco - Essas
missas foram celebradas pelo Revdm P.^o
monsenhor J. J. G. 2ª - altar de N. S. da Graça
Branquinho Eldj. 1ª - " Santa Teresinha
Padre Farciz da Mota - " N. S. do Rosário
Antônio Lucini - " N. S. do Ser.
= O confitório foi cantado por toda a selem-
brando a 5ª - " Santa - Fera Vin ceno exp

alem de serem feitas pelos que ja |
passaram deste mundo confortados |
por Padre Higino, ainda os seus |
parochianos, amigos e parentes feste |
5 jam tão grande data em Natividade |
O povo convergindo para Matriz ia |
assistir a missa e a grande Comu- |
nhão Geral – A 1.^a missa foi celebrada |
pelo *Reverendíssimo Padre* José Maria Guimarães |
10 Alves, diretor da Escola Cantorum |
de São Luiz do Paraitinga, onde ele |
é Coadjutor, cuja escola veio para |
funcionar na Missa Solene celebra- |
da pelo homenageado – ajudou |
15 essa Missa – Benedicto de Souza Pinto |
- Com a preparação precisa e com |
a presença da família do homena- |
geado, inclusive sua mãe o *Reverendíssimo* |
Padre José Luiz Correa, Vigario de Reden- |
20 ção da Serra, celebrou no altar mór |
onde existe em conjunto as imagens |
de São Joaquim, Sant’Anna e Nossa Senhora |
a sua missa, na qual teve lugar |
Em um só tempo foram celebradas 5 |
25 missas como lembrança que os Sanctos |
Madamentos da igreja são cinco – Essas |
missas foram celebradas pelo *Reverendíssimo Padre* |
Monsenhor Ignacio Gioia 2.º Altar de *Nossa Senhora* das Graças |
Francisco Eloy 1.º - " Santa Terezinha |
30 Padre Tarcizio de Moura - " *Nossa Senhora* dos Rosario |
Antonio Curcino - " *Nossa Senhora* dos Deus |
= O confitior³⁵ foi cantado por todos relem |
brando a 5.^a feira Santa - " Feira V in cena [*inint.*] ||

³⁵ Parece-nos que a intenção do autor foi a de referir-se ao *confiteor*, “fórmula de confissão geral e pública, sem caráter sacramental, que se recita no início da missa, repete-se antes da distribuição da comunhão e em outras funções litúrgicas” (Houaiss, 2009, p. 520).

P. Niterói 7^a Missa altar S. Terejinha
ele filho do candelário D. João de Aguiar

8^a Missa
Padre José Luiz Ribeiro

9^a e solene Missa -

Belíssimo cortejo se estendia da casa
Parochial até a porta da Matriz, onde
se achava o lindo altar para a cele-
bração da missa. Nesse altar se via
a imagem de N. S. Aparecida que pre-
sidia as festas os homenageados
compunha o cortejo da grande mul-
tidão tendo em linha as imman-
dades, a cruzada eucarística e a con-
gregação Mariana - Ao centro seguia
leitor anjinho carregando as ricas
peças do paramento oferecido a
Padre Flégio sendo eles os seguintes:
Calix - ao centro entre dois anjinhos
Terejinha ^{67 anos} - de Paulino ~~Alves~~ dos Santos
Mamonhigo - ao lado direito do Calix -
Maria Lidinha - f. de José Pedro Pinhal -
Patena - ao

Em 22-5-949. As crianças do Catecismo
de São Pedro, após o ensino do catecismo,
cantaram a Salve Rainha do Padre
Flégio acompanhado de 1 Ave Maria
por tensão dos P. Flégio e Othorunga,
que se acham na Santa casa de
Taubaté - Em 13-5-49, também em
casa de Pedro Gaspar, recitaram o memo

- Padre Nestor Azevedo 7.^a Missa Altar Santa Terezinha |
ele filho do saudoso Dr. João de Azevedo ||
8.^a missa ||
Padre José Luiz Ribeiro ||
5 - 9.^a e solene Missa – ||
Belissimo cortejo se estendia da casa |
Parochial até a porta da Matriz onde |
se achava o lindo altar para a cele- |
bração da missa = Nesse Altar se via |
10 a imagem de *Nossa Senhora* Aparecida que pre- |
sidia as festas ao homenageado |
Compunha o cortejo da grande mul- |
tidão tendo em linhas as irman- |
dades, a cruzada eucarística e a Con- |
15 gregação Mariana – Ao centro segura |
ricos anjinhos carregando as ricas |
peças do paramento oferecido a |
Padre Higino sendo eles os seguintes |
Calix --- ao centro entre dois anjinhos |
20 Terezinha <↑6 anos> filha de Paulino Alves dos Santos |
Manustergio³⁶ – ao lado direito do Calix – |
Maria-Cidinha filha de José Pedro Pinhal – |
Patena – ao <espaço>³⁷ |
Em 22-5-949 As crianças do Catecismo |
25 de São Pedro, após o ensino do catecismo, |
cantaram a Salve Rainha do Padre |
Higino acompanhada de 1 [Aver] Maria |
por tenção dos *Padres* Higino e Alvarenga, |
que se acham na Santa casa de |
30 Taubaté – Em 13-5-49, também em |
casa de Pedro Frágoso, recitaram o mesmo ||

³⁶ *Manustérgio* ou *manutérrio* consiste numa pequena toalha com que o sacerdote, na missa, enxuga as mãos (cf. Houaiss, 2009, p. 1238).

³⁷ Não era incomum que Benedicto deixasse espaços em branco após determinados trechos, para inserção posterior de referências. Neste caso, cremos que foi o que se deu. Há outros trechos semelhantes ao longo dos fólhos por nós selecionados. As palavras grafadas em tamanho muito menor do que o restante do texto, ou ininteligíveis, podem ser explicadas por esse fato, já que podem ter sido inseridas em espaços em branco menores do que o necessário.

Nota - Em todo ato inclusive a Comemoração
- Geral se achava presente a família
- do Padre Fliegens sendo os seguintes
- membros e em lugar saliente -

Nota - Foi digno auxiliador o santuário
- de Redenção da Serra

Nota - Na hora da elevação foi entoadado o
- Hino Nacional e na hora que o
- Ordmº pregava para a multidão,
- sobre os anjos apropriando ao tempo
- Não sobre a praça um avião

Nota - Sentados em um banco na sala
- da casa do Sr. Benedito juntamente de
- Almeida, onde acham o instrumental
- Plinto descrevia sobre a festa

Família do Padre Fliegens

Mãe - Maria Antônia da Conceição

Irmãos - Francisco - Boreia da Conceição

" Gerardo " "

" P. José Luiz Boreia

" Olívia " Conceição

Irmãs - Benedita Jone Vieira

" Eugénia R. F.

" Teresinha "

" Benedita

Amadas - Laura Balasce Vieira

" Maria Gomes "

Benedita - Lucia J. de B. Vieira - 2ª Luiza

Benedita 2

Emília

Benedita

Elizabet

Antônio R. do Chico

Melhor
artista

- Nota – Em todos atos inclusive a Comunhão |
-geral se achava presente a família |
- do Padre Higino sendo os seguintes |
- membros e em lugar saliente – ||
- 5 Nota – Foi digno auxiliar o sacristão |
- de Redenção da Serra ||
Nota – Na hora da elevação foi entoado o |
- Hino Nacional e na hora que o |
- *Reverendíssimo* Pregava para a multidão, |
- 10 - sobre o vangelho apropriado ao [domingo] |
- Voa sobre a praça um avião |
Nota – Sentado em um banco na sala |
- da casa do Sr. Benedicto Jacinto de |
- Almeida, onde achava o instrumental |
- 15 - *Benedicto Souza* Pinto descrevia sobre a festa ||
Família do Padre Higino ||
Mãe – Maria Antonia do Carmo ||
Irmão – Francisco Corrêa da Conceição ||
" Geraldo " " ||
- 20 " *Padre* José Luiz Corrêa " ||
" Olivia - " Conceição ||
[Cunhados] Benedicto Gomes Vieira ||
" Eugenia [*filha de Francisco*] ||
" Terezinha " ||
- 25 " Ernesto ||
Cunhada – Laura [Mabasse] Vieira ||
" Nair Gomes ||
Bisneto – Lucia – *filha de Benedicto Gomes* Vieira – 2.º Sargento||
Cunhados – Benedicto 2 ||
- 30 Emilia ||
Benedicta ||
Elizabet ||
Antonio *filho* do Chico ||³⁸

³⁸ Na lateral inferior direita:

<Nelsom Sant'Anna> ||

<Cunhado> ||

av. Antônias Carvalho - D. Helio - av.
- sobre inv. de José Pedro de Carvalho
Antônio -

A missa foi celebrada pelo Pároco
Padre Hilgins Borja da Conceição de
Lisboa pelo Padre

e assistida pelos demais sacerdotes,
autoridades civis e presente o Sr.
D. José Luiz de Almeida Soam - P. Távila

e
No Evangelho falou o Pároco P. Távila
Todos os actos foram fotogra-
fados por "Luiz Magalhães de
Freitas" f. do Sr. Sebastião Magalhães
de Freitas desta localidade -

Lembrança da festa -
constava de um folheto duplo -
tendo na frente o retrato do ho-
menageado e os seguintes dizeres:
e ao lado um emblema de uma
cruz toda com uma orla -
- Convite - Programa - Lembrança etc.

= Concentração das crianças =
Cantando, tendo como guia uma
bandeira Mariana, em zig-zag,
percorriam as ruas do jardim
e portavam-se em frente a
casa parochial onde se achava
o homenageado, os padres e a

avisar Antonio Carvalho – Dr. Hélio |
- Sobre isso, de José Pedro de Carvalho |
Antoninho ||
A missa foi celebrada pelo *Reverendíssimo* |
5 Padre Higinio Corrêa da Conceição aco- |
litado pelos Padres <espaço> |
e assistida pelos demais sacerdotes, |
autoridades civis e presente os Srs. |
D. José Luiz de Almeida Soares – *Padre* Taubaté |
10 e³⁹ <espaço> ||
Ao Evangelho falou o *Reverendíssimo Padre* Tacizio ||
Todos os actos foram fotogra- |
fados por “Luiz Marcondes de |
Freitas, *filho* do Sr. Sebastião Marcondes |
15 de Freitas desta localidade – ||
Lembrança da festa = ||
Constava de um folheto duplo |
tendo na frente o retrato do ho- |
menageado e os seguintes dizeres: |
20 e ao lado um emblema de uma |
custódia⁴⁰ com uma ostia – |
- Convite – Programa – Lembrança etc. |
= Concentração das crianças = |
Cantando, tendo como guia uma |
25 bandeira Mariana, em zig-zag, |
percorriam as ruas do Jardim |
e portavam-se em frente a |
casa parochial onde se achava |
o homenageado, os padres e a |
30

³⁹ A frase se encerra aqui, dando a entender que Benedicto reservou o espaço para preenchimento posterior com o nome de outro personagem, que poderia não estar fresco na memória no momento da escrita.

⁴⁰ *Custódia*, na liturgia católica, significa o receptáculo no qual se deposita a hóstia para expô-la à adoração dos fiéis. Outro termo utilizado para designar o mesmo receptáculo: *ostensório* (cf. Houaiss, 2009, p. 590).

família de homenageado - Inês e
dois com cantigas e seus ou belos
discursos dos meninos:

1. João, filho de Antonio Pires
 2. Ana "Magdalena Faria
 3. Daniel f. de Benedicto Firmino Carvalho
 4. Vicente Camuto f. Antonio de Souza
- «Ranmilhete Espiritual»

Depois de bela oração proferida pe-
la senhorita Clara de Oliveira Santos,
fez por esta oferecida as homenagens
de um ranmilhete espiritual e lindo
bênção de «Lirio» 25 - Palmar

Falou por ultimo Benedicto de Tau-
ga Pinto, amigo do homenageado

- Representando a família de Juca
- Tendo sentas das Estias, presente
e sua mulher Mha Fabiana e
os setaneginhos que se achavam
presentes e cujos nomes a pri-
meira letra de seu nome for-
ma o de Higinio, cantou as mi-
crofonia seguinte versos -

I

Juca Têles, respeitoso
Com a quem não quer brincar
Mas lembrando de Bairro Alto
O Padre Higinio vai saudar

Os seis meninos, pobrezinhos
queriam ver o Padre Higinio
de calça e camisa, chefe de juca

familia do homenageado – Intercala- |
dos com canticos se ouviu os belos |
discursos dos meninos: ||
1- João, filho de Antonio Però |
5 2- Ana " Magdalena Faria |
3- Daniel *filho* de Benedicto Firmino Carvalho |
4- Vicente Canuto *filho* Antonio de Souza ||
“Ramilhete Espiritual” ||
Depois de bela oração proferida pe- |
10 la senhorita Clara de Oliveira Santos, |
foi por esta oferecida ao homenagea- |
do um ramilhete espiritual e lindo |
bouque de “Lirios”. 25-Palmas – ||
Falou por ultimo Benedicto de Sou- |
15 za Pinto, amigo do homenageado |
- Representando a família de Juca |
Teles do sertão das Cotias, presente |
e sua mulher Nha Fabiana e
os sertaneginhos que se achavam |
20 presentes e cujos nomes a pri- |
meira letra de seu nome for- |
ma o de Higino, cantou ao mi- |
crofone os seguintes versos – |
I ||
25 Juca Teles, respeitoso |
Com alguém não quer brincar |
Mas lembrando de Bairro Alto |
O Padre Higino vai saudar ||
Os seis meninos, pobresinhos |
30 queriam ver o Padre Higino |
De calça e camisa, chapéu de [feno] ||

I

Humberto seja o primeiro

- Ao Padre Higinio - saudar
- Pelas suas "Bodas de Prata..."
- Em nosso nome abraçar.

II

Incencio, um passo adiante

- Nada de imaginar
- Ao nosso Padre Higinio
- Um abraço deve dar

III

Gerardo e companheiros

- Padre Higinio vamos saudar
- É neste grandioso dia
- Sua mão vamos beijar

IV

Ismael e seus irmãos

- Que vieram do sertão
- Do nosso Padre Higinio
- Beijemos, toda sua mão

V

Você - que representa

- Aquela que a sua fé
- Abraça o Padre Higinio
- Mais de uma vez

VI

O resto, você também

- Que hoje queria aqui estar
- Beije a mão do Padre Higinio
- E um viva vamos lhe dar

Viva P. Higinio

Agora sou João Tola - Vou abraçar "meu P. Higinio"

com toda a do Sertão - Com toda satisfação -

Pagar o executivo e
 Elias Caetano -
 R\$ 82,50 + 50,00 - 1988

Tirar os executivos de outras oficinas
 para trabalhar aqui por sub-
 sistência - Nóbis

I ||
Humberto seja o primeiro |
- Ao Padre Higino saudar |
- Pelas suas “Bódas de Prata” |
5 - Em nosso nome abraçar ||
II ||
Inocencio, um passo adiante |
- Nada de imaginar |
- No nosso Padre Higino |
10 - Um abraço deve dar ||
III ||
Geraldo e companheiros |
- Padre Higino vamos saudar |
- E neste grandioso dia |
15 - Sua mão vamos beijar ||
IV ||
Ismael e seus irmãos |
- Que vieram do sertão |
- Do nosso Padre Higino |
20 - Beijemos, todos sua mão ||
V ||
Noé – que representa |
- Aquele que a arca fez |
- Abrace o Padre Higino |
25 - Mais de uma vez ||
VI ||
Orestes, você também |
- Que hoje queria aqui estar |
- Beije a mão do Padre Higino |
30 - E um viva vamos lhe dar ||
Viva *Padre* Higino ||
Agora sou Juca Teles – vou abraçar “meu *Padre* Higino” |
Das Cotias lá do Sertão – Com toda satisfação ||⁴¹

⁴¹ Na lateral direita, começando pelo trecho inferior:
<Tirar os executivos de Adão Antunes Lopes – |
para Sebastião Lopes por |
arrolamento – Pinto> ||

<Pagar o executivo de |
Elias Caetano – |
Cr\$ 82.50#50.000 1944> ||

Miguel J. G. J. G.

I

De volta a São Luiz
 Gentio do caminho
 Embaixadas toda de festa
 Com toda satisfação

Art. 1º - 11.000
 N.º 19.000
 N.º 19.000

II

Juca Fela cantava sempre
 Como toda gente diz -
 Fandava todo povo
 E o ex. saugento de São Luiz

III

Pena sei de seu dever
 Fela tem de sua cidade
 Para exemplo em limpeza
 N.º 19.000

IV

Em Quara assisti festa
 De Dom Antonio a Lagoas
 De viagem fui de casa
 Toda e vinda de caminhos

V

Em a grande guaratungueta
 Onde eu sempre tenho estado
 Quatro parochias de festa
 Foram bem representados

VI

Natividade - Padre Fligiro
 Redenção - Padre Le. Luiz
 Lagoas - Padre Le. Luiz
 P.ª Prickana - por São Luiz

VII

Representando eu - O povo da festa
 Me achava em função

[*inint.* lateral superior direita] ||
Nota – I ||
De volta a São Luiz |
Dentro do caminhão |
5 Lembramos todos da festa |
Com toda satisfação ||
II ||
Juca Téles cantava sempre |
Como toda gente diz – |
10 Saudava toda gente |
E o ex-sargento de São Luiz ||
III ||
Pensa ser de seu dever |
Falar bem de sua cidade |
15 Para exemplo em limpeza |
Mostra a boa Natividade ||
IV ||
Em Guará assisti festa |
De Dom Antônio a Sagração |
20 As viagens foi de carona |
Ida e vinda de caminhão ||
V ||
Em a grande Guaratinguetá |
Onde eu sempre tenho estado |
25 Quatro parochias de perto |
Foram bem representado |
VI ||
Natividade – Padre Higinio |
Redenção – Padre Zé Luiz |
30 Lagoinha – Padre Chico |
Padre José Maria – por São Luiz |
VII ||
Representando em – o Povo lá Sertão |
Me achava em [Guaratinguetá] ||
35

Notas - Sacristão de Redenção nas folhas
- " Benedicto dos Santos - vulgo Vado -
- " De Natividade

- Registras de escrituras -
Benedicto de Castro Rodrigues - Toledo - P.Hto.
Lº 74. Pag. 65. nº 417. 3 B. ou 318

- Moeniores -

José Luiz - mãe com Zica Innocencio
Gerald - " " o pae

Benedicto 14a - " " Alcino J. Toledo

Maria Rosa - 18 - " " Benedicto Lucio
Pae -

Candida 7. - mãe com a Mãe

Tereza 10 - " " J. Paiva - Lundes

M. Aff. 14 - " " Zica Innocencio

M. Lundes 14 - " B. perto do Lica

Mãe

Interrogatório - 14-12-13 horas

Luiz José da Silva Rego -

Antônio Afonso Mercia -

Artur da Silva Rego -

Gregorio Narciso Naziazeno - (3 anos)

Executivo - B. Pararioca - 46/48

33,00 - Cps 40, Pto 50 - Tertuliano -

a mulher de Adelf disse que trouxeram as

25 vacas que foram apresentadas

Audiência de Instrução 8-12-48

- Notas – Sacristão da Redenção nas festas ||
- " Benedicto dos Santos – vulgo Vado |
- " De Natividade ||
- Registros de escrituras= ||
- 5 Benedicto de Castro Rodrigues – Falecido *Pouso Alto* |
Livro 7A – pagina 65 numero 417 – 3B ou 318 ||
Menões ||
José Luiz – mora com Zéca Inocencio |
Geraldo - " " o páe |
- 10 Benedicto – 14A - " Aluno T. Toledo |
Maria Rósa – 18 - " " Benedicto Lucio |
Pae – |
Candida 7 – móra com a Mãe |
Tereza 10 - " " G. Paiva – Lurdes |
- 15 *Maria Aparecida* 14 - " Zeca Inocencio |
Maria Lurdes 14 - " B perto do Zéca |
Mãe ||
Interrogatorio 14-12-13 horas ||
Luiz José da Silva Rego – |
- 20 Antonio Alves Moreira – |
Artur da Silva Rego ||
Gregorio Narciso Naziazeno (3 anos) |
Executivo – *Bairro Pararáca* – 46/47 |
33,00 – Cr\$ 40# Pinto 50 – Tertuliano||
- 25 A mulher do Adolfo disse que trouxeram as |
25 vacas que foram aposentadas [*inint.*] ||
Audiencia de Instrução 8-12-48 ||

I
Um sou o velho barto
mas não tenho pena
deste vício e fadiga
pra Maria e pra moço.

ST
Um moço foi comprar sangue. Para
não esquecer repetia. Estava uma briga
ele falava "sangue". Um homem disse:
Fale: desapaite. Ele foi dizendo desã-
parte, quando apareceu um coramento.

Para mãe do rirori a lenharia aparecia
Tem de das meninas do orfanato por-
que os pais não pôde visitar-as
"linharia".

Um homem mostrou um papel em
branco dizendo: A fazenda do meu tio
e a vaca comendo milho.

- Que dele o milho. A vaca com eu
- Que dele a vaca. Foi embora.

Benedicta Aparecida
Irene
Darci

Reg. 14. Intermei no Rancho Grande em sua residência
e perto de Miguel Carlotto a Rita Ramona Bland.

Salvador Toranzo Filho - 24-1-14 h -
audiência de 1ª inst. e julgamento
D. Waldin Paiva de Oliveira Freitas
Praça da Sé. 411. 2ª andar - Fone 2.5728 =

I ||

Eu sou o velho Pinto |

Mas não tenho penas |

Este verso a pedido |

5 Para Maria [Zuleide] Moreira = ||

II ||

Um menino foi comprar sangue – Para |

não esquecer repetia – Estava uma briga |

ele falava “sangue” Um homem disse: |

10 Fale: desaparte – Ele foi dizendo desa- |

parte, quando aparece um casamento ||

Para mãe do [*inint.*] a Senhora [Aparecida] |

Tem dó dos meninos do orfanato por- |

que os paes não pôde visital-os |

15 <“Sinhora”> ||

Um homem mostrou um papél em |

branco dizendo: A fazenda do meu tio |

e a vaca comendo milho- |

- Que dele o milho – A vaca comeu – |

20 - Que dele a vaca – Foi embora ||

Benedicta Apparecida - <espaço> |

Irene – <espaço> |

Darci – <espaço> ||

Dezembro 14 – Intimei no Rancho Grande em sua residencia |

25 - e perto de Miguel Carlota a Rita Ramos Bilard |

Salvador Torino Filho – 24-1-14h – |

audiencia de Instrução e Julgamento |

Dr. Waldir Paiva de Oliveira Freitas |

Praça da Sé – 411 – 2.º andar – Fone 2.5728 ||

30

Escrever ao Antonio de Oliveira
Barbosa a providenciar a respeito
da ação contra Paulo Fernandes e
outros - Cartório do 2º ofício

Antonio Batista da Carvalho
a prosseguir no andamento
de 2º of.

Avisar a pagar as custas
João Candido de Oliveira 2º
Miguel Barbosa do Prado. 2º
José Bento Antunes 13-12-48 1º
Luiz Angelo - 11-12-948. 1º

Ver executivo de Eloy Figueira Leite de Melo.
Deve 1944-46-47-1948 R\$ 66,00.
16,50 - 16,50 - 22,50 -

Diário Oficial - Folha da Manhã 26-2-48.

Dr. Waldir Paiva de Oliveira Freitar - Advogado -
Praça da Sé, 411 - 2º andar - Fone 2.5728
Salvador Torino Filho - S. Paulo -
14-1-48 a 14-

Eliza de Jesus. Chapéu - deformado.
Dr. Juvenino Ledoso Figueiro e
- Maria José de Jesus - 15-14 horas

Audiência de julgamento - 18-12-1948.
Geraldo Pereira Machado - 14-12-48 -
Nicente de Paula Viana - 15-12-48
Rita C. Evans Bilard - 14-12-1948 -

- Escrever ao Antonio de Oliveira |
Barbosa a providenciar a respeito |
da ação contra Paulo Fernandes e |
outros – Cartorio do 2.º ofício ||
- 5 Antonio Batista de Carvalho |
a prosseguir no arrolamento |
de <espaço> 2.º ofício ||
Avisar a pagar as custas |
João Candido de Oliveira || 2.º |
- 10 Miguel Barboza do Prado || 2.º |
José Bento Antunes 13-12-48 1.º |
Luiz Angelo – 11-12-948 || 1.º ||
Ver executivo de Eloy Figueira Leite de Mélo |
Deve 1944-46-47-1948 Cr\$ 66,00 |
- 15 <16,50 – 16,50 – 17,50> ||
Diario Oficial – Folha da Manhã 26-2-48 – ||
Dr. Waldir Paiva de Oliveira Freitas – Adevogado - |
Praça da Sé, 411 – 2.º andar – Fone 2.5728 |
Salvador Torino Filho = São Paulo - - - - |
- 20 <14-1-48 às 14-> ||
Eliza de Jesus <espaço> Chapéu – defloramento |
Filha de Juventino Pedroso Figueiró e <Taguá> |
- Maria José de Jesus – 15-14 horas ||
Audiencia de Julgamento – 18-18-10h |
- 25 Geraldo Pereira Machado – 14-12-48 – |
Vicente de Paula Viana – 15-12-48 |
Rita Estevam Bilard – 14-12-1948 |

acrescento - Mandado - 1948.
 - Eloy Liqueira Leite. Alvarinho
 - Salgado Torino Filho - 14-1-49 às 14 horas -
 - Benedicto Bastiano do Amaral - 13-12-48 At 11-12-48
 - Antonio - - - - -
 - Dia 27-1-49 - horas -
 Res - Benedicto de Campos - Campina
 Test. Vit 1 - Geraldo dos Santos
 - 2 - Joao Barbosa Ramos
 - 3 - Manoel Joaquim Alves
 - - - (Manoel Pinto)
 - 4 - Antonio Alves Melo -
 - - - (Antonio Justino)
 - 5 - Antonio Bento Marques
 - - - (Col. Raposo)
 - 6 - Benedicto Vitor
 - 7 - Jose de Freitas
 15 h. Dia 28 - Interrogatorio -
 Jose Maria Res - Lucio Vieira - Vitima
 B Santo Antonio - Jose Vitorino -
 (Perto de Lino Gomes -)
 Dia 15-14 - horas - Chapim
 Vitima - Eliza de Jesus - Pedagogos - 16 an.
 1º de Juvenino Pedrosa Figueira
 - " Maria Jose de Jesus - Cunha -
 Manoel Felix - Julgamento -
 28-1-14 h.
 At. 16-12 - Sebastiao Guedes Santos
 - Santo Antonio.
 Infeto de Industria - 1º 2º officio //

- Desembro – “Mandado” 1948 |
" – Eloi Siqueira Leite <espaço> Alvarengas |
" – Salvador Torino Filho – 14-1-49 as 14 horas |
" – Benedicto Caetano do Amaral – 13-12-48 *citação* 11-12-48 |
5 " – Antonio " " " ||
- <espaço> Dia 27-1-49 |
Rio – Benedicto de Campos – Campinas |
Testemunhas Vit [inint.] 1. Geraldo dos Santos |
- 2. João Barboza Ramos |
10 - 3. Manoel Joaquim Alves |
- - (Manoél Pinto) |
- 4. Antonio Alves Mélo (|
- - (Antonio Justino) |
- 5. Antonio Bento Marques |
15 (Antonio Raposo) |
- 6. Benedicto Vitor |
- 7. José de Freitas||
15h. Dia 28 – Interrogatorio – |
José Maria Réo – Lucio Vieira – Vitima |
20 Bairro Santo Antonio – José Vitorino – |
(Perto de Lino Gomes) ||
Dia 15 – 14-horas (Chapéu |
Vitima Eliza de Jesus – Declarações – 16 an. [filha de Juventino Pedroso Figueira⁴² |
- " Maria José de Jesus ||
25 Manoél Felix – Julgamento – |
28-1-14h |
Citação 16-12-Sebastião Guêdes Santos |
- Santo Antonio |
Imposto de Industria e Profissões 1.º e 2.º officio// ||
30

⁴² É interessante notar que, no fôlio anterior, Benedicto escreveu “Figueiró” ao invés de “Figueira”. Acreditamos que se trata da mesma pessoa, uma vez que é indicada como pai de Eliza de Jesus nos dois casos.

Correio Paulistano de 10-12-48. (p. 5-614)

Em votação simbólica foi aprovada a emenda 103, de autoria do Sr. Ulisses Guimarães deste teor:

"Suprimam-se todos os artigos e parágrafos anexos do projeto de lei elaborado pela comissão de estatística, fixando o quadro territorial administrativo e judiciário do Estado, somente na parte atinente à criação de comarcas e transferência de municípios, o que será objeto de lei posterior". Votaram favorável os deputados:

1- Alfredo Farhat	3- Oliveira Costa
2- Narciso Pieroni	4- Paulo Leite
5- Pinheiro Junior	6- Antônio de Almeida
7- Carlos Branco	8- Bráulio Mota Neto
9- Décio Luiz Teles	10- Ruy de Azevedo
11- Epaminondas Lobo	12- Carlos Carvalho
13- Eli de Souza	14- Henrique Pabst
15- P. Carvalho	16- João Filho
17- Bráulio Caldeira	18- Mota Picado
19- Ruy de Azevedo	20- Hilário Filho
21- Lima de Mattos	22- José de Azevedo
23- Luiz Augusto Mattos	24- Américo de Azevedo
25- Antônio de Azevedo	26

Art. 21- Entreguei ao Com. em 11h
feita do Dr. José Alfredo, Lemos e out.
ar. a. a. a. e comp. no da
Resolução de Azevedo
Fidelis de Freitas
Entreguei com mandato de segredo
a seu pai no estado

Correio Paulistano de 10-12-48 (Pagina 5-61.4) ||
Em votação simbolica foi aprovada |
a emenda 103, de autoria do *Senador* Ulizes Gui- |
marães deste teor: ||

- 5 “Suprimam-se todos os artigos e respectivos |
anexos do projeto de lei elaborado pela co- |
missão de estatística, fixando o quadro ter- |
ritorial, administrativo e judiciário do Estado, |
somente na parte atinente á criação de co- |
10 marcas e transferencia de municípios, o que |
será objeto de lei posterior” – Votaram favo- |
ravel os deputados: |
1- Alfredo Farhat – 3- Oliveira Costa |
2- Narciso Pieront – 4- Paula Leite |
15 5- Pinheiro Junior – 6- Antonio Vieira Sobrinho |
7- Castelo Branco – 8- Brasílio Machado Neto |
9- Decio Pereira Teles – 10- Diogenes Ribeiro Lima |
11- Epaminondas Lobo – 12- Castro Carvalho |
13- Eli Lopes Ferraz – 14- Henrique Rahet |
20 15- P. Carvalho – 16- Sales Filho - |
17- Bravo Caldeira – 18- Mota Bicudo – |
21- Lino de Matos – 22- Leonidas Camarinha |
23- Luiz Augusto Matos – 24- Conceição Santos Maia |
25- Martinho di Piero – 26 <espaço> ||
25 Outubro 21 – Entreguei ao [Cartório] as 11h |
junto do Dr. José Geraldo, Lauro e [outros] |
as avaliações e compromisso de |
Deolinda Pedroso da Silva e |
Lindolfo de Freitas [Gil] – |
30 Estou com mandado de [sequestro] x |
- Seu Paulino na cidade |

Informações 1º Ofício
 Carlos Stenling e J. Lerman - 1942 - Mandado
 " " " 1944 - "
 Exp 412,60 + 577,60.

Carlos Stenling 1943. G/ 1.803,00
 " " 1944. " 2.805,00
 Lem contorrio

D. 22 - Encerra a Sebastião Loper - a/c. Ant. Fernando Cat
 - sobre exp. de 1947. de Cont. do ofício
 - Adão Antônio Loper - inv. 1º ofício

D. 22 - Encerra a José Monteiro - a/c. Ant. Fernando Cat
 - sobre exp. Benedicto Faria de Viga 1º of.
 1946/1947. B. Rio de Prata.

D. 22 - Encerra a Antonio Fernando de Castro
 - sobre executiva de 1942-1944 - Mupel 1935
 - de Francisco Faria de Andrade - Hambro

D. 22 - Paquetos os exp. de 1943 e 1944 de
 - 1º - Florentino Alves dos Santos - Bletins
 - 2º - Retenir do Banco Exp 211,00 - Chegou
 - 3º - Paquetos os Maço Exp 103,00 - J. do Chapéu

Rua Pudente de Moraes - 86.
 Guaratinguetá
 B. Paulo de Castro Viana
 - Exp presa n.º 1.136 -
 - Citacao sobre a sentença do embarg
 de terceiro de João Carlos Loper

Informações 1.º ofício ||

Carlos Stemberg e G. Serman – 1942 – Mandado |

" " " 1944 " |

Cr\$ 412,60 + 577,60 ||

5 Carlos M. Stemberg 1943 - Cr\$ 1.803,00 |

" " 1944 " 2.805,00 |

Em cartório ||

Dia 22-Escrevi a Sebastião Lopes – a/c Antonio Fernandes Castro |

- Sobre *executivo* de 1947 – de Cartório do ofício |

10 - Adão Antunes Lopes – *inventario* 1.º ofício ||

Dia 22-Escrevi a José Monteiro – a/c Antonio Fernandes Castro |

- Sobre *executivo* Benedicto Garcia da Veiga 1.º ofício |

1946/1947 *Bairro* Rio da Prata- ||

Dia 22-Escrevi a Antonio Fernandes de Castro |

15 - Sobre executivos de 1942-1944 – [*inint.*] | 1939

- de Francisco Ferreira de Andrade – Itanbé ||

Dia 22-Paguei os *executivos* de 1943 e 1944 de |

- Florentino Alves dos Santos – *Bom Retiro* - |

- Retirei do Banco Cr\$ 211,00 – Cheque |

20 - Paguei ao [Marco] Cr\$ 103,00 – feito do [*inint.*] ||

Rua Prudente de Moraes - 86 – |

Guaratinguetá |

Dr. Paulo de Castro Viana |

- Expressa *numero* 1.136 – |

25 - Citação sobre a sentença do embargo |

de terceiros de João Cirilo Lopes – |

Sagração de D. Antonio de Almeida
Mendes, D. Vigário de Guaratinguetá, como
Bispo de Monte Belo - Minas.

Guaratinguetá - 12-12-1948.

Com a concorrência admirável de fides das
paróquias, teve lugar a cerimonia supra.

Regreja repleta e galhardamente ornamentada.

A repique dos sinos, estouro das foguetes e
salva de palmas, entra D. Antonio Mendes

na Metz enquanto no coro é executado o
pelo seminarista de "Luz de Lorena".

O ~~Ecce~~ Ecce Sacerdos noster.

Estiveram presentes os Rm. Padres:

José Luiz Corrêa, Heigino Corrêa da Conceição

Apparecida e Francisco Eloy, respectiva-

mente vigários de: Pedernópolis da Serra,

Natividade da Serra e Lagoinha.

Maestros do coro: Emílio Petró. - Enquan-

to é insensado o altar o coro canta o hi-

no proprio - São firmadores e fotografados

Missa N. S. de Guadalupe. - No harmonio

P.

No coro é firmado, os Bispos, Mons. e as cere-

monias do altar. Ao redor do harmonio

de pé, sobre banos e cadeiras como nas

soleiras das famílias, os seminaristas,

senhoras e senhores. Gradis sempre.

É cantado repetido a Ladainha de Todos

o Santo e o magnífico deito dos fins do altar.

Tomaram parte diversas Congregações

nas de São João e uma de Adoração, sendo

que de volta cantaram em harmonia e

e vários cantos. Como sob o altar

- Sagração de D. Antonio de Almeida |
Moraes, O D. Vigario de Guaratinguetá, como |
Bispo de Monte Claro – Minas – ||
Guaratinguetá – 12-12-1948 ||
- 5 Com a concorrência admirável de fiéis das |
paróquias, teve lugar a cerimônia supra – |
A igreja repleta e galhardamente ornamentada |
A repiques dos sinos, estouro dos foguetes e |
salva de palmas, entra D. Antonio Moraes |
- 10 na Matriz enquanto no coro é executado |
pelo seminarista de “São Joaquim de Lorena” |
o ~~Eccc~~ Ecce Sacerdos magnus.^{43 44} ||
Estiveram presentes os Reverendíssimos Padres |
José Luiz Corrêa, Higino Correa da Concei- |
- 15 ção Aparecida e Francisco Eloy, respectiva- |
mente vigários de: Redenção da Serra, |
Natividade da Serra e Lagoinha – |
Maestro do coro: Emilio Petro – Enquan- |
to é insensado o altar o coro canta o hi- |
- 20 no próprio – São firmados e fotografados |
Missa Nossa Senhora de Guadalupe – No harmonio |
[inint.] <espaço> ||
Do coro é firmado, os Bispos, Nuncio e as cere- |
monias do altar. Ao redor do harmonio |
- 25 de pé, sobre bancos e cadeiras como nas |
soleiras das janelas, os seminaristas |
senhoras e senhores – O radio sempre – |
É cantado repetido a Ladainha de Todos |
[os] Santos o consagrado deita aos pés do altar – ||
- 30 Tomaram parte diversas [Congregações] Maria- |
nas de Taubaté e uma de Redenção, sendo |
que de volta recitavam em comum esses |
e varios canticos. O carro subio até a Basilica ||

⁴³ *Ecce Sacerdos Magnus* (eis o sacerdote maior, em latim) é uma parte da Liturgia das Horas católica, utilizada para a entrada solene de um bispo, cuja musicalização foi levada a efeito por vários compositores, dentre eles Anton Bruckner e Edward Elgar.

⁴⁴ Aqui e na linha 29, parece haver a indicação de quebra de parágrafo em razão da inclusão, por Benedicto, de um ponto marcado com força no papel. O sentido do texto também parece indicar que o ponto faz esse papel, de divisor do parágrafo.

Catastrofe - Alfredo Ailard -

Junculado - Preto Barbara "Vinculado"

Heino durante a Missa
« Jesus menino » Sou
valente soldadinho - Preparação pa-
ra a Comunhão pela catequista

- Meu Deus Menino -
No harmonio de José Maria Juina-
vões Alves, Coadjuutor da paróquia.

- Vinde a Belém a ver o Messias -

- Eu só não fero a Jesus Menino -

- Noite Feliz - Glória a Jesus -

- Feliz o nome que consoa a
terra - Preparação da Comunhão

Salve eterno Patrono - S. Luiz

João Basílio Bordeff. Tambate -

O Luto café

Em cumprimento a uma promessa o
café foi oferecido na casa n.º 9 da rua
Barão do Paraitinga. A família Pinto
ofereceu um cafésinho a catequista Ma-
ria Justina Guedes e aos da família -
de Luiz Nunes composta dele, Alba Maria e
Alba Ditinha. O meu conungante Bene-
dicto Tezga Pinto entre seus pais e junto
de sua catequista saboreava o cafési-
nho estando junto seu tio Luiz -

Triste recordação -

Em todos os atos não saia da
ideia os entes queridos falecidos
no mês de Maio Agostinho e Ana Maria

- Catastrofe – Alfredo Bilard ||
Vinculado – Preto Barbosa “Vinculado” ||
Hinos durante a missa ||
<espaço> “Jesus menino” Sou – |
5 valente soldadinho – Preparação pa- |
ra a Comunhão pela catechista |
<espaço> Meu Deus menino – |
No harmonio *Padre* José Maria Guima- |
rães Alves, Coadjutor da parochia – |
10 - Vinde a Belem a ver o Messias – |
- Eu só ~~nao~~ fasso a Jesuz Menino – |
- Noite Feliz – Gloria a Jesuz – |
- Feliz o nome que concede a |
terra – Reparação da [Comunhão] |
15 Salve eterno Patrono – *São* Luiz – |
João Casimiro Coroleff. Taubaté – ||
O lauto café ||
Em cumprimento a uma promessa o |
café foi oferecido na casa *número* 9 da rua |
20 Barão do Paraitinga. A família Pinto |
ofereceu um cafésinho a catechista Ma- |
ria Justina Guedes e aos da família – |
de Leliz Nunes composta dele, Nha Maria |
e Nha Ditinha – O neucomungante⁴⁵ Bene- |
25 dicto Tereza Pinto entre seus pais e perto |
de sua catechista saboreava o cafési- |
nho estando junto seu tio Luiz – ||
Triste recordação – ||
Em todos os atos não saia da |
30 ideia os entes queridos falecidos |
no bélo mez de Maio – Agostinho e Ana Maria ||

⁴⁵ Aqui a intenção de Benedicto parece ter sido escrever “neocomungante”, no sentido de pessoa que acabou de receber a comunhão. Neste trecho há uma raríssima indicação de aspectos da vida pessoal do escriba, mas mesmo assim ela é toda redigida em terceira pessoa.

Salve 26-1-1948

Partindo da casa n.º 21 da rua do
Rosario, onde mora a distinta fa-
mília "Alves", os meninos e do ca-
técismo ao encontro das meninas
que subiam a rua do Rosario e
vindas da Rua b.ª M.ª Bento n.
onde reside a catequista "Ester
Pereira Ivo. Encontro se deu no
cume da rua Boneco Costa. Bem
nosso ex-vigário e em frente ao
Grupo Escolar "b.ª Domingues de
Castro". Em direcção a matriz até
a frente do altar, mor onde cele-
brei a missa Monsenhor Igna-
cio Gízia, Vigário da paróquia
desde 14-7-1914, assistido por

este

Os meninos estavam com a
frente virada para o lindo
presépio feito na porta que
dá entrada para a capela
do S. Sacramento. Os meninos
e meninas cantavam o fado
"Levando a bracia" "Levando
vos soldados de Cristo". A comu-
hão era dada na rica mesa de
comunhão recentemente inaugura-
da na matriz e obra prima de

Salve 26-1-1948 ||
Partindo da casa *numero* 21 da rua do |
Rosario, onde móra a distinta fa- |
milia “Alves”, os meninos do ca- |
5 tecismo ao encontro das meninas |
que subiam a Rua do Rosario e |
vindas da Rua Cel. *Manoel Bento* [*inint.*]⁴⁶ |
onde reside a catechista “Ester |
Pereira Ivo – O encontro se deu no |
10 começo da rua Conego Costa Bueno |
nosso ex-vigario e em frente ao |
Grupo Escolar “Cel. Domingues de |
Castro”. Em direção a Matriz ate |
a frente do altar mor onde cele- |
15 brou a missa Monsenhor Igna- |
cio Gioia, Vigario da parochia |
desde 14-7-1914, acolitado por |
<espaço>
esta <espaço> ||
20 Os meninos estavam com a |
frente virada para o lindo |
presepe feito na porta que |
dá entrada para a capela |
do [Santíssimo] Sacramento – Os meninos |
25 e meninas entoavam o hino |
“Louvando a Maria” Levantai |
vos soldados de Cristo” – A Comu- |
nhão era dada na rica mesa de |
comunhão recentemente inaugura- |
30 da na Matriz e obra prima de |
<espaço>⁴⁷ ||

⁴⁶ Este sinal normalmente é o grafema representativo de *ss*, *rr* ou *n* na caligrafia de Benedicto, mas aqui está solto e sem propósito aparente. Talvez Benedicto tenha querido inserir uma palavra em espaço previamente reservado e não completou o raciocínio.

⁴⁷ O texto finaliza antes deste espaço, sem conclusão no verso. É mais um caso de espaço reservado para inserção de dados de que Benedicto não dispunha no momento da escrita.

- 1948 -

aspecto da cidade em 26-12

Amanheceu 31 de Março se adivinha com
a água cuja derde o bar e café
"Tolêda" até o bar e Padaria Corta,
passando pela frente do "Café Pilão de
Cura", cuja cara derde o passeio
estado a ilha "Interditada pela Centra de
Saúde local a fim de evitar os filhos sobrados
de estilo colonial, construídos em 1860
em cuja porta de frente tem uma
bandeira de ferro de gôto e as iniciais
L. L. F. e a data 1860, de propriedade
de Benedicto Lopes Figueira, Vereador
da Câmara Municipal, abaixo de
cujo prédio se acha o muio anti-
quário de mercaderias e capricho
corrente colocal ocular, se vê a
"Dois grandes muros de terras e
cocos que poderiam ser utilizados
por quem de direito. Me lembra
do adágio seguinte: Por fora bela
viola - Por dentro pás bobrento -
Os envas: Por dentro que beleza -
Por fora que tristeza. Aredade e casa
Praca Antiga. Cadeia Velha - mais
inda: C. Vigêlio - Hoje depósito de
lixo - Não há vassoura?

São vendidas laranjas de "Rioque"
que o suspeito - Elto Lucio vende la-
ranjas e processa com 2 amigos, lito
de Rioque - It todag. Jega na hora
que o Batista vai comprar -

<- 1948 -> ||

Aspecto da cidade em 26-12- ||

A rua 31 de Março se achava com |

a agua suja desde o bar e café |

5 “Toledo” até o bar e Padaria Costa, |

passando pela frente do “Café Pilão de |

Ouro”, cuja casa devido o pessimo |

estado se acha “Interditada pelo Centro de Saude |

local” _ Em frente ao belo sobrado |

10 de estilo colonial, construído em 1860 |

em cuja porta de frente tem uma |

bandeira de ferro de [gosto] e as iniciais |

L.L.F e a data 1860, de propriedade |

de Benedicto Lopes Figueira, Vereador |

15 da Camara Municipal, debaixo de |

cujo predio se acha o maior sorti- |

mento de mercadoria e capricho- |

samente [colocalocadas],⁴⁸ se vê |

“Dois grandes montões de terras e |

20 cacos que poderiam ser retirados |

por quem de direito_Me lembro |

do adagio seguinte: Por fóra bela |

viola-Por dentro pão bolorento_|

Ao envez: Por dentro que beleza_|

25 Por fóra que tristeza – A verdade é essa |

- Praça: Antiga Cadeia Vélha – mais |

tarde: *Coronel* Virgilio – Hoje: deposito |

de lixo – Não há vassoura? |

- São vendidos laranjas de [“Araqui”] |

30 Que sacrificio – Dito Lucio vende la- |

ranjas e proseia com 2 amigos, todos |

de [araque] - ||[*inint.*] na hora |

que o Batista vai comprar - - ||

⁴⁸ Cremos que este termo se trata de erro do próprio escriba, que passou despercebido – o correto seria “colocadas”.

As crianças na mais or-
dem seguiam deis a deis
pelos centros, faziam a genufle-
ção em frente ao altar e quia-
der pelas catechistas: Ester Ben-
to e Maria Jurtina Guedes,
se distribuíam pela igreja de
Lomenha. Terminada a Comu-
nhão das crianças, seguiu a
do adultos, sendo entoado o
predileto hino « Gloria a
Jesus », respondido por todos.
Nesse momento me veio
a mente quando um des-
se dia, festivo, o saudoso
Professor Ovar Cabral, dis-
tribuiu esse hino a manus-
crito de cujo original
ainda possuo um - Quando
bêlo - São pais, mães, filhos,
filhos, filhos, dozeilas, moços
e vellos que se apressam
da S. Lomenha - Ao fim de
minim entoando o hino se
via uma jovem que fez
a 1ª Comunhão, orfã de pai
e destravada, mas eu p
no meio do refugio do Pastor -
e feto do harmonio onde
sempre se achou - Engra-
to momento distribuia a Co-
munhão os homens aguardando
a sua hora silenciosos se cedia

As crianças na maior or- |
dem seguiam dois a dois |
pelo centro, faziam a genufle- |
ção em frente ao altar e guia- |
5 dos pelas catechistas: Ester Pereira |
Ivo e Maria Justina Guedes, |
se distribuíam pela mesa de |
Comunhão – Terminado a Comu- |
nhão das crianças, seguiram aos |
10 dos adultos, sendo entoado o |
predileto hino “Gloria a |
Jesuz”, respondido por todos |
- Nesse momento me vem |
a mente quando num des- |
15 ses dias festivos, o saudoso |
Professor Oscar Cabral, dis- |
tribuiu esse hino a manus- |
crito de cujo original |
ainda possuo um – Quadro |
20 bélo – São paes, mães, filhos, |
filhas, jovens, donzêlas, moços |
e vélhos que se aproximam |
da *Santa* Comunhão – Ao pé de |
mim entoando o hino se |
25 via uma jovem que fez a |
1.ª Comunhão, orfã ou pai |
se destraviou mas eu o vi |
no meio do rebanho do Senhor – |
e perto do harmonio onde |
30 sempre se achou – Enquan |
to Monsenhor distribuía a Co- |
munhão os homens aguardando |
a sua hora silenciosos se [cala]⁴⁹ ||

⁴⁹ O correto, evidentemente, por razões de concordância verbal, seria “calam”.

Imposto de Contância - Ribeirão
avisar a Pedro Maria
e Sebastião Jacinto -

São Luiz - Terra de Ozvaldo Luz -
27-12-48.

Para salientar a pessima estado de
sugeira que se achava a cidade
onde nasceu o grande cientista
Ozvaldo Luz, ainda em frente o ex-
hotel Central sito a rua 6^a Domini-
gues de Castro, ao abrir no dia com
sol abraçada o encanamento de
uma privada, o que continha no
encanamento saia fumaça e
passando pela frente do referido
hotel, formava uma poeira, pensão fa-
miliar, padaria da Benedict, as-
surgue do povo, armazem da Celesti-
no Pedros, vai até o Rio Paraitinga
- ainda passa em frente da favela
Santa Teresinha - « Pobre do nariz »
- Quem se mais do acontecido ?
- O Rio Paraitinga que banha
a cidade - Pobre São Luiz

Benedict Manoel de Oliveira
- Vulgo « Benedict Lucas »
Bairro do Turro - Mercado no Mercado -

Jose F. de Jose da Cunha Barbosa - 1946 - 47
Mio em Custina 27.50 + 41.30 -
Estado de Minas Gerais -

- Imposto de Constancia – Ribeirão |
avisar a Pedro Maria <Ribeirão> |
- e Sebastião Jacinto – ||
São Luiz “Terra de Ozvaldo Cruz” – |
5 - 27-12-48 ||
Para salientar o péssimo estado de |
sugeira que se acha a cidade |
onde nasceu o grande cientista |
Ozvaldo Cruz, ainda em frente o ex- |
10 hotel Central sito a rua Cel. Domin- |
gues de Castro, ao abrir no dia com |
Sòl abraçador o encanamento de |
uma privada o que continha no |
encanamento sai pela sargeta e |
15 passando pela frente do referido |
hotel, farmacia popular, pensão fa- |
miliar, padaria São Benedicto, as- |
sougue do povo, armazem de Celesti- |
no Pedroso, vae até o Rio Paraitinga |
20 - Ainda passa em frente da pensão |
Santa Terezinha “Pobre do nariz”,
Quem ri mais do acontecido? – |
- O Rio Paraitinga que |
banha a cidade – Póbre São Luiz – ||
25 Benedicto Manoél de Oliveira |
<espaço> Vulgo Benedicto Lucio " |
Bairro do Turvo = Mercador no Mercado – ||
José *filho* de José da Cunha Barboza – 1946-47 |
- Móra em Cristina 27,50 + 41,30 – |
30 Estado de Minas Geraes – ||

Salve 26-12-1948

Em nome dos meus mun-
gantes de hoje, de seus pais e
bemfeitor, prestante e
merecida homenagem a
Monsenhor Ignácio Gisla.
Pe. José Maria Guimarães Alves
do Centro do Catecismo
dos proprietários do Line. Lhu
que gentilmente cede esta sala

I

Cantemos todos juntinhos
Oferecendo ao Padre José Maria
Pel seu aniversário
Comemorado neste dia

II

Pra saudar um bemfeitor
Não precisa que se pense
Basta só poder dizer
Eu sou um bom Luizense

III

Saudar os bemfeitores de fora
Deve ser pra nós dupla ação
Saudemos nosso Padre José Maria
Com toda satisfação

IV

Para que a saudação
Não afa alguma falta
Ao Padre José Maria
Batemos palma em alta

X

Telef. 520 - Taubaté - Dr. Balbi -

Salve 26-12-1948⁵⁰ ||
Em nome dos neucomun- |
gantes de hoje, de seus paes e |
bemfeitores prestamos justa e |
5 merecida homenagem a |
Monsenhor Ignacio Gioia. |
Padre José María Guimarães Alves |
Ao centro do catecismo |
Aos proprietario do Cine São Luiz |
10 que gentilmente cede esta casa |
I ||
Cantemos todos juntinhos |
Oferecendo ao Padre José Maria |
Pelo seu aniversario |
15 Comemorado neste dia |
II ||
Pra saudar um bemfeitor |
Não precisa que se pense |
Basta só poder dizer |
20 Eu sou um bom Luizense ||
III ||
Saudar os bemfeitores de fóra |
Déve ser pra nós dupla ação |
Saudemos nosso Padre José Maria |
25 Com toda satisfação ||
IV ||
Para que a saudação |
Não aja nenhuma fálta |
Ao Padre José Maria |
30 Batemos palma bem alta ||
x⁵¹ ||
Telefone 520 – Taubate – Dr. Balbi – ||

⁵⁰ Este fólio está lado a lado com o anterior, que é datado do dia seguinte. É uma rara desobediência de ordem cronológica do texto. Há três possibilidades que sustentam essa inversão incomum: Benedicto pode ter errado a data em um dos dois casos; Benedicto se lembrou de que algo do dia anterior, digno de nota, ficou para trás e decidiu fazer o registro; ou então o fato é indicação de que, por vezes, o caderno poderia não ter os registros feitos em si, diretamente (como os diversos espaços em branco indicam com bastante ênfase). Se pudéssemos comprovar a terceira hipótese, poderíamos afirmar que um ou outro rascunho pode ter existido, embora o rascunho não pareça prática consistente de Benedicto.

⁵¹ Não conseguimos indicar a razão concreta da inserção desta letra neste ponto. Talvez seja apenas um indicativo de que o poema terminou. Os sinais gráficos são muito usados por Benedicto, como já se viu anteriormente em outros fólios.

Jan. 2. O caso do Antonio Amada -
 " - O casamento do Ze Amancio -
 1948. 1º

O Zé Bel se apresentou como Deus. O Deus verdadeiro a fazer seus milagres fez o boneco branco e Zé Bel o Preto - Os brancos fizeram ver aos pretos o poder de Deus. Os pretos chamando sua cor Deus mandou que fosse no rio todos se lavarem porém com pressa pois o rio ia secar. Os pretos correram para lá e se molharam os pés e as mãos das mãos pois o rio havia secado.

o José Amancio -

filho de 35 anos, filho sem pais, vivendo e o tocador de sinos da capela de Catucaba -
 - quer se casar com a F. As tocas

os sinos parece ouvir os mesmos a dizer: Case, que case, case. Escurecia quando na porta do Bar do Benedito Geraldo de Sousa, aparece o Sebastião Blas e diz: Ze Amancio está fazendo o casamento? Pinto levanta os olhos e Ze Amancio estava rodeando o Pinto na esperança do prometido, ser o padrinho de seu casamento - Vamos ver -

Ver. Importo de Benedito Gomes Silva
 1948 - Afabiam - Catucaba

J. 2. José Leonardo Torres - Volta Redonda
 assombrado -

Jan. 3. Mensagem sempre da Olívia da Costa, 1948.00
 O casamento da mulher de João da Costa

Janeiro 2 – O caso do Antonio Arruda ||

" – O casamento do Zé Amancio ||

1949 – 1.º ||

- 5 O Luzbel se apresentou como Deus. O Deus |
verdadeiro a fazer seus milagres fez o homem |
branco e Lusbel o Preto – Os brancos fizeram |
ver aos pretos o poder de Deus. Os pretos re- |
clamando sua cor Deus mandou que |
fosse no rio Jordão se lavarem porem com |
10 pressa pois o rio ia secar – Os pretos correm |
para la e só melhoram os pés e as palmas |
das mãos pois o rio havia secado – |
“José Amancio” ||
- 15 Solteiro de 35 anos, filho sem pais, vivendo só |
é o tocador de sinos da capéla de Catuçaba – |
- Quer se casar com a F. <espaço> Ao tocar |
os sinos parece ouvir os mesmos a dizer: |
Case, que case, que case. Escrevia quando na |
porta do Bar do Benedicto Geraldo de Gouvea, |
20 aparece o Sebastião Claro e diz: Zé Amancio |
está tratando o casamento? Pinto levanta os |
olhos e Zé Amancio estava rodeando o |
Pinto na esperança do prometido ser o |
padrinho de seu casamento – Vamos ver – ||
- 25 Ver. Imposto de Benedicto Gomes Silva |
1948 – Bfabiano – Sertãozinho ||
- Janeiro 2* – José Crisostomo Torres – Volta Redonda |
assougue – ||
- Janeiro 3* – Dei para compra do Altar da Matriz Cr\$ 100,00 – |
30 - aniversario de morte do neto de João [Lins] ||

Janeiro 3 - Viagem de São Pedro - Grande ruínas
 49. de moços das classes de 192 e 30 que agora
 - dam a serem infectados, porém até a
 18 e 10 os envenenados não aparecem, po-
 rem D. Magalhães, se acha desde cedo -
 - Nota - Amulher de Augusto Marcelino sendo
 despedida da casa passou em minha ca-
 sa com quatro filhos. Deixaram um
 cano de lenha para Benedicta Amelia ganhando
 Lp 2,00, quatro ovos, 1 kilo de tomates - Pronto

Telefonar ao Sr. Alfredo José Balbi sobre o cami-
 nhão de Luz, vale apreendido em 30-11-48 -

Convite de Luz p. de Abilio M. Campos
 para eu casamento com Jacira L.
 Per Tigueira Campos - em 4-1-49 -

I

Senhores, viúvos, casados e solteiros.

Sobre o consorcio do nosso Luz } Luz e Jacira
 Não precisa que me refira } Toda a gar-
 Na casar se com a Jacira } milha -
 A dele e da Jacira } segue que apor-
 II } tocamos pelo

Casamento de amigos } Luz e Jacira
 Eu sempre advenho } e também Luz
 Olhei como contente a Jacira } -
 Na base do tio e do tio } Luz e Jacira
 III }

O Luz e Jacira na frente } Luz e Jacira
 Atira o acompanhamento } Luz e Jacira
 Notei que todos que iam } Luz e Jacira
 Com todo contentamento } Luz e Jacira

Janeiro 3 – Viemos de São Pedro – Grande numero |
 49. de moços das classes de 192⁵² e 30 que aguar- |
 dam a serem inspecionados, porem até as |
 18 e 10 os encarregados não aparece, po- |
 5 rem Dr. Magalhães, se acha desde cedo – |
 - Nota – A mulher de Augusto Marcelino sendo |
 despedida da casa passou em minha ca- |
 sa com quatro filhos – Dois carregaram um |
 carro de linha para Benedicta Amelia ganhando |
 10 Cr\$ 2,00 quatro ovos, 1 kilo de tomates – *Benedicto*Pinto ||
 Telefonar ao Dr. Alfredo José Balbi sobre o cami- |
 não de Luiz Frade apreendido em 30-11-948 ||
 Convite de Luiz *filho* de Atilio M. Campos |
 para seu casamento com Jacira Lo- |
 15 pes Siqueira Campos – em 4-1-49 – ||
 I ||
 Senhores, viuvos, casados e solteiros. } Luiz e Jacira |
 Sobre o consorcio do nosso Luiz } Todos das fa- |
 Não precisa que me refira } milia - |
 20 Vae casar se com a boasinha } Desejo que sejam |
 A dele e boa Jacira } No consorcio feliz ||
 II ||
 Casamentos de amigos } Que Deus proteja |
 Eu sempre adivinho } E tambem *São* Luiz |
 25 Olhei como contente a Jacira |
 Nos braços do tio – Pedrinho | }
 II }
 O Lopes ia na frente } Aos solteiros |
 Atrai o acompanhamento } O doce do casamento |
 30 Notei que todos que iam } Fatalmente se cega |
 Com todo contentamento } O noivo de [*inint.*] |
 A noiva de [*inint.*] ||

⁵² Acreditamos que estas referências eram aos anos das classes mencionadas. Talvez *Benedicto*, por lapso ou imaginando preenchimento posterior, tenha deixado em branco o dígito correspondente à unidade em “192”, que poderia ser, por exemplo, “1929”.

I 14-1-49

Lenhona que aqui está
O caso hoje aqui em bom sério
Levantamos um viva
Ao novo com seu rogerio

II

Aqui me acho e de castela
Vou saudar nro João Ebrão
Pois eu sou o Juca Teles
Das Cótias da do Tertão

III

10. Emila queira mesmo
Que eu aqui eu venha
Estava eu ocupado
Carregando cans de lenha

IV

Minha gente que aqui tá
Eu derroto sua na testa
Mas teu mesmo brilhando
Pode Anjo - sua festa

V

Eu sou o nro Juca Teles
Das Cótias da do Tertão
Aor

Faço muita saudação

VI

Que beleza neste sala
Tudo de lá está vend
Falta o Brag de amigos
Pois tudo tem encerrado

VII

Não falem hi - Não se ufete
Contasim os nervos - Coeste é de te

- I 14-1-49 – ||
Senhoras que aqui estão |
O caso hoje aqui é bem serio |
Levantamos um viva |
5 Ao nosso bom seu rogerio ||
II ||
Aqui me acho e de cartola |
Vou saudar nho João Ebrão |
Pois eu sou o Juca Teles |
10 Das Cotias la do Sertão |
III ||
Dona Emila queria mesmo |
Que eu aqui eu venha |
Estava eu ocupado |
15 Carregando carro de lenha ||
IV ||
Minha gente que aqui tão |
Eu derramo suor na testa |
Mas tou mesmo briantando⁵³ |
20 Padre Anjo – sua festa ||
V ||
Eu sou o Nho Juca Teles |
Das Cotias la do Sertão |
Aos <espaço> |
25 Faço minha saudação ||
VI ||
Que beleza nesta sala |
Tudo Belo estou vendo |
Falta o Braz Bélo amigo |
30 Pois tudo tou escrevendo |
VII ||
Não peçam bis – Não se repete |
Contaram os versos – Coeste é sete⁵⁴ ||

⁵³ Benedicto, em nossa opinião, teve a intenção de usar deliberadamente a forma coloquial mais simplória da forma verbal “abrilhantando”. Parece fazer sentido com o restante da estrofe, em que ele reclama de estar suado e pode ter querido fazer uma brincadeira com isso, dizendo que o suor “abrilhanta” a festa.

⁵⁴ Outra vez o uso de uma forma coloquial simplória ou arcaica, que, em norma culta, poderia ser algo como “com este, são sete”.

Catucaba 9-3-1949. "Enchente".

- Pelas duas horas foi o pessoal de Catucaba surpreendido com uma grande enchente que entrou pela freguesia do distrito - A casa de Augusto Bar de Campos onde o abaixo assinado se mantinha com a família, as águas dentro da casa em correnteza chegaram a altura de meio metro - Grandes prejuízos causaram - Saiu a ponte alta caminho de Ubatuba, diversas pequenas pontes e a grande ponte preta, todas na estrada de rodagem a Ubatuba. As 11 horas do dia sobre um pau e correndo ferreiros se pode passar na boca da ponte preta para a cidade.

Moços 11- O Bazar do Coringa, contado por Deslindo Barbosa. - - -

Dr. Renato de Castro Lima - Advogado.
Rua 15 de Novembro, 228. 4º andar.
Sala 415. Telefone. 6.3399. S. Paulo -

Companhia Antártica Paulista
Caixa Postal 85.
São Paulo -

As Antarticas	devo.	Contas 6,400 -
até dia 18 -	-	6,35,00 -
Dia 21 e 22 -	2	12,00
		42,00
Dr. g. deu 22 -	Aut	10,00
14-4 -		31,00
		81,00

Catuçaba 9-3-1949. “Enchente” ||
- Pelas duas horas foi o pessoal de Catu- |
çaba surpreendido com uma grande |
enchente que entrou pela freguezia |
5 do distrito – A casa de Augusto Pereira |
de Campos onde o abaixo assinado per- |
noitava com a família, as águas |
dentro da casa em correnteza chegou |
a altura de meio metro – Grandes pre- |
10 juizos causaram – Caio a ponte alta |
caminho de Ubatuba, diversas pequenas |
pontes e a grande ponte preta, todas |
na estrada de rodagem a Ubatuba |
as 11 horas do dia sobre um páu e cor- |
15 rendo perigo se pode passar na [lagoa] |
da ponte preta para a cidade – ||
Março 11 – O Bazér do Coringa, contado |
por Deolindo Barbóza - - - - ||
Dr. Renato de Castro Lima – Adevogado |
20 Rua 15 de Novembro, 228 – 4.º andar– |
sala 415 – Telefone 6.7399 – São Paulo – ||
Companhia Antarctica Paulista |
Caixa Postal 85 – |
São Paulo – ||
25 Ao Antoninho devo - <Candido Cr 4,00> |
Até dia 18 - - - - - Cr\$ 35,00 |
Dia 21 e 22 – [Dito] (2) 12,00 |
Soma 47,00 |
Dr. *que* deu 22 – [inint.] 10,00 |
30 14-4- 37,00 |
8,00 ||

Abril 10 - "Elas não sabem o que fazem"
- Aguardando a hora da procissão
- do encontro de N. Senhora do Rosário
da curada uniformizadas cantam
em toda o "Vem cá se, mãe se e de
feis em corrimoas até a frente da
matriz - Quem ar dirigi, fegunto ?

Abril 11 - A tarde chega o caixão
- mortuário de José Bento de
Oliveira Guimarães - Vai a casa
de João Manoel seu genro -

- Nota -
9 da noite sobre o balcão releio
o momento - Depois com a
notícia do falecimento de meu
amigo - Padre Telesforo de Menezes
- Passa um avião para o Rio -
O céu está belo - Ao lado do Rosário
duas grandes estrelas brilham
no firmamento - A musica Santa
Ceilia ensaia a Marcha Fúnebre -
Aguardo bater 9 e 1/2 para ir re-
zar a José Bento - A sala mor-
tuária estava assim - Sobre uma
mesa rodeada de quatro cirios
em três caixões mortuários o fale-
cido - Belos auxílios a cabeceira
Na parede um quadro com as
fotografias de João Manoel e sua família
esposa, filhos - O corpo é rodeado pelo
viúva, filhos, irmãos, parentes, amigos
e conhecidos do defunto - Quadro comvente

- Abril 10 – “Elas não sabem o que fazem” ||
- Aguardando a hora da procissão |
- do encontro de *Nossa Senhora* as meninas |
da cruzada uniformizadas cantam |
5 em róda o “Vem má vé, má vé e de- |
pois em corrimaças⁵⁵ até a frente da |
Matriz – Quem as dirigi, pergunto? ||
Abril 11 – A tarde chega o caixão |
- mortuario de José Bento de |
10 Oliveira Guimaraes – Vai a casa |
de João Maneco seu genro – ||
- Nota – ||
9 da noite sobre o balcão releio |
os O Momento – Depois com a |
15 noticia do falecimento de meu |
amigo – Padre Telesforo de Moura |
- Passa um avião para o Rio – |
O céu está bello – Ao lado do Rosario |
duas grandes estrelas brilham |
20 no firmamento – A musica Santa |
Cecilia ensaia a Marcha Funebre – |
Aguardo bater 9 e ½ para ir se |
sai a José Bento – A sala mor- |
tuaria estava assim – Sobre uma |
25 mesa rodeada de quatro livros |
em rico caixão mortuario, o fale- |
cido – Belo cruxifixo⁵⁶ a cabeceira |
Na parede um quadro com as |
fotografias de João Maneco e sua primeira |
30 esposa, falecida – O corpo é rodeado pela |
viuva, filhos, irmão, parentes, amigos |
e conhecidos do defunto – Quadro comovente. ||

⁵⁵ *Corrimaça*, segundo Houaiss (2009, p. 557), é sinônimo de vaia ou xingamento, ou a vergonha decorrente dessa vaia ou xingamento. Também é termo utilizado no sentido de tumulto ou algazarra, ou de correria.

⁵⁶ Certamente, a intenção do autor era grafar “crucifixo”, embora o tenha feito de forma incorreta.

Mais - 7. Rec. curtos de Bagé Rs 120,00

Um sitio denominado "Chacara",
situado no bairro denominado Chapéu,
havido parte por compra de Adelaide
Pereira de Abreu, Julio Bento Leiro e
Luiz Maria de Jesus e outros, e parte ad-
quirida por Jernyuta feita com Francisco
de Paula Pereira Salgado, conforme escritura
anterior ao registro, o qual divide pela
frente, com herdeiros de José Lima Pereira
Luth, pelo fundo com herdeiros de
Arlynd Pereira Luth e Cecilio Pereira
Luth de um lado com os mesmos
herdeiros de Arlynd Pereira Luth e de
outro lado com herdeiros de repetido José
Lima Pereira Luth, e Abilio Norberto da
Campa, Antonio Domingues Teixeira Leite
e herdeiros de Arlynd Pereira Luth, com
área mais ou menos de sessenta
alqueires, avaliada no inventário que
se fez no cartório do 1º ofício de co-
mércio, por fls. 100 do expediente Luiz Jo-
se mentes de Luth por Rs 60.000,000 -

Uma casa de morada coberta de
telhas, no referido sitio "Chacara" com
man. estado de conservação. R\$ 1.200,00 -

Uma pequena casa coberta de telhas
no referido sitio e feita de casa antiga
onde está funcionando a escola R\$ 400,00 -
8 famílias e 1 parte de parte -

Maio-7-Recolher custas do Bazilio Cr\$ 120,00 ||
" " ||

Um sitio denominado “Chacara”,⁵⁷ |
situado no bairro denominado ‘Chapéu, |
5 havido parte por compra de Adelaide |
Pereira de Abreu, Julio Bento Cirio e |
Luiza Maria de Jesus e outros, e parte ad- |
querida por permuta feita com Franco |
de Paula Pereira Salgado, conforme escrituras |
10 anteriores ao registro, o qual divide pela |
frente, com herdeiros de José Lino Pereira |
Coelho, pelos fundos com herdeiros de |
Arlindo Pereira Coelho e Cesario Pereira |
Coelho de um lado com os mesmos |
15 herdeiros de Arlindo Pereira Coelho e de |
outro lado com herdeiros do referido José |
Lino Pereira Coelho, e Abilio Monteiro de |
Campos, Antonio Domingues Teixeira Leite |
e herdeiros de Arlindo Pereira Coelho, com |
20 area mais ou menos de sessenta |
alqueires, avaliada no inventario que |
se procede no cartorio no 1.º officio da co- |
marca, por falecimento do executado Luiz José |
Monteiro de Campos por Cr\$ 160.000.000 – ||
25 - Uma casa de morada coberta de [*inint.*] |
telhas, no referido sitio “Chacara” em |
mau estado de conservação – Cr\$ 1.700,00 – |
Uma pequena casa coberta de telhas |
no referido sitio e perto da casa anterior |
30 onde está funcionando a escola – Cr\$ 400,00 - |
8 janelas e 1 porta de frente – |

⁵⁷ A partir daqui, neste fólho, se dá início a uma descrição própria dos mandados judiciais de penhora, busca e apreensão e outros tipos de restrições judiciais impostas a bens. Essa descrição é obrigatória, de forma, a individualizar o bem objeto da restrição. Como ele menciona um executado no texto, a restrição provavelmente foi imposta de forma a garantir o pagamento da dívida que deu origem a uma ação judicial de execução. Porém, aqui, ao que parece, Benedicto fez um rascunho ou primeira versão da descrição, uma vez que tal descrição não poderia ficar restrita ao caderno do official de justiça, devendo ser anexada aos autos do processo.

< Execução de Higienização ->
 1947 - B. 41,30 - Curo. 2x 147,30
 1946 - x 41,30 - " " 72,30
 1945 - x 41,30 - " " 195,10
 Pag em 11-8-49 - B. 414,70
 Rebo com Pto - 1/-

Januário Gomes da Silva - 13 anos
 f.º Benedicto Gomes "
 " Maria Bárbara " falecida
 Estado de Minas - Roraima
 Residentes no bairro Pamonã

Festa de Lagoinha.

Beirando a parede do mercado que fica
 em frente a Matiz - diversas barracões
 nas quais são vendidas diversas objetos.
 Entendidos no chão em diversos pontos
 os conhecidos "marcates" fazem a venda
 de objetos - Todos são premiados, não tem
 brancos - É só meter a mão na cambuca
 destas o número - Bilhetinho de sorte -
 João Teop, tira para o rito - Chegaram
 rapaziada e hoje só, amanha não tem
 mais - Império -

Uma sala de tradicional casa de
 festa, hoje de propriedade de herdeiros do
 Beirão, esquina do Largo de Matiz e
 uma que da a parte
 a capela São Benedicto e lab da estrada
 São Luiz, achava o império, hoje o altar
 a coroa e o divino - Ao lado de lá rico
 lousaria, uma de Matiz e casa de festa -
 lado esquerdo das de festa anterior

“Executivos de Higino Miranda Faria – ” |
1947 - Cr\$ 41,30 – brutos Cr\$ 147,90 |
1946 - " 41,30 - " " 72,30 |
1945- " 41,30 - " " 195,10 |
5 Cr\$ 414,70 |
Pago em 11-8-49 – |
<[Rendas] com Totó> ||
Januario Gomes da Silva – 13 anos |
Filho Benedicto Gomes " |
10 " Maria Barbosa " falecida |
Estado de Minas – Rosario |
Residentes no bairro Pamona ||
Festa da Lagoinha ||
Beirando as paredes do mercado que fica |
15 em frente a Matriz – diversas barraquinhas |
nas quaes são vendidos diversos objetos |
Estendidos no chão em diversos pontos |
os conhecidos “Mascates” fazem as vendas |
de objetos – Todos são premiados, não tem |
20 branco – E só meter a mão na combuca |
destão o numero – Bilhetinhos da sorte – |
João Tereza, tira para o néto – Cheguem |
rapasiada é hoje só, amanhã não tem |
mais – Império – ||
25 Numa sala da tradicional casa de |
festa, hoje de propriedade de herdeiros dos |
Coelhos, esquina do largo da Matriz e |
na <espaço> que da a frente |
a capela São Benedicto e lado da estrada |
30 São Luiz, achava o império, sobre o altar |
a coroa e o divino – Ao lado direito ricas |
bandeiras, uma da Matriz e outra [do festero]⁵⁸ |
lado esquerdo traz de [festeros] anteriores – ||

⁵⁸ *Festeiro* é termo que serve para designar o promotor ou organizador de uma festa, o que pode, a nosso ver, ser estendido a uma festa popular. Houaiss (2009, p. 889) também indica *festeiro* como sendo aquele que é escolhido para dar crédito ou patrocínio a solenidade religiosa. Se nossa interpretação estiver correta, Benedicto utilizou o termo de forma coloquial, talvez por apego à oralidade.

1912

Recordação do passado

Relembrando a primeira viagem ao
meu oficial de justiça em 1912, cujo
mandado foi a supressão do so-
litar (adrogado da roça), Joel Henri
Foster (Vulgo José Urco), Benedito de
Luzia Pinto, colaborador folclórico, a
prezados, representando a "Justiça
de apêv. segue a Laginha & Esquie-
cendo das recomendações de um velho
"Não se deve viajar ool", passa-
fome. Até a metade do caminho a
companha roedores que seguem pra
roça, pois diz o adágio "Festa ac-
bada musicoe apê". Meitando o cam-
inho vai encontrando pessoas da roça que
assistiram as festas em Laginha, que citam
boa a vista de Vigário Padre Leão, que al-
guem lhe deu o título "Coração de Ouro".
Na oficina de carpinteiro de Benedito
Luzia, fazendeiro de Fozimel, depois de ter con-
versado com o Missionário, encomenda as painu-
das manjilinda, para como presente re-
meter um ao Centro de Pesquisa e Músico de
Ondrade, cuja fisionomia, cabelo e barba
parecia com São João, estando o mesmo a
serrar um pau, - fol abasado, cantava de-
sigana I, passando pela casa do Zequin-
são o mouro, descansando a sombra de
uma bela árvore de jacaranda, onde apre-
cia o cantar de passaros dentro dos galhos.
O abasado e tempo de duas horas sob o
comitê da grande roça. Passando

<-1912" -> ||

- Recordação do passado – ||

Relembrando a primeira viagem co-

mo oficial de justiça em 1912, cujo |

5 mandado fôra a requerimento do so-

licitor (adevogado da roça), José Manuel |

Fontes (vulgo José Urço), Benedicto de |

Souza Pinto, colaborador folclórico, a-

preciador, representando a “Justiça |

10 deapé⁵⁹”, segue a Lagoinha – Esque-

cendo das recomendações de um velho |

“Não se deve viajar 001⁶⁰”, passa |

fóme – Até a metade do caminho a-

companha roceiros que seguem pra |

15 róça, pois diz o adagio “Festa aca-

bada musicosapé” – Meiendo o cami-

nho vai encontrando pessoas da róça que |

assistiam as festas em Lagoinha, que esteve |

boa aja vista do Vigário Padre Chico, que al-

20 guem lhe deu o título “Coração de Ouro”. ||

- Na oficina de carpinteiro de Benedicto |

Curcino, <↑xx> bairro do Faxinal, depois de ter con-

versado com o [Missias], encomenda ao primeiro |

dois monjolinhos, para como presente re-

25 meter um ao Centro de Pesquisas “Mario de |

Andrade” xxx cuja fisionomia, cabelo e barba |

parecia com São José, estando o mesmo a |

serrar um pau, -Sol abrasador, canticos das |

cigarras I – passando pela casa de Zé Bento |

30 uma bela árvore de jacaranda, onde apre-

cia o cantar de passaros dentre eles o [*inint.*] |

O abraço e beijo de duas árvores sobre o |

[caminho] faz grande sombra. [Recordando] ||

⁵⁹ Nos parece que a intenção de Benedicto foi fazer troça da “Justiça que anda a pé”, ou “de a pé”, como se diz na linguagem popular. E trabalhar pela Justiça a pé era o que ele mais fazia. Na grafia do termo, ele cuidou de unir a preposição e o substantivo *pé*, formando *apé*.

⁶⁰ Este sinal ou símbolo é muito estranho, mas, a partir do contexto em que está inserido, nos parece numeração, indicando que não se pode viajar *sozinho*; daí a opção que fizemos para a sua transcrição.